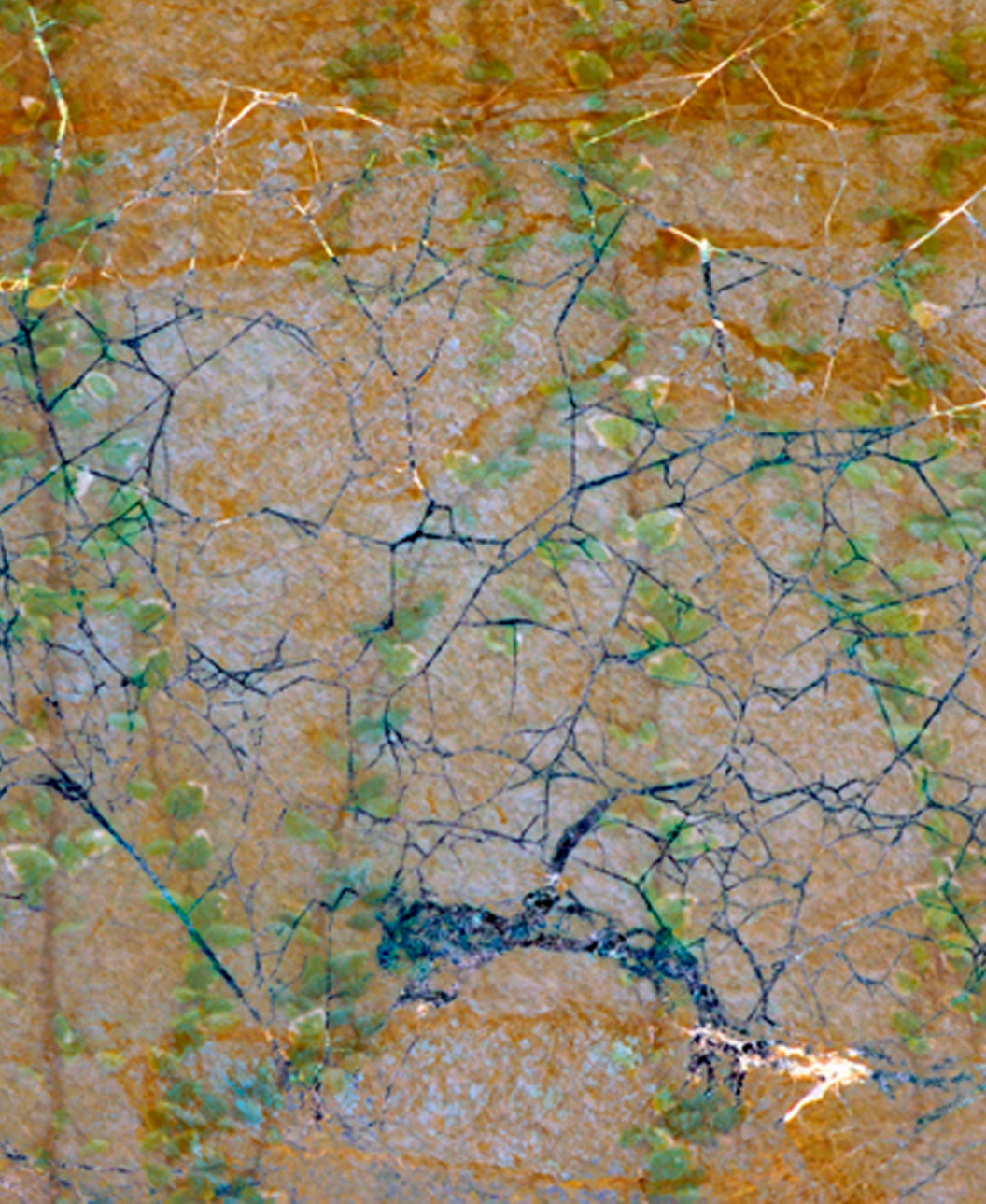


SOB A PELE DA LÍNGUA

BREVIÁRIO POÉTICO BRASILEIRO

floriano martins [org.]





Sob a pele da língua



**Colección Libros
Imposibles**

SOB A PELE DA LÍNGUA

Floriano Martins

COLECCIÓN LIBROS IMPOSIBLES

-2025-

Martins, Floriano. 1955 / Sob a pele da língua – *Breviário poético brasileiro* / Floriano Martins,
--1ª ed.-- Coedición | EntreTmas Revista Digital & Agulha Revista de Cultura, 2025.
526 p. 21 x 14 cm. <Colección Libros Imposibles ; 36 > <Digital>
1. Poesía / brasileña. 2. Literatura / brasileña. I. Título.

Primera edición, 2025.

Colección Libros Imposibles #36

© Sob a pele da língua

© Floriano Martins

Diseño editorial:

Melvyn Aguilar

Portada:

Floriano Martins

Coordinación editorial:

Juana M. Ramos

Corrección filológica:

El autor



SUMÁRIO

Língua de infinitos mundos

Salão de inquietudes

Sagração da pele

Daniela Delias

Gledson Sousa

Alex Simões

Andréia Carvalho Gavita

Jeanine Will

Patrícia Claudine Hoffmann

Marcelo Silva

Vinícius Lima

Wilson Alves-Bezerra

Davi Araújo

Demétrios Galvão

Giuliano Fratin

Márcio Simões

Mariana Ianelli

Rodrigo Barbosa

Beatriz Bajo

Nil Kremer

Nuno Gonçalves

Samantha Abreu

Tito Leite

Ana Farrah

Roberta Tostes Daniel

Airton Souza

Diogo Cardoso

Nina Rizzi

Casé Lontra Marques

Lucas Perito

Thiago E

Elys Regina Zils

Anna Apolinário

Geraldo Lavigne de Lemos
Leonardo Chioda
Thiago Ponce de Moraes
Carlos Orfeu
Laís Araruna de Aquino
Luís Perdiz
Mariana Basílio
Julia Raiz
Pedro Blanco
Joaquim Bühner
Vinicius Varela
Vivian Campos
Bianca Monteiro Garcia
Beatriz Regina Guimarães Barbosa
Laís Paiva
Amanda Vital
Ian Viana
Letícia Leal
Lucas Rolim
Mariayne Nana
Victor H Azevedo
Leonardo Chagas
Pedro Dzedzinski
Augusto César
Cíntia Faria
Fernanda Boaventura
Isadora Egler
Julia Moura

LÍNGUA DE INFINITOS MUNDOS

Uma coisa é certa... – eis uma expressão à qual não se pode recorrer no campo da criação. Tudo nele é incerto e a relação entre plantio e cultivo em muitos casos equivale a outra expressão, aquela que remete ao tiro que saiu pela culatra. A criação a frio, como almejam alguns criadores, nos leva ao mito do domínio, que não ultrapassa o território da linguagem, onde, aí sim, *lhe* é imperativo. Criar envolve outra esfera, a do perder-se nos meandros onde se ocultam ou desgastam o ser e os inúmeros conceitos que vai acumulando em sua vida. A linguagem é um sistema de símbolos que nos servem de veículo para a manifestação da criação artística. Naturalmente exige domínio, o que inclui também a abertura sensorial que nos permite ver a mesma coisa de incontáveis modos e ângulos. Floresta de gestos e demais signos, dela melhor sairemos quanto mais entregues à doação de nuances e vertigens.

Criar é perder-se, experiência cuja resultante, o objeto que *lhe* é decorrente, é que se traduz em ganho. Aqui não importa a qualidade desse ganho, pois em primeiro plano se verifica a voltagem do ato em si, de perder-se. No entanto, seja experimento científico ou criação artística, de imediato após a celebração de alguma conquista desentranhada de um emaranhado de símbolos, o que se exige passa a ser orientado pelas leis da funcionalidade ou da harmonia de formas e sentidos que constitui o domínio da estética. Convém, no entanto, separar Arte e Ciência, pela recorrente intromissão desta no cosmos da outra.

O modo como a arte celebra sua relação com tempo e espaço, por vezes, gera incompreensão, marcada por uma equívoca exigência, a de preestabelecer objetos de culto, seja o mito da subjetividade excessiva ou o serpentário de pensamento alheio à própria, portanto, peculiar, voragem da existência humana. Por vezes o poema se torna submisso à crônica ou devoto dos

relatórios científicos. Em outras tantas parece saído das páginas de um diário de pequenas angústias inconsequentes ou dos exercícios pueris das oficinas literárias. Sua vida, a despeito dessa morfologia de engodos, possui outra voltagem e requer outra configuração. O poema cria seu próprio tempo, seu próprio espaço, conectados por um cruzamento de sensações oriundas dos diversos mecanismos que definem a experiência individual e coletiva – tais dimensões não se separam na criação artística.

Escrito o poema, advém atenção à sua ressonância, ao modo como é degustado pelo criador. Nova suspeita em curso: a quem atende o poema? A ninguém mais além do poeta que o criou. Sua leitura por quem quer que seja abre uma porta *outra*, não a da determinação técnica, mas sim a da afinidade anímica. Também ao leitor caberá encontrar, no poema lido, o que ele lhe expressa e o modo como o faz. Pouco adianta escavar esse território como quem demarca especificações de áreas de acesso. Também a leitura é incerta e, em muitos casos, traduz o tiro pela culatra aludido.

A presente antologia tem intencionalmente a aparência de uma tapeçaria cujos recortes e pontos são dados pela secreta singularidade de suas vozes. Vista de longe, está possuída por um aspecto sinfônico, cuja partitura se define por uma diversidade de estilos e vivências. 58 poetas de várias partes do país, abrangendo idades que vão dos 40 aos 20 anos. Aos poemas resolvi somar um capítulo com o pensamento desses poetas acerca do poema e da poesia. Nova tapeçaria, repleta de luminosidades sobre o mergulho de cada um no abismo da criação. É bonito lê-los, observar como vêm encontrando modos de se livrar dos lugares comuns de uma tradição lírica em grande parte devastada pelos excessos, tanto de formalismo quanto de subjetivismo raquítico. Neles as influências – que atuam, como devido, como uma rede secreta de afinidades – se dão de modo múltiplo, sem submissão a modelos de culto.

Como em uma orquestra com 58 músicos, tudo o que o regente deve fazer é criar um paradoxo. Um composto de estilos que, dentro da mesma língua, possa nos levar a diferentes mundos. Lê-los – partitura entrelaçada com suas notações cobiçadas – nos desafia a afinar a sensibilidade pelo diapasão de nossa contemporaneidade. Estes poetas são o presente gratificante e através deles é que demarcaremos mar e sertão dos símbolos que elucidarão nossa presença na terra.

Então vamos lê-los.

Abraxas

SALÃO DE INQUIETUDES

Em conversas com Andréia Carvalho Gavita me despertou atenção a referência dela à criação do poema como *ato de recuperar um corpo fragmentado*. Certamente é o que fazemos a todo instante em nossa existência, o que confirma a ideia de que criar é um modo de existir. Estamos sempre recuperando corpos fragmentados. A partir dessa imagem tão fascinante e real, preparei uma pergunta para todos os poetas que estão conosco nesta aventura, a ver como eles se movem dentro do poema e dentro de si mesmo. Eis a pergunta: O que a criação de um poema representa em tua vida e como o percebes em relação a outras formas de expressão artística?

AIRTON SOUZA | O poema sempre foi e é em minha vida a elaboração direta de meus dias. Da escrita e da escuta das palavras em seus estados simbólicos e de plurissignificações é que costumo olhar a mim mesmo, como num espelho que sempre parece renovar a minha própria imagem e a do mundo. Verdadeiramente, a criação de um poema representa hoje entre tantas coisas significativas, a continuação do direito de ter o meu próprio nome, pois, foi a poesia que devolveu a mim o nome com o qual fui batizado. Fora isso, a escritura do poema é a parte que me cabe no mundo como forma de compreender a vida. Eu só consigo olhar para a linguagem pondo ela lado a lado com a vida. Por isso, a representatividade da escrita de um poema é a simbologia de continuar vivo. Em relação às demais formas de manifestações artísticas a poesia tem uma serventia importante, porque é a partir do poético que consigo entender-me com as demais formas artísticas. Sem poética tudo fica mais opaco que o normal.

ALEX SIMÕES | A criação de um poema é uma forma que encontrei de dizer que estou vivo e que resisto à morte. Nem sempre estou criando poemas e quando não o estou, tenho

a sensação de estar faltando com a verdade, com a minha verdade, haja visto que faz um tempo que me apresento como poeta e poeta é uma pessoa que escreve e de preferência que torna públicos os seus poemas (se bons ou ruins, se muito ou pouco conhecidos, aí são outros quinhentos). Para mim, ler, reler e traduzir poemas alheios são práticas mais importantes para a minha vida que escrever poemas, pois escrevo como consequência do ato de cotidianamente ler poemas e fruir obras de artes das mais distintas linguagens, que me ensinam um modo radical de ver e de viver o mundo, e, desse modo, de viver a minha vida. O contato com a poesia, com as artes em geral, e com artistas, me faz sentir vivo e minimamente esperançoso em relação ao mundo, por mais inacessível e desesperançoso que seja o poema que estou lendo, a obra de arte que estou fruindo.

O que segue é continuação da primeira parte da resposta e que se mescla com a segunda parte: a poesia é a menos culpada de todas as ocupações, como disse o poeta Waly Salomão. Essa culpa menor em relação a outras ocupações e, portanto, em relação a outras linguagens artísticas, tem a ver, creio, com o fato de que provavelmente o poeta é o artista com menos chances de ser percebido como alguém produtivo numa sociedade calcada em um sistema complexo de produção e exploração do tempo das pessoas. Somos menos culpados porque somos menos produtivos. Escrever no campo de “ocupação” a palavra “poeta” é por si só um gesto de insubordinação nos lugares menos insuspeitados. Tenho experimentado esse estranhamento nas recepções de hotel e também quando me perguntam o que ando “fazendo”, onde “estou” (quando estar em algum lugar significa sintomaticamente ter uma função social reconhecida como produtiva e regularmente remunerada).

Músicos podem ser empregados como músicos, alguns artistas visuais e até alguns performers podem ganhar uns trocados se derem a sorte de um curador recomendar a aquisição de sua obra para compor o acervo de um museu, de uma galeria. Poetas? Os que conheço e que vivem razoavelmente bem são

professores, oficinairos, revisores, tradutores, produtores culturais e pagam as contas do poeta com as outras ocupações, não tendo nenhuma ilusão de que seus poemas vão lhe render alguma estabilidade financeira. Prosadores podem ter essa ilusão. Umberto Eco comprou um castelo com os rendimentos de livros. Poetas? Talvez virando cantores populares consigam alguns trocados. Lembro o episódio de Laurie Anderson que, convidada a fazer uma residência artística muito bem paga pela NASA, que lhe pediu como contrapartida uma obra de arte que tivesse relação com a residência artística e o fez, apresentando um poema. E o fez sabendo se tratar de um ato subversivo porque um poema não era o esperado como obra de arte para uma residência artística para ao qual ela foi bem remunerada. Ela ouviu reclamações de seus contratantes, evidentemente. Eu me sinto atuando como a Laurie Anderson desse episódio, mas sem nenhuma chance de ser convocado pela NASA. Me sinto um desocupado.

AMANDA VITAL | Ao criar um poema, estou transpondo um fragmento de uma visão, uma memória escrita de cenas da minha vida – daquilo que foi visto, lido e, principalmente, experimentado – para o mundo. Lanço ao leitor uma das inúmeras possibilidades, uma maneira outra de percepção, um modo de enxergar as coisas através do meu próprio trabalho com a linguagem. Percebo o poema como a forma de expressão artística que me é possível, que me é alcançável. Utilizo o texto como suporte para essa tradução e é assim como vejo o poema na ampla gama de possibilidades artísticas: aquilo que consigo alcançar e que consigo fazer com que outras pessoas alcancem.

ANDRÉIA CARVALHO GAVITA | Aprendi a colar ossos de animais, mortos pelo atropelamento em estradas urbanas, quando iniciava estudos no curso de Ciências Biológicas. Os esqueletos recuperados eram enviados ao museu para exposições didáticas. Com a tarefa, que exige muita paciência, estômago e atenção, entendi a composição intrincada da estrutura que nos permite caminhar pelo solo, sempre desafiando a gravidade do

coração de um planeta. Ossos são materiais duros, alavancas com cerne gerador de precioso líquido, o sangue. Quando crio um poema penso na preparação dos esqueletos, verbos-falanges, substantivos-rótulas, advérbios projetados para ligaduras que permitirão dobrar os joelhos, alcançar frutos, envolver outros seres em um abraço ou repelir espécies ameaçadoras. Nenhum poema, por mais simples que seja em sua constituição, furta-se do ato de recuperar um corpo fragmentado. Tudo que lemos, aprendemos, projetamos em sonhos ou planos reais, sintetiza-se em um conjunto de linhas, uma pequena parcela do todo que nos insufla e movimenta, como se colássemos um corpo esquartejado, restituindo sua característica de ente único e independente. Escrever um poema é como a arte da taxidermia, exige ataduras, olhos de vidro, lentes amplificadoras, agulhas extratoras, alicates, tesouras e etiquetas para identificação. Montar um poema tem poder reparador sobre minha existência, me devolve a sensação de unir aquilo que me separa. O mar de informações dispersas que captamos e que nos captura se aninha em uma mensagem minúscula, rica em fractais. A arte da escrita é mais uma forma de expressão artística, gêmea do artesanato, diferindo da música, da pintura ou da dança, apenas pelo veículo: a pauta do papel (ou tela de monitor). É possível dançar ao ler (e escrever) um poema, sentir cores, texturas, caminhar por paisagens e memórias, e ainda escutar o sopro apaziguador da brisa marinha junto a uma cantiga esfomeada de quasar – tudo nascido da sincronia dos neurônios com a ossatura dos versos.

ANA FARRAH | O poeta é um jogador. Brinca com as possibilidades de dizer e criar a imagem a ser recebida pelo leitor. Codifica e decodifica, mente bastante, ri de si mesmo e ama criaturas idealizadas. Escrever é como dançar para entrar no Bolshoi; um exercício intenso de aprimoramento e muitos tombos em poemas que se rasgam ou vão parar na lixeira virtual da área de trabalho do computador.

Um poeta só é plenamente feliz quando vomita uma ideia de

uma vez e, sem polimentos, consegue montar o quebra-cabeça com aquilo que não seria mais bem dito caso fosse verbalizado. É um artista. E como todo artista, um ególatra solitário que necessita de aplausos.

ANNA APOLINÁRIO | Como já disse certa vez, criar um poema é tocar, lapidar um delírio, fazê-lo brilhar feito um diamante selvagem. O poeta é sempre o alquimista, aquele que maneja com audácia os afiados gumes da linguagem, raptando o pássaro palpitante que habita o Sonho. A escrita do poema representa o sagrado e delicioso ofício de mergulhar em abismos, vestir-se de tempestades, alçar voo rumo ao coração secreto, escavando fundo, para revelar o ouro de todas as coisas. Quando escrevo, eu acendo as chispas, alimento as febres, dedilho a poesia em estado bruto, transbordando das entranhas, devoro as formas do fogo, para traduzi-lo em sílabas, incendiando carne e espírito. Em relação a outras formas de expressão artística, percebo a linguagem poética como um elemento de força mística que une uma gama de possibilidades imagéticas, musicais e sensoriais. Concebo o poema como um animal mágico, nervos, sangue e magia, uma força da natureza, um lugar de poder, beleza e metamorfose.

AUGUSTO CÉSAR | Fazer literatura me vem como uma ânsia de vômito. Por meio de uma carga ansiogênica extenuante e elevada. À beira de um conluio comigo mesmo que visa à maquinação da minha própria morte. É como se cada sílaba fosse um mocambo que abriga a minha quintessência em um cômodo obscuro de sangue denso e insosso. A palavra – em mim – nasce no momento exato em que perpassa pelos fantasmas que me gritam do outro lado do muro. Dói. Sangra. Há em cada poema um litro e meio de sangue. A poesia me esgota, representando uma espécie de dessacralização na minha vida.

Vejo o poema como um ato falho e solitário, sem vigias. A minha palavra não precisa ser dita, encenada, cantada, pintada ou qualquer outra coisa que demande técnica ou treino. Sinto o poema como o mais visceral de mim. Em relação a outras

expressões artísticas, li uma vez que deveria existir uma pintura totalmente livre da dependência da figura. E existe: o poema... uma confluência imagética de tudo o que penso e ajo.

BEATRIZ BAJO | A criação poética é a forma de a gente viver... porque vem de um olhar enviesado quando se dá um passo atrás. Acho até que Lispector, quando disse atrás-do-pensamento-sentimento, falava disso. É quando não nos deixamos levar, mas seguramos em algo inescapável que é esse olhar. Verso, sendo essa dobradura de palavras... essa envergadura que me exercita a humildade e a paciência, também me entusiasma a fazer escorrer humanidades do sagrado e raiar divinações e milagres das criaturas. Um jeito sublime de viver como se dançasse.

Como percebo o poema em relação a outras formas de expressão artística? “No princípio era o Verbo... E o Verbo se fez carne...”

BEATRIZ REGINA GUIMARÃES BARBOZA | Não consigo responder isso brevemente, mas também não quero escrever muito. Em minha vida, a criação de um poema representa o registro de algo significativo na forma e no conteúdo, assim como no processo. É político e místico. Por ser um exercício de nomeação disposto graficamente na página, é distinto das outras artes pela centralidade da linguagem em seu som e imagem, ainda que eu não acredite em expressão artística pura descolada de uma outra ou várias.

BIANCA MONTEIRO GARCIA | Para mim, a criação de um poema nasce da constatação. Gosto de dizer que tudo que está no meu livro, *breve ato de descascar laranjas*, é verdade, porque não sei brincar de faz de conta na poesia. Ou talvez até saiba – afinal, toda memória é uma forma de mentira, uma imagem sépia envelhecida. Vivo intensamente as experiências que a vida me oferece e vejo, em tempo real, o poema ganhando forma diante de mim. Depois, é como se mastigasse a cena, recolhendo os pequenos farelos que restaram. Para mim, o poema surge

de uma implosão, desdobrando-se em um quebra-cabeça feito dos escombros. Quanto a outras formas de expressão artística, penso no filme e na música como extensões de um grande poema. Aliás, recorro com frequência ao que assisto e ouço como inspiração para a minha escrita.

CARLOS ORFEU | O poema é outra respiração, magma-língua, morada semovente. Produzir a vida enquanto poema sempre inacabado, torna-Me mais que um Ser finito e agustiante. Faz-Me parte do movimento das coisas salivadas pelo Espanto. Em toda forma de arte vejo o acontecer do poema inseparável da Carne do Tempo. O poema engendra outro mundo possível.

CASÉ LONTRA MARQUES | Algo ainda turvo, mas, ao mesmo tempo, vivamente concreto me faz acreditar que a escrita de um poema não começa nem termina. Suas materializações textuais – provisórias mesmo quando inevitáveis – consagram uma persistência. E, no meu caso, ajudam a respirar, assim como a comer ou dormir... A criação com a linguagem move camadas incomensuráveis: atropela o cotidiano, é verdade. No entanto, nutre os dias. Outras possibilidades de arte (são tantas) talvez caminhem perto disso. Não por acaso vejo a criação verbal em estado permanente de atenção, para farejar – às vezes entre rombos, às vezes entre frestas – as peculiaridades dos outros fazeres simbólicos: uma vocação alimentar. E (a seu modo) medicinal.

CINTIA FARIA | Toda essa língua de presságios: o poema torna possível dizer sobre os crisântemos na neblina rompendo o vidro que separa o teu corpo da luz e todo o escândalo de deus e das flores de ouro tão frágeis e tão reais... letra à letra, a palavra sem âncora, somente o som, transmissão de espasmo, não de sentidos. Morar no invisível, tocar a noite e saber-se tão pequeno, alcançar essa infância eterna e padecer diante disso, todo o horror das estrelas e todas as mortes como uma grande morte... é possível alcançar isso em um poema. Na linguagem

comum, diariamente nos referimos às coisas no mundo e carregamos todas as pretensões de comunicação e compreensão mútuas, compartilhamos ideias sobre o que é o amanhecer, um conceito, um fato a respeito do movimento da Terra em torno do sol... escrever um poema é sempre saber que nunca se trata somente disso. É sempre custoso uma palavra... vencer a tentação do silêncio, arrebentar a língua de si própria... a criação de um poema na minha vida é justamente essa travessia do desterro. Nunca saber-se escrito, mas sempre em chamadas, digo, não é sobre como vou me representar como alguém que nasce e fala, o poema não diz respeito ao representável, mas a todas essas aparições tão reais, vivas, tão próximas, que se presentificam na escrita. Creio que o poema tenha sido o lugar onde encontrei esse litoral de fronteiras para o que em mim é incabível, certamente me expressei melhor com as letras, embora aprecie muito as artes visuais e a música, principalmente... Tem algo sobre a sonoridade, os sons das coisas, acho tudo muito vibrátil, o som é certamente uma escrita viva.

DANIELA DELIAS | Para mim, a criação de um poema representa, sobretudo, uma inquietação, uma espécie de amálgama entre o que está dentro e o meu olhar acerca do mundo. É algo da ordem do desejo: uma sensação, o registro de uma imagem ou memória que, com alguma sorte, associa-se às palavras, possibilitando um trabalho posterior de lapidação. Tem também uma relação muito estreita com o meu espanto diante das coisas. Eu sou uma pessoa muito introspectiva, mas com uma necessidade imensa de comunicação. A escrita tem me possibilitado comunicar algumas coisas, que, de outra forma, não seria possível.

Eu entendo a escrita de um poema como um registro muito semelhante à fotografia, uma vez que quase sempre tenho a sensação de estar partindo de uma imagem. Quando falo em “imagem”, refiro-me também a um afeto, uma representação que vai aos poucos se ligando a outra até formar um verso. Há também uma relação com a sonoridade, uma busca de um jeito

de dizer que pudesse fazer com que as palavras dançassem, mínimamente. Então, é um pouco isso: uma fotografia, uma música, uma dança.

DAVI ARAÚJO | Sendo poeta, pela etimologia, “aquele que faz”, e a pretender eu sê-lo em tudo o que faço, como recomendava “um verdadeiro deus”, faço poesia do que vivo, e o fazer me perfaz. De todo antes imperceptíveis, os poemas todos antes de tudo poéticas: certas direções para se fazer todos os poemas em via de serem “feitos” (ou seja, “realizações”, “poemas”) em todos os sentidos, ainda que contraditórios, e que não precisam sequer ser sempre, depois, escritos; pois podem ser desenhados, tocados, ou somente – ainda – sentidos. Segue-se com esses poemas tão só sentidos como aqueles que antes se guiam sem os mapas que a seguir faziam. Esse sentido extra, quintessencial, a que chamam (bis)sexto, é o que, em potência, tem-se de mais perfeito em feição: o que nomeio beleza. Coisa que, de formas incertas, façamos de referência para nos fazermos ao desconhecido; talvez reconhecível adiante, se inadiável, pois sempre imperfeito isto de todo ainda por se fazer o que, enfim, de si em face, refaz-se-nos. É para mim tudo aquilo que tem sentido tão realmente perfeito quanto perfeitamente real; a expressão não mais das formas artísticas enquanto artes formais, mas de todas as formas de arte como a arte das formas todas; creio ser o que representa a vida, rerepresenta-nos o presente, faz-se presença – a poesia. De tudo, tudo cria.

DEMÉTRIOS GALVÃO | Pra mim, a criação poética é um desdobramento da vida e de suas potencialidades. Encaro a poesia como uma forma de ampliação daquilo que chamamos de realidade, busco, sobretudo, os possíveis que não estão dados. Por meio da linguagem, desdobro dimensões como quem desfaz um embrulho e ao mesmo tempo, invento o conteúdo, do tal embrulho. Nessa pulsação de vida-linguagem carrego nos bolsos palavras selvagens, cultivo imagens lisérgicas e busco formas não domesticadas. Ao passo que desenho um percurso poético, poema a poema, livro a livro, igualmente modelo a

minha existência como uma obra que, também, é parte da outra.

Aprendi com os poetas surrealistas que o melhor vocabulário é aquele que não se dobra por completo. A poesia não precisa dar respostas, pois o seu papel é o de tirar as coisas do lugar e colocar em outro, de preferência, em lugares estranhos. Provocar o deslocamento no olhar, na percepção e no corpo. O impacto está em não representar a realidade, em não descrever nada. Mas, em buscar as fissuras entre o visível e o invisível, se colocar fora dos enquadramentos, não trabalhar com os jogos de classificação convencionais e nem usar palavras que se desgastaram com um uso burocrático.

A criação poética se coloca como parte constitutiva de minha prática de existência, do modo como observo o mundo, de como me relaciono com minha família, com os meus amigos e alunos. A poesia faz parte do meu universo artístico, pedagógico e espiritual.

DIOGO CARDOSO | Se acredito na linhagem poética explicitada principalmente por Huidobro, a de que “El poeta es un pequeño Dios”, tenho para mim que criar um poema é abrir uma brecha para uma nova realidade. Penso ainda, e com a cabeça suspensa nesses nossos dias, que o poema, se não resolve a crise... (sequer consigo achar qualificativo para essa crise, tantas elas são!) em que vivemos, é uma das poucas utopias possíveis para a pouca realidade que está aí. Creio que, ao criar um poema, consigo ser o outro que me mira a nuca enquanto vejo o mundo. Há uma tentativa de aprofundar o ver nesse sentido. E preocupa-me quando não escrevo poemas ou estou pouco em contato com a poesia, é como se eu estivesse com alguma enfermidade na visão – um “sofredor do ver”, Maura Lopes Cançado *dixit*. O poema, para mim, talvez seja uma das poucas possibilidades de eu poder ver além do que vejo, inclusive porque quando escrevo, na verdade, sou escrito: algo escreve-se em mim. Apenas tento o esforço de manter o ouvido aberto e correr em palavras o que me é dito. E o início dessa visão é sempre uma imagem. É

sempre a partir dessa evocação que sei que minha atenção deve estar plena. Acredito no poema e, principalmente, na imagem porque sei que neles as realidades se abrem em prismas e daí tudo é possível e permitido. Burroughs dizia a Ginsberg, “Nada é verdade. Tudo é permitido.” –, citando o que ele diz serem as últimas palavras de Hassan Sabbah. E segue:

Vea *vea* *vea*

E é o que estou tentando.

Talvez isso do poema conter em si todas as visões, faz também com que nele estejam contidos todas as artes. Inclusive parece-me que muitos dos poemas que li há mais das artes visuais do que propriamente da literatura – que, curiosamente, o poema/poesia é uma categoria fora. Digo isso quando penso na maneira com a qual um Herberto Helder conduz suas imagens. Cada imagem que se desdobra forma uma peça “plástica” totalmente tangível e autônoma. Nele, a oposição verbo/corpo se desfaz. E há ali uma música que pulsa no ritmo do coração: sistole, diástole. Lendo muitas escritas recentes, vejo que a crise que passamos acaba refletindo numa linhagem de poemas em que se faz fratura exposta a crise na linguagem: o poema se reduz a um conteúdo que se limita exatamente a uma “realidade” aparente. Tanto uma realidade social quanto emocional. Abrir mão da potência da poesia, reduzindo-a a um qualificativo para algo que não ela, é largar mão da possibilidade de ver e expandir outras realidades, inclusive as que são clamadas, mas reduzidas a meros conteúdos utilitários.

O poema é.

ELYS REGINA ZILS | Criar e consumir arte é o que traz poesia aos nossos dias e dá sentido à vida. É um reflexo, porque nasce de um eu que sente, e também uma refração, porque esse sujeito absorve o que o mundo oferece e devolve em outra linguagem. Escrever um poema é como libertar aqueles versos que batiam asas no estômago, prontos para alçar voo. São instantes que carregamos conosco por toda a vida.

Achei curioso você mencionar fragmentos na introdução da sua pergunta. Justamente, meu livro de poemas recém-publicado se chama *Fragmentos de Silêncio*. São pedaços do cotidiano, de paisagens silenciosas que, paradoxalmente, dizem tanto. Somos feitos de fragmentos de diversas origens, e a arte pode ser a colagem que organiza e une tudo isso, sustentando o sujeito que resiste para enfrentar mais um dia.

FERNANDA BOAVENTURA | Quando acontece de eu ser atravessada pelos louvores que eu murmuro e pelo assombro por tudo o que a vida e a morte estendem e já estenderam diante dos meus olhos, sinto muita dificuldade de perdoar o meu coração por ter dormido. E neste instante, eu tento trazer ao meu socorro palavras para me redimirem de ter fugido tanto do milagre das estrelas e das cinzas.

A segunda parte da pergunta eu não sei dizer. Não quero dizer nada à toa, e ultimamente parece que grande parte do que vou dizer desiste de ser dito antes mesmo de eu dizê-lo.

GERALDO LAVIGNE DE LEMOS | A criação de um poema representa a descrição de um sentimento em estado puro. A poesia é uma das formas de expor a poética, entre as muitas expressões artísticas.

GIULIANO FRATIN | A meu ver, criar um poema é um ato com o mesmo sentido etimológico do verbo criar. *Crear* o Novo. Criar o próprio universo mental com todos os seres que o habita. Todo autêntico poeta brinca de Deus. Visto também que o termo grego *poiesis* (poesia) designa “criação”. Dentre outras formas artísticas, parece-me que a arte da descrição através de uma série de recursos estilísticos, proporciona uma forma de expressão mais completa, estando nela inclusa como anexo a interpretação subjetiva ou não do próprio autor. Poetizar é o meio mais independente e imediato como forma de apreender e exteriorizar a experiência vivida no âmagô do ser.

GLESDON SOUSA | A pergunta é mais que instigante, nos leva a refletir sobre o próprio processo de criação, e mais que isso, sobre a vivência do poema.

Porque falo em vivência do poema? Porque o poema é um instantâneo do espírito na confluência das diversas forças que o movem. Não é uma experiência literária, a literatura é a forma em que o ser se move, mas o poema está além.

Creio que cada diferente etapa de minha própria existência foi marcada por diferentes fases poéticas, como se a língua se transfigurasse a cada vivência, como se procurasse a forma adequada, o veículo preciso, e esse veículo sempre foi a poesia e não a reflexão conceitual, porque o pensamento conceitual não dá conta das várias instâncias da vida, dos entrelaçamentos, da sua plurisignificação e manifestação.

O pensamento poético tem esse caráter de hélice espiralada quadrimensional onde letras, palavras e sentidos se intercalam, se comunicam, se alteram, se transformam, sem deixarem de ser, mas não uma individualidade estanque, e sim uma comunidade heterogênea, de pássaro, criança, andrógino, planta e cosmo.

Talvez a arte que mais se aproxime da poesia seja o cinema, com a diferença de que as imagens parecem se congelar no tempo e perderem às vezes sua eficácia, o que não ocorre com a verdadeira poesia, cuja força permanece *in illo tempore e além*.

Da Vinci, ao comparar a pintura e a poesia, em seus escritos, conferia uma primazia à pintura pelo poder da imagem plasmada pela pintura: mas é justamente a imagem plasmada que às vezes reduz o poder de sugestão do pensamento imagético, o que não ocorre no domínio poético: a poesia pensa por imagens, e por sua vez a imagem evoca sempre em si a totalidade, que o poema traz sempre em seu bojo a cada vez que é lido ou celebrado. A pintura *condensa* certa leitura da imagem, confinando o pensamento imagético, de alguma maneira. A poesia evita esse calabouço.

Tanto a poesia quanto o cinema são evocadoras da totalidade, mas o cinema está mais sujeito ao tempo do que a poesia.

A poesia não é um apêndice da minha vida, ela é a própria vida.

A poesia é o verdadeiro pensar. O conceito é uma falsificação da realidade. O conceito é uma expressão do medo. A poesia carrega em seu colo o abismo, sempre.

IAN VIANA | Segundo a linha interpretativa do Movimento Víbora (o movimento de um homem só, por mim criado e por mim seguido), o nascer de um poema é como o de uma cobra que irrompe no mundo da matéria. Vocês já se perguntaram de onde vêm as cobras?!

O poema, como um ovo-veneno, é incubado por cerca de 60 dias (ou o tempo que seja necessário) para a maturação do instinto víbora. A picada se dá no momento em que o poema é lido e ele deve ser a cristalização da picada da Cobra Coral: produzir um choque massivo no sistema nervoso central, provocando uma série de espasmos na presa.

Sendo assim, por se aproximar do Reino Animal, como nenhuma outra, a Poesia – e não o poema – é a suprema forma de manifestação artística. Ela permanecerá, após nossa extinção, nas presas das cobras, nos olhos das onças e nas asas dos gaviões.

ISADORA EGLER | Escrever um poema é sempre o contrário de ser pragmático. É praticamente não deixar com que nada siga o curso do passado, a ordem da história. Para mim, conceber o poema é uma forma de presentificar a memória, o ontem, e não tem nada de mais bonito que negar o tempo cronológico. No entanto, apesar de lindo, escrever um poema pode ser, sim, e particularmente acaba sendo na maior parte das vezes, algo bastante doloroso: é quase como acessar tudo o que se quer esquecer e fazer um esforço para que o contrário aconteça. O motivo eu ainda não sei, mas sei que tudo pede ao escritor criar a figura de algo que só se derramando se limpa. Isso, inclusive,

me leva à segunda parte da pergunta: em relação a outras formas de expressão artística, o poema se diferencia por nascer de algo que sempre está ali. A linguagem, a fala, a necessidade da comunicação é basicamente o que nos diferencia do resto dos animais do mundo e criar graça em algo tão cotidiano, registrar as palavras de forma tão consciente, é sair do mundo real precisando de muito pouco. É o tipo de arte que para dar à luz basta ser gente, basta pensar, e tá ali. É bonito construir algo tão colossal com praticamente nenhum material, mas com aquilo que a gente carrega consigo até mesmo quando não tem mais nada físico e palpável. É falar da imagem sem precisar do retrato, da tinta, do vídeo, do barulho. Lembrar tudo com quase nada.

JEANINE WILL | Da criação até chegar ao poema pronto é um desvendar a poesia até se encontrar aquilo que não se esteve procurando o tempo todo ao redor daquelas palavras. Estou me distraíndo de mim enquanto escrevo. É a única coisa que funciona. Não há nada de luta amorosa. O campo da poesia, pra mim, não é um campo de batalha. Há entrega, doação para, em troca, vir à tona, sair de dentro da pedra, o poema. Aproxima-se muito da escultura e da ouriversaria.

JOAQUIM BUHRER | O poema aparece – e me é aparecido – na sua forma crua... *a da necessidade*. Esta, como um hiato, como um algo não dito, um vão entre o trem e a plataforma ou um elevador não presente no andar ou como um pokémon escondido na relva do gameboy e talvez como a Força interdita que um Jedi suplica e utiliza sem saber e sem querer. Depois, lapidado, se se apresenta plausível e mostrável, é talvez publicável. Gosto de transformar a realidade e minha formação cultural mista *neoneocolonial* americana – a partir daquilo que me bombardeou na *TV Globinho* e no *Bom Dia e Cia* – no conjunto com o ser-eu artista e incompleto na busca por intermédio entre o eu e o infinito escrevendo e vocalizando poeminhas. O poema, então, é a linguagem que falo quando não sei mais o que dizer, e por isso, como linguagem e súplica do método, se conecta com outras

formas de expressão artística diretamente na sua fonte, no seu cabo de fibra óptica, no seu fio de cobre, no seu *shape* talhado por *shakes* de boa forma e *whey protein*. Se conecta porque é a cama onde deita toda forma que encontro de compreensão artística, onde dorme a criação e onde acorda, onde almoça, onde janta, onde caga e onde brisa. Por ele passa tudo. É na academia do poema que eu malho esses bracinhos. É ali que eu interpreto e entendo um “O que é Golden Shower?” qualquer, um nariz de Pinóquio, todas essas metáforas imbecis sobre desenhos e séries e filmes... é onde eu embrulho a realidade para presente. Nem sempre é bom. Nem sempre serve. Algumas vezes o embrulho é mais bonito.

JULIA MOURA | Arte é ritmo, frequência, pulso, repetição, *mimesis*; isto não implica similitude, regularidade ou harmonia, entretanto, há um grau de semelhança entre todos os elementos que a envolvem, como se partissem da mesma fenda. Para mim, escrever um poema é explorar essa fenda; na medida em que leio e experimento do planeta, os instrumentos de que disponho ficam mais afiados, sedentos e lúcidos; é como se o instinto e a subjetividade fossem domados violentamente, a fim de esticar melhor as bordas da palavra e produzir imagens cada vez mais preenchidas. Cada poema irrompe à sua maneira, seja como um vômito cirúrgico e desavisado – aquele que é a única alternativa para cessar o enjoo –, seja como um parto normal comprido podendo durar meses, é quando a dilatação não acompanha a passagem do bebê.

O que esses processos representam na minha vida é muita coisa, é nada também; gosto da ideia de suspiro/centelha, da sensação de se ausentar do espaço-tempo, como diz Murilo Mendes. É o espaço entre a derrelição e o pertencimento.

Quanto à categoria de criação, acho delicada: quanto do novo há de fato na nova criatura? Estamos aprisionados nos signos que já possuímos e daí a importância de expandir o arcaibouço incessantemente, para que mais partes integrem o que nós

modernos gostamos de chamar de “processo de criação”. “Os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo”, tenho a impressão de que todo o meu texto habita essa citação de Wittgenstein. É nesse sentido que as outras formas de expressão artística se relacionam com o que escrevo, o cinema de Godard é uma leitura, assim como a música de Jards Macalé e a pintura de Tarsila. Fazer da vida experimentação/expansão; ler a natureza e a violência, as crianças mudas telepáticas, uma receita de pão integral, a chuva e a falta dela... O poeta é sedento pelo mundo porque é sedento pela palavra. Ela, que é o começo, o meio e o fim.

JULIA RAIZ | Me parece que responder ao que representa a criação de um poema na minha vida é uma tarefa similar a escrever um poema. Escrever um poema pode ser, entre tantas outras coisas, responder a uma questão que na maioria das vezes não está tão claramente formulada, mas que intenta dar conta desse amontoado que é estar viva. Por isso pra mim responder questões num poema é uma batalha, mais contra mim mesma do que contra o que eu percebo como resto. Uma batalha contra a minha impossibilidade/incapacidade/inabilidade de viver sem escrever e, principalmente, contra o que eu escondo vivendo que se revela na escrita. Escrever um poema é revelar, tentando esconder, tanto o que eu não consigo responder quanto o que eu nem sei que está posto como pergunta. A criação de um poema representa, então, no meio desse sofrimento, a prova de que estou em operação por causa de e apesar de tudo o que acontece e existe. Justamente por isso, um poema não representa nada na minha vida, mas seja a própria vida escapando e se transformando em escrita, uma matéria impalpável. Talvez por estar tão profundamente afetada pela vontade de escrever poemas, tento enxergar poema em todas as outras formas de expressão artística e não sei bem quais são os limites entre essas materializações ou não quero dar atenção a eles. Música, cinema, ímã de geladeira, picho no muro: os gatilhos pra escrita são infinitos. No fundo parece ser uma questão de tradução, me

relaciono com essas diversas formas e fico querendo traduzi-las para poemas porque eu acho que é isso o que eu sei fazer ou é isso, escrever poema, o que eu quero saber fazer.

LAÍS ARARUNA DE AQUINO | Sobre a minha criação poética, eu poderia começar por dizer o que disse Clyfford Still a respeito de seus quadros: “Quando eu exponho uma pintura, eu gostaria que dissesse: *aqui estou eu: esta é minha presença, meus sentimentos, eu mesmo*”. Assim, a criação (como objeto) viria a ser um prolongamento do artista ou, no caso, do poeta, no mundo e responderia a uma necessidade de exposição, de auto-expressão. Aliás, foi Mark Rothko quem afirmou que há uma “necessidade biológica de se exprimir”. De modo que a criação (como um fazer) corresponderia a essa necessidade.

Noutras palavras, a criação viria desde uma necessidade, como tal, geral, mas desaguardaria em algo muito particular, em formas pessoais do estar-no-mundo, marcadas pelo espaço de experiência do sujeito que escreve, mas em um horizonte tão amplo quanto suas expectativas.

Nos meus primeiros poemas, sinto que havia, de fato, uma vontade de reabilitar uma forma única de vida: profundamente individual – como as coisas e os lugares aparecem para o eu que escreve ou são por ele inventariados – e, ao mesmo tempo, demasiadamente humana, uma vez que todo e cada sujeito possui a sua geografia afetiva.

Nos meus poemas mais recentes, vejo que essa ideia a respeito da criação sofreu alguma mudança. É dizer, não se trata – tão-somente – de conferir às experiências recorridas – espaços, vivências, diálogos etc. – um sopro poético. Senão de desentranhar espaços da língua em que o eu do sujeito não teria tanta proeminência, mas questões mais abstratas, talvez, universais, como questões metalinguísticas, metafísicas etc.

Isto, para dizer que a própria ideia de criação, tal como todas as demais ideias, está sujeita a variações profundas, desde que

o homem, como vejo, não coincide jamais consigo mesmo. Está sempre por vir, em travessia. De modo que tudo que o toca também sucumbe nesse fluir.

A propósito, Wislawa, em “Alguns gostam de poesia”, pergunta-se o que esta é e conclui: “Pois eu não sei e não sei e me agarro a isso/ como a uma tábua de salvação”. Fazendo um paralelo, eu diria que não sei o que a criação representa na minha vida, a não ser como necessidade, e, no entanto, é nela mesma que me agarro para me ter acima das necessidades da vida. Algo pressuposto pelo agir do homem, algo que corresponde à liberdade para iniciar algo novo, cujo resultado é imprevisível.

Não sei se estaria correto equiparar a criação com o agir, uma vez que aquela se assemelharia mais a um fazer, uma vez que deixa um objeto perdurável no mundo. No entanto, ao menos como vejo, diferentemente dos processos ordinários do fazer, não há, ao menos literalmente, molde prévio e garantia de resultado. De modo que criar é também, de certa forma, um agir livre e, pois, imprevisível.

A liberdade que a criação pressupõe, diferentemente, no entanto, é uma liberdade quanto à língua. E. T. A. Hoffman afirmou que a música começa quando se interrompe a fala. Eu diria, com Agamben, que a poesia começa quando a língua se suspende e pode contemplar a si mesma. Nisto, a língua se livra momentaneamente de seu uso comunicativo e presta-se ao dizer poético.

É a língua como expressão de um estranhamento em relação a si mesma que é a matéria da poesia e nisto ela se distingue das demais expressões artísticas. Uma vez que a pintura tem, por matéria, a cor; a escultura, a matéria mesma, seja qual for a sua forma; a fotografia, a imagem etc.

Tudo somado, poderia concluir dizendo que a poesia é essa potência da língua que se vira sobre si mesma e pode se estranhar e, quem sabe, resultar em verdadeira criação artística.

LAÍS PAIVA | Um poema é pra mim uma brincadeira. Reúno as palavras e me divirto com o ritmo que surge quando as leio em voz alta. Gosto da prática de escrever e declamar em seguida, assim porque às vezes o poema surge mentiroso e mascarado e na declamação ele se revela falso, então descarto ou o espremo até que diga a que veio e o que o fez se manifestar através de mim. Outros vêm urgentes. Emergência de escrever pra irromper o vazio, rasgar o corpo oco. Poema-revide, desobediente, quando o silêncio vibra como convivência, o poema é um grito necessário. Às vezes feitiço, rito de palavrear, consciente da magia do verbo. O poema é feito da matéria de nosso próprio corpo: a voz e a palavra. Como aranhas tecedeiras, criamos nossos poemas como desmembramentos de nós. Ainda que para registrá-los no Grande Tempo nos utilizemos de mediadores, ele mantém a qualidade de ser feito da matéria viva do acontecer humano, e caso esses recursos desaparecessem agora, um corpo habitado pela linguagem ainda seria capaz de poemar. Nisso, sinto que o poema conflui com a arte da performance: o corpo da palavra como ferramenta, sendo o próprio corpo da palavra o corpo humano em seu devir. Falamos e na sutileza de um ritmo orquestrado, surge a poesia. Além disso, a poesia é uma arte muito mais democratizada, pois não te restringe pelo material, um papel e uma caneta, ou você mesmo num repente de *freestyle* (ainda que possamos falar das questões que envolvem as publicações impressas e os espaços de exposição e de contato com a literatura)

Pensando no aspecto estético do poema, sua métrica, ritmo, seu corpo, há uma potência de criar imagens multissensoriais típicas do poema e que as outras modalidades artísticas têm dificuldade em abarcar. Há imagens que só são possíveis na amplitude do devaneio de um poema, poemas de palavras imaginárias, recombinações fonéticas, caminhos inúmeros que não se esgotam em nenhum dialeto.

LEONARDO CHAGAS | Quando escrevo, é como se tivessem soltado as rédeas de uma carruagem de lobos-guarás famélicos. Corremos todos desordenados rumo ao local que a fome nos encaminha. O ato de escrever é em si a força da poesia. Quando retiramos do nosso dia o tempo para escrever poesia, estamos mudando a vida. Transformando a realidade. Inutilizando o nosso tempo. Como é bom ser inútil. Como precisamos ser inúteis e improdutivo. Poesia pra mim é combater as expectativas. Vomitar a ansiedade.

LEONARDO CHIODA | Talvez seja impossível o poema de outra forma que não um ponto cintilante em meio ao breu e às brenhas do mundo, o ouro que alumia as coisas. É essa arquitetura que assume o peso de tudo e, ainda assim, brilha.

E talvez seja o poema esse rudimento da palavra que se sobrepõe a qualquer instância da expressão humana, secretamente. Que se alimenta do desdém, do silêncio em volta. Ainda que íngreme o ofício, como o poço que se desce para ver a luz no fundo, escrever vai sendo a condensação da vida e da morte em número auspicioso de palavras. Um filme, uma cena, um relance, um retrato que acende o leitor. E nesse ato, o todo.

O poema é o ouro da escrita. A subida escarpada do trajeto.

LETÍCIA LEAL | Criar um poema é como descrever um rosto que se apresenta em meio à névoa; não descrever simplesmente como mostrá-lo objetivamente a outros que não o estão vendo por vezes de distração, visto que está ali, e de forma que o vejam e entendam que também o conhecem, e lembrem com o espírito de seu nome inefável. Nenhum outro processo criativo me ocorre de forma tão paradoxalmente impessoal e desnudante.

LUCAS PERITO | Não considero a criação poética como algo divino. Acho que há muito de um componente anímico não em um sentido “sobrenatural”, mas sim no sentido de algo que se forma dentro do muito que me concerne, seja isso algo dentro da minha história e que se mescla com aquilo que estou

em contato no presente, como um livro que estou lendo, uma música, um comentário que escutei, algo que senti etc. Acredito, sim, que a criação passa por certo adubo mental, pois, para mim, ela não vem sempre espontaneamente, é necessário que se traga as “musas” para perto, para que aquela ideia que faz parte do que há de mais profundo em mim se torne algum tipo de criação. Gosto de dizer que a criação poética, no meu caso, nunca vem de ocasião e sim, surge como um espelho em que descubro o “verdadeiro” sentido, enquanto o poema vai se formando, e percebo nesse reflexo algo de um dos ideais que sempre estão entre as minhas inquietações. Sendo mais claro, é um trabalho inverso, poucas (pouquíssimas!) vezes escrevo um poema em cima de uma ideia pré-concebida. O normal é um poema que se escreve e dele percebo a ideia contida ali.

Sobre a segunda parte da pergunta, acredito que a poesia, como criação artística, está mais próxima das artes plásticas, da dança e da música, pois tem como componente na criação a intuição, que não é simplesmente um “lance de gênio” ou uma “escrita automática” e sim algo que surge espontaneamente como continuação de um gesto (mental ou físico), sem ter sido calculado e pensado previamente, como ocorre no caso de uma tomada em uma filmagem, a criação matemática na arquitetura ou uma frase que dá continuidade em uma “trama” de um romance.

O que difere, talvez, a criação de um poema em relação às outras artes é o fato de ser uma vertente artística que, principalmente no século XXI, se intensificou no sentido de ter pouco (nenhum) valor de uso. Em uma sociedade cada vez mais automatizada, a poesia se mantém viva, sendo, simultaneamente, anacrônica e diacrônica.

LUCAS ROLIM | O fim de um ciclo. Ou de uma batalha, na maioria das vezes, que demora e demora e custa as forças de todo o corpo. Cada imagem, cada verso, o que dizem e como o dizem – a arquitetura do poema é um jogo de muitos pontos,

retas e planos, de forma que tudo precisa achar o seu lugar no corpo. Criar um poema é, portanto, encontrar novas habitações em outros espaços, subverter os caminhos para achar novos caminhos. O poema é libertação. Ou o prenúncio dela. E ainda assim, o que realmente me intriga na poesia é que apesar de ser uma arte que exija menos recursos – recursos no sentido de instrumentos, ferramentas, maquinário – em relação às demais artes, ela me parece vir de forma mais penosa, exigir mais de quem a pratica e está fatalmente sozinho diante de todo o universo imaginativo.

LUÍS PERDIZ | Navegar pela Poesia é aceitar o desconhecido da Vida e amá-la como força universal, misteriosa. Pensando em sua manifestação textual e na minha existência na terra, encontro possibilidades de aventura, de autoconhecimento e diálogo com meus contemporâneos. As outras formas de expressão artística me trazem sensações e revelações semelhantes, mas mais num sentido de mergulho do que de criação.

MARCELO SILVA | Penso que o poema, parafraseando Vicente Huidobro, é um atentado, porém não celeste, mas do cotidiano, vindo do concreto para atingir a outra borda, para transbordar mesmo. O poema (des)domestica, com a licença do neologismo improvável, a linguagem, a palavra, desenraiza ela da função utilitária do mundo como está organizado. É um animal selvagem no mundo o poema.

O poema é visual também, é sonoro, absolutamente musical e não é, é performance, é imagem. Ele dialoga com toda expressão porque é do estar no mundo que retira também sua existência, criação. Mesmo quando o leio silenciosamente, sozinho num canto da casa, ele tem uma voz e eu posso ouvi-la, posso vê-la. O poema é um ato, uma entidade.

MÁRCIO SIMÕES | Pergunta espinhosa, pois aponta para o que devemos calar, para o indizível. Para o mistério da criação, de que os poemas são manifestações textuais (físicas e fônicas). Espinhosa também pelo que a criação artística e ainda mais especialmente poemas (objetos que se recusam a

ser vendáveis) têm de “inútil” para o senso comum hodierno; ou de nada mais que joguinhos com palavras. Entre outras coisas, a criação artística representa uma forma eficaz (e bastante específica) de lidar com o mundo fora e dentro de mim. De encontrar um espaço e uma compreensão pessoal das coisas, mais livre das coerções e distorções sociais. E justamente uma maneira de se contrapor a uma visão utilitarista e reducionista da existência, participando na criação de algo diferente disso. O poema se comunica e pode absorver técnicas e métodos de qualquer outra expressão artística, seja o teatro, a música, as artes visuais, a arquitetura etc.; e essas também podem incitar naquele que as frui as energias, ideias e percepções necessárias à criação linguística. Mas não apenas o que se possa considerar “artístico” influi no poema; de preferência, absolutamente *tudo* na existência de um poeta deve influir no poema.

MARINA BASÍLIO | Criar um poema para mim não é exatamente uma representação, funciona mais como uma maneira de completude. O que em outra forma literária eu dificilmente descobriria sobre mim ou sobre a humanidade eu resgato na poesia, em seus avessos e rupturas. Versar é em mim uma espécie de transgressão e dualidade, quando adentro diferentes significados da palavra e dos momentos históricos em que estamos e fomos inseridos com os séculos.

Escrever prosa é um certo avesso dessa proposta. Sinto que quando escrevo prosa procuro mais refletir o que possuímos (ou imaginamos possuir) de conhecimento ou de experiências pessoal e coletiva, transmitindo em novos adendos que emolduram representações mais basilares, ao chão do raciocínio.

Mas penso que ambas, prosa e poesia, são extremamente necessárias ao nosso descobrimento interior e exterior, inclusive, em diálogo – como quando lemos formas mais aproximadas, como a nominada prosa poética.

Portanto, a criação, seja de prosa ou poesia, é o que me estabelece no que posso entender como minha alma, minha história na lida em que vivo.

Essencial, por não o ser.

MARIANA IANELLI | Para dizer da maneira mais honesta e sem grandes elaborações, um poema representa para mim tempo transfigurado, tempo não desperdiçado. Tudo pode alimentar esse poema, e aí incluo, além da vida, as outras artes (sobretudo as visuais).

MARIAYNE NANA | Os poemas são faces avulsas do mistério – crepítam como fogo por alguns instantes – e retornam sem o vestígio das mãos para dentro da noite de onde foram retirados. Iluminação fugidia: gosto de conservar neles uma pontualidade parecida com aquela que as estrelas fazem no escuro...

Eles continuamente revelam para mim a importância de significar autenticamente a vida a partir dos pequenos fragmentos de mistério (*alma*) que se deixam entrever. Um poema afirma a potência da observação, registro, cuidado e recriação de tudo que é abstrato, ele materializa o campo das emoções. Valorizo muito esse processo e hoje vejo que não é possível fazê-lo sem arte, de modo que essas duas instâncias, arte e vida, acabam se desterritorializando para fundar novos caminhos.

Geralmente gosto de elaborar os poemas como esculturas: vou talhando as palavras, sempre limpando as saturações de sentido (*emoções*), até que sua forma final se estabeleça da maneira mais mínima, contundente, íntegra e intensa possível. Também observo quase sempre a plasticidade das imagens criadas. Acredito que elas emitam, na verdade, a própria plasticidade dos afetos que a fundamentam. E, por fim, tangencio a musicalidade intrínseca ao poema, por meio da qual posso intuir aspectos como vibração, altura e correspondência sonora entre as percepções que me perpassam.

NIL KREMER | Penso que o poema está em tudo, portanto se manifesta em todas as linguagens artísticas, ou todas as

linguagens o manifestam. A criação de um poema é um respiro, o pulsar no compasso que me apetece.

NINA RIZZI | A poesia está no centro de meus interesses, sejam meus próprios poemas, ou poemas que traduzo, levo pros laboratórios de escrita, leio nos saraus ou no silêncio de casa. A poema (sim, no transgressor e subverso feminino) é tudo: a flor sobre o corte profundo e o petardo na sala de jantar.

Amo todas as artes, adoraria fazer de tudo mais: mais música, mais artes visuais, mais teatro... mas é na palavra que está meu ABRACADABRA, a palavra é minha força.

NUNO GONÇALVES | A poesia é o túnel depois da luz. Criar poemas ou ser criado por eles é adentrar os subterrâneos, escavar a terra, remover os entulhos, burlar as fronteiras. Esses túneis se conectam a outros túneis e nos levam a uma autêntica aventura no reino do escuro. Tudo o que vivemos tudo o que pensamos tudo o que sentimos vai se sedimentando à revelia de nossa razão e termina por regressar à flor da pele: seja na forma de larva causando erupções geológicas ou na forma da possessão em que somos transformados em cavalos ou na forma de uma tempestade tão intensa que parece até que não seremos capazes de sobreviver à sua passagem. Existem pessoas que lidam com isso utilizando outros materiais que não a palavra e se tornam fotógrafos, artistas plásticos, pintores, cineastas etc. No meu caso, a escrita se impôs irremediavelmente enquanto meio e forma capazes de dar conta deste processo. Certa feita escrevi um poema que tentava se aproximar de alguma definição disso que você me pergunta e gostaria de concluir com ele:

BOULEVARD – BELLE ÉPOQUE

todo cambia – o inferno tem muitas faces
a poesia é uma broca de diamante perfurando
as camadas as camadas as camadas
entre a realidade e a realidade

todo cambia – infinitos são os sabores contidos numa só
lágrima

a poesia é uma broca de diamante perfurando as espessas
camadas espessas camadas espessas camadas
entre a realidade e a realidade

todo cambia – a poesia é o túnel estreito e labiríntico que se
segue à avenida iluminada.

PATRÍCIA CLAUDINE HOFFMANN | Como disse Roger Garaudy, o objetivo das artes é o de desenvolver o amor e a aptidão para a criatividade de expressão pessoal. A criação de um poema, penso, se parece muito com um ato de amor, ato de entrega absoluta, de cristalização da substância *invisível*, a qual chamamos de poesia. Poesia que está em todas as formas de expressão artística e está na natureza, e ainda que, por sua vez, quando se verte e se converte na palavra, nos filtra de fé a alma, num convívio interior preparatório, até que brotem as palavras, e de um mutirão delas, então, a poesia ganhe forma, numa metamorfose que é ponte para o poema. Escrever um poema me parece também como atirar-se num precipício, sem nenhum medo do que não virá. Tudo na criação, a meu ver, passa a ser simples se há entrega. Se acharmos o ponto de saltar. E essa procura é o que faz todo o sentido. É o que salva. Isso me fez lembrar agora o poeta Octavio Paz quando diz que a “poesia é salvação, poder, abandono...”

O fato é que antes de escrever qualquer poema, sem nem mesmo saber que um dia eu o faria, a poesia entrou-me pela tez da música e pelo corpo do desenho. Tão importante para mim se fez esse convívio com a poesia, assim, nesse estado de não-palavra, num profundo diálogo com a imagem, com os traços, sons e cores. O que não era música era cor, mas não era palavra ainda, e os sentidos sempre surgiam da observação voltada para o lado de dentro das coisas, dos acontecimentos... como tem sido até hoje. Naquele tempo – da infância à adolescência – o

olhar reproduzia em traços e cores o que via e sentia, e essas cores sempre me sopraram como seres, indivíduos, cada uma com suas particularidades. Assim como as notas musicais, mais sentidas do que efetivamente estudadas por mim. Isso é quando a poesia passa a tomar conta de tudo, a dissecar com a alma. E cada coisa deixa de ser “coisa” e se personifica, vai ganhando ânimo através do olhar, um olhar que já não perdoa sem o consentimento de alguma beleza. E que já não escolhe sozinho. Assim fui apresentada à poesia, pelas mãos da música e do desenho, e acredito que, através desses dois, dessas conexões, passei a fazer uma espécie de exercícios de abstração, que me foram e são fundamentais para a recepção da poesia e, simultaneamente, para a concepção de poemas. Criar um poema representa em minha vida, além de um ato de amor, ter as mãos sempre melhoradas de vazio. E constantemente tem sido. De outro modo não se faria.

PEDRO BLANCO | Diversão. Poderia estar aqui evocando o dicionário dos clichês, mas é isso. Na vira-lata papo torto. Quando as crianças que me educam me perguntam: “Pedro, qual tua brincadeira preferida?”, respondo: poesia. Poesia é como significo o mundo, percebi faz pouco que nunca soube me separar dela, é minha primeira e quinta marchas, estacionado ou descendo a ladeira da preguiça na banguela. E se ela é meu ponto de partida para o próximo passo faz sentido se não for divertido? De tristeza o mundo tá cheio.

Para mim, o que difere o poema das outras formas de arte é a praticidade e a acessibilidade. Qualquer um pode fazer um poema, quem tem papel e caneta na mão, quem é doutor ou analfabeto, quem solta a voz ou solta a libras. Poesia é pra todos. Axé!

PEDRO DZIEDZINSKI | Levo o processo do poema como uma atividade simples. As coisas em minha vida têm acontecido tal um Exercício, fora de controle e sem qualquer pretensão se não a do experimento. É o mesmo para o *texto*. Ponho para fora o bruto e trabalho nele até a exaustão que não costuma tardar.

Releio algumas vezes ao longo do dia e acabo esquecendo – e assim com os próximos, como aconteceu aos últimos. Escrevo sempre um de cada vez. Não tenho fôlego para mais do que isso.

ROBERTA TOSTES DANIEL | Um poema, a meu ver, é um instrumento potente, dono de uma funcionalidade diversa, fora da concepção utilitária acerca dos objetos do mundo. Ele parece coexistir na multiplicidade de interfaces e dimensões do ser e da natureza. Não o sacralizo, mas sei que ele se articula de forma originária com aquilo que o precede e sustenta, sei que ele dinamiza todo um estado de coisas, e que seu ponto é a ebulição. O poema carrega uma matéria capaz de ressonâncias que tendem a operar para além da discursividade, e que só a linguagem e a percepção cotidianas talvez não abarquem. Como se ele fosse, *a priori*, a própria metamorfose, com suas injunções e disjunções e essa fosse a propriedade máxima de um poema, a despeito de suas qualidades estéticas e de sua literariedade. Nesse sentido, é uma aposta alta na poesia, como aquilo que dá à existência um espelho partido, mas o melhor espelho, em que se adentra e do qual se sai cheio de cortes e profundidades. No sentido espinosista, vejo o poema como um plano de imanência que almeja interferir diretamente na realidade, pleno de atributos, de meios, capacidades infindas de variar, produzir, se relacionar. A criação de um poema, sendo o poema o que descrevo, almejaria a quebra da representação e a entrada no silêncio, na transparência e na turbidez da vida. O fato de ele habitar outras formas de expressão artística parece quase circunstancial, já que tais formas são, antes de mais nada, tensões da linguagem, rasgos na inteligibilidade ou na ordem operante, assim como um “golpe de asa” em Sá-Carneiro; o torvelinho das visões e das estrelas de Van Gogh; um lobo uivando para a lua; qualquer música que, intensamente abstrata e codificada, melhor comunica o universal, com suas fronteiras tão aquilatáveis. Em suma, sem as demais artes, o poema seria sim uma cópia malfeita da realidade. Sem a poesia, em contrapartida, não há como acender o gesto a partir do qual os sentidos se expandem.

RODRIGO BARBOSA | A criação de um poema para mim representa a materialização artística da inquietação, da insatisfação, do estranhamento e da incapacidade de adaptação ao mundo comum, assim como é também a materialização do desejo de dar voz a pensamentos e sentimentos que não têm suficiente espaço nos discursos “normais” do nosso cotidiano. Então, por que não há normas, programas ou planos que satisfaçam minha alma, escrevo como estratégia de fuga da vivência ordinária, ao mesmo tempo porque isso proporciona um discurso demarcador das minhas “zonas autônomas” – possibilidades de transformação da realidade ao meu entorno. Portanto, o poema é a materialização do estado poético que sinto ferver e borbulhar dentro de mim, e que urge emergir.

A realização do poema finaliza sempre com o trabalho manual da escrita, claro. Uma vez exigindo certo apuro artesanal, outras surgindo no momento mesmo do pensamento, sem a necessidade de nada mais do que o que ali está, pois já nasce pronto. Há ocasiões em que surge para mim como ritmos que se impõem e que autonomamente sugerem as palavras, permitindo que a sonoridade seja portadora de significados profundos. Outros momentos, surge como expressão plástica de um pensamento, um sentimento, uma contemplação – ora apresentados como mosaicos ou colagens, ora como desenhos oníricos.

SAMANTHA ABREU | A criação de um poema me parece um *inauguramento* de linguagem, um modo único e intensamente subjetivo de me colocar em relação com o que a vida e o mundo representam. É como se eu, por meio da construção poética, conseguisse inventar um jeito novo de (sobre)viver e de me expressar; é como se criar um poema me permitisse inventar um mundo, inventar uma cura, um antídoto; é ter uma experiência que nem sempre o corpo vive, mas a sensação poética permite entender.

E eu percebo a criação de um poema sempre por meio de imagens. Minha construção linguística é muito imagética. Eu

sempre peço na representação até que a poesia vá me dando palavras e me indicando a forma do poema. Neste sentido, me sinto muito próxima de outras artes que desenvolvem uma linguagem a partir de imagens. E reproduzem na arte o que as imagens indicam, materializando uma experiência e um fato poético.

THIAGO E | Não sei responder ao certo, mas vou tentar me desentender melhor. O poema (e nele o que há de música) é meu caminho de vida. Aí jogo com o possível e o impossível da linguagem. A gíngua da escrita é feita de prazer e alguma angústia. Uso quais palavras? Como começar? E essa ordem? Estou sonhando? É o fim ou desisti? Corto aqui? Falta algo? Tudo é falta? Então lembro da Élisabeth Roudinesco, que diz: *por amor ao que a angústia nos proporciona*. Angústia é aquela amiga que nos apresenta ao desconhecido. Pode nos ensinar a investigar. Como assim? O poema é esse corpo estranho mesmo, movediço, tem caráter erótico, escapável demais pra um produto utilitário, nunca apreensível por completo, e pode nos colocar em estado de completude, ou suplementação, apesar de, frequentemente, nos fragmentar (mais ainda) depois da leitura. É provável que tanto o ato de criar como o de ler o poema tentem *recuperar um corpo fragmentado*. Ou ao menos partes dele. Recupera à medida que fragmenta outros pedaços. Talvez seja ambivalente. E agora imagino que nossa fragmentação talvez venha do nosso desejo. Aprendi com Jacques André a beleza do sentido original de “desejar” (*de-sidus-eris*): *contemplar o “astro”, ser “siderado” por ele sem jamais poder possuí-lo... Assim caminha a vida, voltada para o que não temos, animada pelo que falta*. Tal estado fragmentado parece nossa insatisfação. Vejo cruzamento entre escrever um poema e nossa relação com o desejo. Quanto a outras formas de expressão artística, sinto que o poema (e sua música), quem sabe por usar a língua, a palavra, matéria-prima tão comum no dia a dia, é o que mais me seduz. As possibilidades do poema levam ao prazer do ritmo, despertam para deixar a visão livre, me transformam com seu mistério onírico. Gostei muito, Floriano, quando te vi

citando o Hans Arp: *Nossos atos são atos de sonhadores, de nadadores enigmáticos*. O ser humano engatinha para crescer. Anda após imitar um gato. Recordo a sabedoria Guajajara da amiga Aliã Wamiri. Uma vez, ela me disse: *o tempo é passado de animais*. Acredito que, na criação de um poema, procuro incorporar essa felinidade inicial. Também podemos agir pela não ação, comunicar por um vocabulário sensorial. Neste século em que tanta gente mal dorme, e sonha pior ainda, é bom observar os gatos: dormem setenta por cento do tempo, e não separam realidade e sonho. Aliás, o sonho, antes de ser visto, é apalpado. É o cafuné que planta na cabeça o sonho. Por isso, ao pôr nossos dedos na moleira do gato, seus olhos se fecham em pequenos espasmos: sete vidas assistindo às pálpebras por dentro.

THIAGO PONCE DE MORAES | O ato de criação poética para mim se irmana ao ato de respiração. Na obviedade da própria afirmação: ambos são atos que legam a vida, que viabilizam a vida. Se sigo a esteira da tradição do pensamento ocidental, percebo que o que gesta a luz, originalmente, é o verbo: o imperativo da voz, um sopro contra o escuro, e então a vida se abre pela primeira vez – a luz é feita; há.

No entanto, é ainda mais evidente nos darmos conta de que a respiração é aquilo que nos ancora à vida. E, sendo a poesia uma forma de vida ela mesma, não haveria como apartá-la da respiração. O ato de criação poética, pois, visa à manutenção da respiração da linguagem (ao interrompê-la, corrompê-la, falseá-la) – e por isso também visa à manutenção da própria possibilidade de vida, de haver outros modos de vida, na, com e a partir da linguagem.

Estendo a pergunta e passo do ato de criação para a coisa criada: o poema. Isso para dizer também: a respiração antecede a linguagem, antecede a própria possibilidade de voz. Eis o lugar da poesia: gênese à deriva, um estar a caminho, sem fim. O mesmo é dizer: estar no âmbito da linguagem (sobre a qual não há qualquer possibilidade de controle, sobre a qual não há

qualquer possibilidade de decisão – características agravadas pelo poema, aliás).

É claro que a presente resposta é entregue como síntese de uma elaboração que não caberia nessas poucas linhas, podendo algumas conclusões soar excessivamente apressadas. No entanto, ousou avançar um pouco mais com breves comentários sobre essa relação entre poesia e respiração – que não é, diga-se de passagem, uma aproximação nova, senão desdobramento de uma afirmação do poeta romeno Paul Celan, no discurso *O Meridiano*: “Poesia: é qualquer coisa que pode significar uma mudança na respiração”.

O verso, para aportar em um parâmetro mais específico, é índice da impropriedade da poesia diante e dentro da linguagem em que o poema nasce. O poeta encontra, com as palavras que usamos cotidianamente, outras maneiras de encadear suas sonoridades, seus ruídos, suas faltas e falhas, suas dissonâncias. O poeta opera a linguagem e escreve o poema ciente de que todo som precede o sentido que o poema apresenta. Isso é dizer: o verso busca uma prosódia própria que é imprópria ao discurso cotidiano. Um novo fôlego, uma nova respiração.

Há um andamento próprio no ato de escrever poesia, como há também um ritmo para se manter vivo. O verso busca uma respiração, a sua respiração; e, ao seu fim, a leitura se encontra no precipício da página em branco: a “pausa que abre a cadência”, conforme as palavras de Jean-Luc Nancy – cesura, pois, interrupção: “a mão do baterista levantada longe da caixa clara, o arco de repente retido sobre a corda, a possibilidade da música”.

De maneira análoga às palavras e às coisas, a respiração também se delimita como tal na sua suspensão – ela existe quando é interrompida. Assim o poema atravessa a linguagem, atravessa a leitura: revelando o balbucio do pensamento e das imagens, a gagueira da forma, a precariedade de qualquer comunicação. E, por ser fruto do risco, por viver o risco e instar

o risco de estar frente ao abismo da linguagem e do sentido, a poesia só pode ser senão um sobressalto, uma mudança na respiração daquele que a escreve, daquele que a lê.

Vida. Dizer a plenos pulmões aquilo que escapa e o poema dita: “pneuma, anima, animus, spiritus, Geist, em cada caso, trata-se sempre de ‘respiração’, ‘sopro’, ‘suspiro’” (Camilo Penna). Fôlego, hálito – alma. Sendo, portanto, aquilo que em seu ditar o poema move; aquilo que o poema promove. O mais primordial e o mais humano ritmo: a respiração. “Respirar, invisível dom: poesia! / Permutação entre o espaço infinito/ e o ser. Pura harmonia! Onde em ritmos me habito” (Rainer Maria Rilke).

Para responder muito brevemente à segunda parte da pergunta: vejo a poesia mais próxima às artes visuais e à música, por seu caráter extremamente plástico e sonoro, que à literatura, de que se assemelha, primordialmente, por ser uma obra *feita de palavras*.

TITO LEITE | A criação de um poema é a transcendência, em palavras, de todo o poder subversivo que emana dos sonhos e pesadelos. É a possibilidade de transfigurar a realidade e tornar mágico o dia, mesmo quando o amanhecer é pedra bruta. Para mim, a criação de um poema é a melhor maneira de surrar o real e aludir a uma existência rica em significados. No entanto, a criação de um poema não se reduz apenas aos elementos políticos e de rebeldia contra todo sistema que mata. É também canto do sagrado. Lembrando a última fase do pensador Martin Heidegger, viver autenticamente é viver poeticamente e viver poeticamente é se relacionar com os deuses. Nessa direção, a poesia é uma ponte entre os homens e os deuses, como acreditava Hölderlin. A criação poética é sempre multiplicadora e relaciona-se com outras manifestações artísticas, como por exemplo: o cinema. Lembro-me de que Manoel de Barros uma vez falou que Federico Fellini era o poeta das imagens. Recentemente, conhecemos *Paterson*, um filme

repleto de metalinguagem em que o personagem é um jovem poeta entusiasta da obra de William Carlos Williams. Além do cinema, na música existem muitos artistas que trabalham com a poesia, e podemos perceber neles um grande domínio do verso. É o caso dos músicos Belchior, Caetano Veloso, Chico Buarque, e do Clube da Esquina. Sou apaixonado pela escultura *São Pedro Arrependido* feita pelo monge beneditino Frei Agostinho da Piedade. Sempre vejo tanta poesia naquela imagem que pergunto: como aquelas veias, aquela musculatura e aquele rosto revelam toda uma visão de mundo de um apóstolo perdido, em busca de redenção?

É assim o meu mundo. É assim que me relaciono com a poesia. É assim que enxergo qualquer forma de expressão artística.

VICTOR H AZEVEDO | Primeiro: não acredito na criação do poema. Criação no sentido de conceber, trazer a existência, esse sentido quase divino que certos poetas atribuem ao que é poesia. Esse é ainda um pensamento embrionário na minha cabeça, mas acredito que para se criar um poema, nesse sentido, seria preciso utilizar-se de uma linguagem completamente nova, usar de um idioma imaginário, com um alfabeto inédito, sem antecedentes com a realidade, porque o poema não se cria, *se constrói*. Não gosto do retrato de deidade que alguns atribuem ao poeta, retrato mais preciso seria o de uma criança que brinca de pedreiro.

Por conta disso a construção de um poema, em minha vida, é como colecionar carcaça de memórias (vivências, revivências, tumores, cicatrizes, ruínas...) e as erguer em vaga-lumes.

VINÍCIUS LIMA | A criação de um poema é um adentrar no mundo selvagem. Para isso faz-se necessário sair da trilha, da rota, do compasso da urbe e seu museu de sucatas. O poeta deve plantar seus pés e mãos no barro e fazer da argila sua morada.

É o que busco na poesia. Um frêmito ao roçar uma planta com o braço. Um arrepio ao cruzar com o vulto da cascavel imóvel como galho seco. A poesia me reaproximou da terra. Fez-me cruzar a fronteira que separa o pasto da floresta. Curou minha fome ao inocular o pólen indígena nas veias ressecadas que percorrem meu corpo. O poema é uma árvore que mergulha em direção ao núcleo rochoso da Terra e se nutre de escuridão e fogo. Realizar um poema é molhar os pés em um rio caudaloso e violento até atingir o transe. Para isso o poeta deve estar aberto ao mundo e todas as expressões artísticas. Deve ser atravessado por todas as artes, como os raios de sol atravessam uma abelha que sobrevoa a chuva. Como um jaguar impregnado de sons e cheiros de tudo que o rodeia. Marcado por todas as coisas do mundo.

VIVIAN CAMPOS | O poema está em todas as coisas. Em todo momento no qual se permite observá-lo, ainda que seja na memória. É cor, cheiro, toque e fúria. É viés para dar, receber, perpetuar e esquecer. Através dele digo e através dele me calo. O poema e o mundo são inseparáveis. O poema é também complementar a todo tipo de arte. Ele mora no corpo, na tela, no muro, nas ondas sonoras e, eventualmente, acaba escrito.

WILSON ALVES-BEZERRA | O poema é portátil, cabe num papelzinho ou na tela do celular. Ele pode ser dito, sussurrado, cantado ou gritado. Isso confere ao gênero um enorme potencial. Assim, o poema é um recurso ao qual recorrer. Há poemas que nos socorrem na nossa fome de outra coisa. Ocasionalmente, posso também eu mesmo cometer poemas – translinguísticos, surrealistas, eróticos, políticos. Aí está: os poemas podem ser cometidos, não um romance, não um filme, não um documentário, não um quadro, não uma ópera. O repente cabe no poema, mesmo que ele leve dias ou anos para ser concluído. Um poema pode ser inspirado, um romance não. Poemas são subversivos – na linguagem, no sentido, no significante: os poemas podem ter a mostrar ou dizer e há um potencial de catarata nisso. Sempre que eu posso chegar a um

poema – meu ou alheio – é uma espécie de inquietação, de tremor, de emoção profunda, por haver tocado algo, dito algo, feito imagem. Somos mais humanos porque há poesia.

SAGRAÇÃO DA PELE



DANIELA DELIAS

Daniela Delias (Rio Grande do Sul, 1971). Em 2012 publicou seu primeiro livro de poesia, *Boneca Russa em Casa de Silêncios*, pela Editora Patuá. Em 2015, pela mesma editora, publicou *Nunca estivemos em Ítaca*, também de poesia. Tem poemas publicados no *Livro da Tribo*, em revistas literárias e no blog de poesia *Sombra, Silêncio ou Espuma* (danieladelias.blogspot.com.br). É também psicóloga e professora universitária. Mora na Praia do Cassino, em Rio Grande.

DEUSES

é sempre o mesmo poema
este em que digo do amor
ou outra espécie de orfandade

mas ele pede que eu escreva
ele teme que eu me esqueça
e à semelhança de outros deuses
se põe a catar serpentes sob meus ossos

é sempre o mesmo poema
que me abre
que me quebra
que me come

e nunca nasce

VIDRO

não há cercas nem cárceres
chaves escondidas sob a pedra
fios disfarçados pelos canos

das flores secas sobre a mesa
às marcas dos antigos passos
tudo se vê, transparece

aqui, verdades ferem como ternuras
quando atravessam as paredes de vidro
e irrompem à luz do dia

1934

não há registros de nós dois
ou da passagem do dirigível

a despeito de toda invisibilidade
em 1934 também dizíamos
de outros corpos pequenos
de nossos olhos no escuro
e da proximidade dos planetas

a noite, contudo
nasceria bem depois
quando descrentes do alto
sem vestígios de céu ou infância
ainda buscássemos com os dedos
seguir as rotas dos aviões

LAVA

atravessamos a noite
sem dizer seus nomes

nenhuma palavra lava
minério, matéria escura
palavra alguma solidão

pudesse esse amor
sangrar todo silêncio
ainda saberíamos:

o mundo nunca começou

ARMADILHA

é sempre outro tempo

foi o que disse
quando o olhei nos olhos
e decretamos nula
a história do corpo

e aqui está você:
âncora e balão
herdando o mesmo peso
passo e encruzilhada
habitando as mesmas horas

mas o que pode o peso
contra seu corpo-pássaro?
o que podem as horas?

repare no tempo, Alice
repare na armadilha:

ele passa
e sequer existe



GLEDSON SOUSA

Gledson Sousa (Ceará, 1972). Reside em São Paulo desde 1991. Formado em História, com especialização em História da Arte. Tem trabalhos publicados no site *TriploV* (www.triplov.com) e no blog *A Esfera da Manhã*, bem como publicações em livros: *O Ovo – Meditações Sobre a Semântica do Mundo* (São Paulo: Ed. Janos, 2004), *A Iconografia Interior – Kandinsky e a Teosofia* (Lisboa: Ed. Apenas Livros, 2014) e *O Livro das Novas Mutações ou O Oráculo da Natureza* (Lisboa: Ed. Apenas Livros, 2014). Obras coletivas: *Presença do Feminino no Relato dos Viajantes*, no livro *Desigualdade no Feminino* (Lisboa: Apenas Livros, 2009); *Uma Espiritualidade Nietzscheana?*, no livro *A Religião que Anda no Ar* (Lisboa: Apenas Livros, 2014). Em 2017 gravou um programa para a Rádio Terra e Fraternidade, do Porto, Portugal, lendo poemas seus selecionados pela escritora Maria Estela Guedes. Poeta, prosador e ensaísta. Casado, pai de duas filhas e um gato.

NÉVOA

Deixe vir a névoa
Quanto mais densa melhor
Rabiscarei teu nome no vapor
Quando o sol chegar
Orvalho deixará
Teu nome em flor

A LUA NA BOCA DO CÃO

A lua está em tua garganta
O que farás quando ela estiver
Entre teus dentes
Uivarás até a morte clamando outros pássaros
Escavarás a terra até o abismo
Onde os mortos nem disfarçam a tristeza
Onde levarás o poeta
Que segura a guia de teus passos
A lua desdenhará teus gemidos
Se não recitares os nomes
Dos mares que ela afagou
Tão branca tão forte
Em Kali se transformará
Bebedora de sangue, com um colar de crânios
Se não disseres os nomes
Um a um de cada regolito
Ó tu que vagas no asfalto
Com a lua entre cornos
Estendei vossa piedade
Aos que trazem a lua entre dentes
Que nem na madrugada decidem
A desdizer o caos
Lua de maio de face risonha
Trazei-me do abismo à aurora

Já não confio mais
No lebréu que me guiou
Contando frio e dor em planilhas de metal
Já naveguei teus mares
Sei de tuas casas
Onde poetas se concentram
Em escrever epitalâmios
A ti e ao sol
E elegias aos que na travessia
Engoliram a lua
Morrendo de tristeza o cão
No meio da rua
Tentativa de Fuga
Depois, dunas espalham-se ondas
Vidro desliza contra vidro
Ora a areia pare
Estrelas polares, degelo
Alquimia dolorosa das artrites
Contra a gadanha, espadas com asas
Palavras de Mercúrio na superfície de Plutão
Contra o tempo a fala de poetas insones
Tão longe Dédalo
Procura o filho

A ENCHENTE

A água separou areia e barro
Polvos passeavam pelos parques entre rodas gigantes e jets skis
Frutas transparentes eclodiam estrelas
Anjos nus escutavam declarações de amor de mulheres
grávidas
Fugindo do barro era possível encontrar
O amor inesperado
Na manhã que se ocultava
Natureza ama disfarçar-se
Água transformava rua em mar

DESNOS SABIA DO MAR

O que você disse quando a chuva caía em Theresienstadt
Dia após dia a água lavaria
Os gritos de metal, derreteria as botas
Do azul brotariam flores de mar
Sibilantes
Sóis escorregando de pétalas mornas
Huris oferecendo versões de deus em suas vaginas adocicadas pela
chuva

Havia folhas, luz, grandes rios tomados de loucura
Na água que descia no telhado de zinco
O que você dizia
A liberdade plana se é plena
Não há pressa
O dia começa com a chuva

LIVRE

Espero palavras desconhecidas
Que venham num carnaval antigo
Entre leopardos, fumaça de incenso
Com flores no púbis desafiarão o tempo
Erguendo templos onde
O amor se perdeu
Cadenciadas quais ciganos
Dançando num mar bajal
A fênix que se esconde
No copo de sal
Brotará amarga e bela
Melodia em sete tempos
Numa guitarra alemã
Tudo é música
Os sonhos também

E palavras desconhecidas
Acordes em terça
Mulheres sem sombra
No fundo da ânfora
A esperança
Com rosto de sol



ALEX SIMÕES

Alex Simões (Bahia, 1973). Poeta, performer, oficinairo e tradutor de poesia. Publicou *trans formas são* (organismo, 2018), *Contrassonetos: catados & via vândala* (Mondrongo, 2015), *(hai)céufies* (Esquizo, 2014) e *Quarenta e Uns Sonetos Catados* (Domínio Público, 2013). Colabora em revistas literárias, antologias e em blogs/sites de literatura.

A MULHER DE LOT É UM ARTISTA

a mim parecem o músico e o seu instrumento
uma condensação do que me faz a arte.
não é o que escuto ou vejo, mas a parte
que me toca é o ser no exato momento
pessoal e intransferível. não o sentimento
que emite quando toca um tema, mas o que arde,
queima mesmo, faz calo, dói e, sem alarde,
o que doeu no ensaio virou sedimento
porque não é mais um que toca o que é tocado,
são uma coisa só: ação em simbiose,
que faz sublimação do suor: vapor al'Ado
a ponto de fundi-los em inversa osmose
num gesto ensimesmado e concentrado tal
que o movimento esculpe uma estátua de sal.

POETAS TAPAM O SOL COM A PENEIRA

poetas tapam o sol com a peneira
e querem fazer disso profissão.
ardem na praia sem eira nem beira,
rasgando o guarda sol, não ganham o pão.
poetas, girassóis e outras besteiras,
ninguém vê mais sentido nisso, não.
pintores, não se cortem nas orelhas,
cantores, não escutem esta canção.
não falem mais o que lhes der na telha,
pulem o muro da lamentação,
nem contem mais do pente que pentelha
o oco da sua imaginação.
de mel, não de zunzum, vive a abelha.
mais que um poema, aqui vai a lição.

MEMÓRIA-SOUVENIR

aquilo que não
restou nem sobrou

do que na medida
possível do in

do inverossímil
nunca há de deixar

de ser porque sim
plesmente de aqui

e agora se vive
o ente que é parte

final do presente
que não por acaso

pode ser sinônimo
de uma lembrança

NO FERRY

no ferry,
uns seguem
em direção à Ilha.
eu fico,
em um verão
da infância.

A EDUCAÇÃO PELA PEDRADA

para Jorge Augusto

Porque a pedrada é plá: pegar visão;
para aprender na tora, é uma bala
à queima-roupa, um cachação verbal
(um cínico litotes, uma fala
neg-afirm-ativa, pedagogia
da dura, do chepo, não burilada,
nem protética, a ideia reta
sem nada de caô, que vai na lata),
lição da pedrada que vai pro centro
da periferia e a tudo empala.

Outra pedrada educativa: o não,
(do centro pro gueto, bem antipática)
pra aquele que não sabe se ligar
(e talvez não adiantasse nada)
que dar pedrada na selva de pedra
é faísca no paiol da barricada.



ANDRÉIA CARVALHO GAVITA

Andréia Carvalho Gavita (Paraná, 1973). Reside em Curitiba, onde trabalha nas áreas de farmácia hospitalar e web-design. É mediadora nos grupos feministas Capitu e Coletivo Marianas.

Participa do corpo editorial das revistas literárias Zunái e mallarmargens. Autora dos livros *A cortesã do infinito transparente* (Lumme, 2011); *Camafeu escarlate* (Lumme, 2012); *Grimório de Gavita* (Maçã de Vidro Edições/Lumme, 2014); *Papel leophardo* (Bolsa Nacional do Livro/Marianas Edições, 2016); *Panfletos de Pavônia* (Leonella Editorial, 2017) e *Cílios prostibulos* (Patuá, 2018).

A CORTESÃ DO INFINITO TRANSPARENTE

sem pactos
sem interferências
sem mais profecias a revelar

leio meu amor em um tratado de psiquiatria
e o enalteço: patologia dos espelhos
com caneta furta-cor

o meu pudor rancoroso tem sumo
uma sedutora semente de romã
mastigada durante seis meses
em que me vi no centro
da voltagem infernal
de um fetiche impiedoso

glória que abandono, mesmerizada
no rio de enguias e estrelas

(dervixes ao redor da redoma partida)

o olfato sangra o fascínio de hades
mas é tempo de voltar ao território
oco e puro
com a inocência perdida de perséfone
arquivada em pintura surreal

é tempo da alta médica
para cantar a terra próspera
repleta e desmemoriada de reflexo

solar

eternamente lapidada
pela insígnia sideral
de vênus e plutão

apenas o desejo do rapto
com anticorpos
para o raptor
uma noite, completamente branca

(dentro da redoma partida)

ANDRÓGINO REBELDE DAS ESCADAS PERDIDAS

abandono meu umbigo de boom samaritano
e filho pródigo retorno ao centro
das galáxias

muito além de mim
gautama gautama
e um pulsar açafrao

ascendo por este vértice de âmion solar

as mitologias
escadas em caracol
os deuses
escadas em caracol
os demônios tem cachos de escadas em caracol
bacos de caravaggio

ascendo nevrálgico
a escada
encaracolerizando
a burka invisível que enforca a alma

recorto-a em tiras finas
em cósmico artesanato
de musashi

que me vinha em sonhos
como as cerejas marroquinas
nas taças de uma taberna interdita
no fim da terra

vendo os olhos da esfinge
inacabada
com cetim e tule violeta

ardendo enxofre e alfazema
bebo o despacho das queimadas galegas

a savana é meu ataúde
minha quarentena

subo os degraus
com a laringe em chamas
com a lentidão falsificada

meus pés de coelho

depois, o sono dos justos
e o fígado refeito
híbrido

andrógino andrógino
mágico

MADRASTA MANDRÁGORA

a causa das lesões que induzo em minhas personagens ficcionais é a constante presença do órfão azul entre elas. celeste e necrosado. tento despertá-lo com a luz centralizada do holofote psíquico. tento reproduzi-lo, mártir de beatas, como ditam os zodíacos. prefiro desta forma. ele tem o perfume do álcool de cereais e quando se doa em autocombustão produz uma chama maníaca sobre geleiras. embriagado de orfandade solar. meu coração real tem um pai e uma mãe, portanto meus passos físicos sempre apontaram para uma estrela de norte possível, embora cambaleante, já que os deixei para seguir meus próprios caminhos. mas meu órfão azul, antracito, foi abandonado pelo cosmos, expulso de todo paraíso, caído e usurpado. menina gritando o eco de um poço. menino calado na neblina de um sótão. andrógino rebelde das chaves perdidas. núcleo mágico. minhas palavras-orações são partículas eletrificadas ao redor de sua aura-carapaça. gravitam seu corpo-orfanato. assim me embalo, imaginário. até que nossos corações não pesem mais que uma pena de tinteiro, e se encontrem no lar de papel, seguro e volátil.

LOUVA-VERBO

A louva-verbo no embrião da linguagem. Um caramujo, um musaranho, muralha ruída na família tipográfica da soricomorpha. Qualquer escaramuça letrada. Um verso com escorbuto na mandíbula da mantis, em pose circense para o palco sem substantivos econômicos. Algumas luzes estratosféricas na laqueadura dos advérbios mais abjetos. Nenhuma objeção, nenhum adversário. Nem o marfim agonizando no lábio leporino da savana, nem a fisionomia apática das amebas. Dizem que a revolução é coloquial, para angariar resultados sociais eficientes. Não acredito. A democracia é apenas utópica distração, cheia de palavras disfarçadas em urnas. Entre eleições e eloquentes promessas, voto nos sarcófagos suturados.

MIRANTE, MAGRITTE

Meu grito não ostenta som qualquer quando homens sem asas inventam aparatos para o movimento excêntrico de sua existência. Cavalos, bicicletas, redes. Eu, replicante petit poá na pátina perfurada da mata, tenho sapatos gastos que só me fazem escorregar na pele lisa do planeta. Quando os levito, suspensório de floresta, circula-me uma linfa celeste, que sei não me pertencer. Deixo pegadas perseguindo pontes em poesias de passeatas. E lá, em algum silêncio bruto de sílabas universais, alguma alma errante lerá: arabesco fragilizado, rasante de corpo instantâneo na ordem do caos.



JEANINE WILL

Jeanine Will (Santa Catarina, 1975). Poeta, tradutora e artista visual. Evadida dos cursos de letras português, artes cênicas, comércio exterior e letras alemão e do cursinho para medicina.

Formada em tradução e interpretação inglês/português pela Unibero. Publicou pela Editora Córrego os livros de poemas *Caminhão de Mudança* (2017) e *Para-choques* (2018). Desde 2006, mantém consigo uma oficina permanente de criação poética no blog www.caminhaodemudanca.blogspot.com/. Lá publica seus poemas, fotopoemas, videopoemas, qualquer-coisa-poema, desenhos, fotos e colagens.

NAVEGANDO PELAS ESTRELAS

*sento ao doce piano
e entardeço*

VINCE VINNUS

sou apenas um corpo despreparado
intervalos finitos de marfim e ébano
metais, martelos
olhos de madeira
pele percutida

improviso, faina, fantasia
cravo com suave e forte
delírio epitelial sobre o mesmo tema
variação de cordas cruzadas
cepo e suas cravelhas
(que a vida se incumbe de apertar)

versos de se levar para um poema deserto
pedais de acionar o mecanismo dos sonhos
sou apenas um corpo *sostenuto*
aguardando tuas mãos na marquise
da capo al fine

ATRÁS DAS COISAS DA TARDE

há dez anos desembrulho essa cidade
e agora você se coloca na moldura dos olhos

não sei como te dizer calmamente:
o batom dele escorre na lateral da tua boca
pra onde foge essa cor de loucos?

deslizo par' alcançar o escorpião com os dentes
olho pra você com vontade de ver mais

tenho as mãos adormecidas na tua pele
perduro nas tuas barbas
onde os sonhos fazem acrobacias

debulho o teu sorriso cifrado
para abrir espaço pras línguas

um afeto se faz perguntas:
cabirão os corpos na nossa estréia?

vasculho as entrelinhas da tua fumaça
e me sobe um paraíso pela nuca:
tua voz se acende às três da manhã

AS ÁRVORES

as árvores se debruçam
sobre o mundo
e murcham

DOS GIRASSÓIS À MELANCOLIA

sobre o meu travesseiro ninguém dorme
nem eu
me sento na cama
sobre as rendas da insônia
enquanto meus dedos se desfiam
em dores de papel perdido

o botão de uma lágrima se descostura no canto do rosto
e o dedo leva à língua esse objeto triste

meus olhos são dois punhais cegos
cansados de desferir sonhos
minha gravata é um nó no pescoço das estrelas
minha boca é uma mancha soterrada por arestas que desejo
dizer

penso em você
nas minhas mãos desfiadas
e no cansaço que é vencer cada dúvida:
a comida de cada corvo
que aqui dentro
nunca acaba

e a existência menos furiosa?
plástico endurecido numa vitrine desbotada do centro
onde olhos morrediços vão se espelhar
em meu corpo que se quebra a cada sentido
em meu coração vencido a golpes de arco em *cello*
num céu adiado

SEM TÍTULO

o peixe se deita ao lado da faca
ouve seu fio de prata
em sua cabeça
tantas coisas queimam

o corpo inútil
as escamas penteadas
o palácio de Vênus obstruído
a tropopausa de Júpiter saqueada
os ofícios de Netuno paralisados

sobre a mesa
sobre a mesma indiferença

sobre a mesma surdez plasmada
sobre o mesmo aniquilamento de séculos
sobre a mesma pedra sem nome
sobre todas as cascas
sobretudos e casacas
sobre tudo, os coronéis de todos os lados
sobre todos, os generais opostos
sobre todas as leis dispostas
sobre todas as cláusulas pétreas
sobre a manipulação das águas
sobre a multiplicação do nada
sobre a hemeroteca dos recuados da história

envolto

em sacos de sobras
em emergências alheias
em notícias de futuro
em papéis de segunda mão

sulcado
ferido
salgado

o peixe morto

boiando no mar de lixo dessa cidade
fedendo no rosto da madrugada

a náusea empapando a calçada
a tarefa do oceano ainda inacabada



PATRÍCIA CLAUDINE HOFFMANN

Patrícia Claudine Hoffmann (São Paulo, 1975). Graduiu-se em Letras pela Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, em 2004. É professora efetiva da Rede Estadual de Ensino de SC, onde leciona Língua Portuguesa e Literatura. Autora dos livros de poesia: *Água Confessa* (2001, Editora Letradágua), *Sete Silêncios* (2004, Editora Fundação Cultural de Itajaí), *Matadouro Imperfeito* (2016, Ed. Letradágua), *Feito Vértebras de Colibris* (2017, Marianas Edições/Bolsa Nacional do Livro) e *O Livro de Isólithus* (E-book. 2018, Ed. E-galáxia). Mantém *as fanpages Espólio do Sol* e *Matadouro Imperfeito*. Integra antologias e tem poemas publicados em revistas digitais.

MEMÓRIA DE DORMIR ONTEM

Numa manhã de anil, com o rio enxaguado nos olhos, ela seguiu. Não sei mais sobre os sabres deixados no rastro dos átomos. Se fomos hematomas de aço, tão adjuntos da sobrevivência temporal, frente aos sapatos enfiados na boca das noites, nem sei que noites, quando andávamos entre o descalço dos laços entrincheirados e os lençóis apaziguados de sonhos e elos no varal. Martelos castanhos sobre unhas negras. E pregos como alianças. Até o final. Agregados de uma esperança sem porte. Se fomos morada nos pedaços daquela cabana inacabada pelo vento. Não sei se levantamos antes ou durante o monumento das perdas sonoras de clepsidras. Sei que era já uma febre muito pobre de ira. Um retiro de guerra enterrado no peito do primeiro infinito sem certeza. Era o granito atrofiado de destreza, nas profundezas do pós-corpo. Um carpir de lembranças nas redondezas da vida mas não sei de que vida via ou vinha esta paisagem. Ela seguia... com a ancoragem desfeita às pressas. Sem pergaminhos. Seu cabelo e seu caminho... inversos e pequenos... o desaceno lento de quem regressa sem nunca ter ido, sem nunca sequer ter tido uma conversa com o medo... sem resistir ao avesso lado de qualquer destino. Azul-destino.

COLISÃO DE ESPERAS

Saberás desabitatar teu tempo
nas vértebras dos colibris.

Ainda que colidam esperas
e multipliquem-se de vésperas.
Ainda que removam teus navios
e os desafios envelheçam.

Saberás do espelho
nos rigores dos olhos

que molham a cara.
E tudo será retrospecto,
avulso...
sem ramificações
que não sejam marítimas.

Saberás legitimar das fraudes
o esquecimento,
a desmemória-chave
do que agora recomeça
e já não pode ser outro
por falta ou excesso de pacto.

Sorverás da palavra
a nódoa imperdoável
da beleza.

Rezarás inúteis distâncias
por causa das gentes
e estas ressurgirão
no tardio de cada urgência.

Saberás,
no pontal das cegueiras,
das bandeiras que se dissolvem
quando feitas de gelo e sal.

Deixarás teu tempo
como o animal que deixa
– do combate ao ninho –
o incompatível caminho.

– É teu sigilo voltar

DOS CAVALOS

O que eu poderia dizer dos cavalos...
é que eles transferem a limpeza
para as manhãs,
com antecedência.

Cavalos têm coração anônimo
e um silêncio irrevogável.

Não sei se posso ponderá-los
no peito, de um sonho só...
em sacrifícios aderidos.

Tenho sequelas idênticas.

ANTES DO AMANHECER

Amortece-me a noite feito um azulado cavalo negro. Magro. Não, ele não é alado. Agrego ciclos infinitos no que não me vejo. Protejo potros indefesos nas guarnições da chuva, só que não quero falar de chuva. Mais. É cansativo. Preciso estancar as pancadas do pensamento, em terrenos menos movediços. Disso depende isso. Alagar. Não. Legar. Não. Largar. Também não. Ligar. Não encontrei lugar nem palavras que soubessem salvar a altura do invisível que me circunda de tudo em comoção. Foi então que construí essas palavras: párpico, flanura e auriência. Para designar a essência da mais neutra solidão. Inédita, como se fosse de outra desordem. As novidades estão lúcidas... comprimidas em comprimidos de aceitar. Nada mais tem pressa desde que absolvi o futuro. Há tonturas expressas aqui. Sento-me numa escada que nunca vi. Escuto para baixo. Deixo os escudos de lado na escala das fúrias. São árias antigas, cantigas contidas nos restauros da razão. Centauros dormem sobre o colo das esperas. Colocam-me em estado de reintegração no mundo. Às vezes choram um pouco de lutar porque têm as articulações machucadas contra o fracasso. O fracasso não erra mais de uma vez.

A LÁGRIMA MAGNÉTICA

Planeta-nos a grande lágrima magnética em solos de súplica austera e soluços que não foram acidentais, até aqui. Ela perfaz a ponte etérea entre boreal e austral, com borboletas mediúnicas e unicórnios cármicos, nascidos em águas térmicas para alguma esperança, pelas aberturas dos olhos futuros. Mas os lamentos informam a fatura: há varizes nos mapas, altos-relevos de saudade e caos ainda, nos atômicos pulmões que a chuva já não lava, por aqueles córregos e códigos de sublimes emblemas. Prontos. De frente para os arrozais azuis-mentores. As flores nucleares se aninham e se contundem por nós. Salivam em profecia molecular, aos poucos... Épicas calêndulas dormem no armazém provisório do medo. Provisório de tudo. Lavouras setentrionais de pavor e fúria cultivam-nos de fuga. Estamos tão idos dessas guerras, para voltar atrás, para voltar à frente... Estamos tão vindos dessas cruzes, dessas cicatrizes recém-chegadas, desses precipícios fechados para o balanço das eras... que já nem sabemos sobreficar, ou qual o lado menos fundo da lágrima que afoga. E aterra. Se uma guerra é só o ensaio de outra guerra. E um planeta, de outro, e uma onda, de outra onda... Há muito o que desaprender até o mistério. O cansaço ajuda no que não pode.



MARCELO SILVA

Marcelo Silva (Rio Grande do Sul, 1976). Poeta e professor de Literatura e Língua Portuguesa da Educação de Jovens e Adultos. Foi um dos editores da revista *Verborhagia*, publicação eletrônica dedicada à literatura independente. Escreve no blog Desalinhado e teve poemas e contos publicados em diversos sites e revistas de literatura (*Subversa*, *Mallarmagens*, *A voz pública da poesia*, entre outros). Em 2015 participou da coletânea de poesia *Cantos Seletos*, publicado pela Editora Literacidade. Em 2019 lançará pela Editora Figura de Linguagem o livro *O que carrego no ventre*.

NINHO

A mão –
dedos achatados nas extremidades –
repousa sobre o peito descoberto e mineral
deitado ao lado na cama

Em seu peito, um ruído leve e compassado
como um pássaro procurando comida
ou um peixe colorido nadando em círculos

Ambos se aninham entre meus dedos

O sol lá fora começa a aquecer as plantas e a terra
todavia continuaremos a dormir ou a sonhar
ou fingir que dormimos
enquanto nossa pele cuida do peixe que nada
do canto do pássaro e o gato a caminhar sobre nós

OLISIPO

Penso que Fernando Pessoa morreu
E por mais que eu tente
Não me resta também muito tempo

Li Fernando expressar seu racismo,
Em minha defesa me ponho a ler Ricardo Aleixo
Poeta preto brasileiro

Chorei sentado no banco ouvindo Tabacaria
Lembrei que pouca coisa me consola no mundo

Penso, com a cabeça pesada que me cabe
Em Fernando morrendo na caligrafia de seus versos
A realidade plausível a se desfazer

As tabuletas, a tabacaria, Esteves
Apagando-se no Universo sem metafísica

Vejo Fernando descalço a caminhar pelo tumulto
Laborioso das ruas do centro, o sol de quase dezembro
Talvez liberto de carregar a si mesmo, vejo-o com nitidez

Desejo-lhe sorte
Enquanto abro mais um botão da camisa

CAMINHO

Se eu caminhasse de um jeito diferente
Mais lento
Pé direito na frente
Depois o esquerdo
Alternando-se
Faria diferença?

Ossos balançando ao vento
Mar adentro
Na direção oposta da corrente
Mudaria quem eu sou?

Ou se girasse os olhos
No sentido anti-horário
Isso faria de mim outro homem?

Reformularia profundamente meus atos
O passado e o último verão?

Se eu caminhasse de trás pra frente
Alcançaria raros momentos de tranquilidade?

Ou se fosse sempre da direita pra esquerda

Ou passasse a correr em ziguezague
Como se cruzando linhas inimigas
Adiantaria?

Impossível viver esses dias
Sendo o que se é
Sem direção
Atordoados
Esperando a morte chegar
Ou
Pelo menos
Acabar o inverno

O FUTURO É PRETÉRITO

Deixo para amanhã o que é de amanhã
E não faço o que disse que faria

Não leio nenhum dos livros que carrego na mochila
Não escrevo nenhuma linha das noventa e nove que me falta
Não troco nenhum lençol
E deixo minhas roupas amontoadas

Ainda assim como chocolates –
“não há mais metafísica no mundo senão chocolates”
E acho solução para o que não existe
Deitado na cama com meu abrigo cinza
Deixo para amanhã o que é do amanhã.

ANTIRECEITA POEMA

que não falte
ao poema
palavra alguma
ou vírgula
nem voz de gente
a mão que se estende
em auxílio
muitos advérbios e adjetivos
rimas pobres e irregulares
um samba pela metade
um verso emprestado
(do Herberto Helder)
erros ortográficos
problemas de concordância
a conta de luz
o adoecimento dos trabalhadores
o aumento do preço da passagem
a diminuição da libido
o aumento do ódio
o tenebroso encontro com o futuro
qualquer coisa
qualquer coisa
que aqui caiba
pois
o poema é um paraquedas



VINÍCIUS DE LIMA

Vinícius de Lima (Paraná, 1977). Jornalista, poeta e tradutor. Autor de *Começa Aqui a Morada do Fogo* (2016), *Animais Floridos* (2016) e *O Sonho da Capivara* (2017). Doutor em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), desenvolve pesquisas em Ecocrítica e Geopoéticas. Atualmente se dedica a produção agroecológica de hortaliças na região de Londrina, seguindo os princípios da Permacultura e da Agricultura Natural.

ENS

a Gary Snyder

1.

o fogo faz a voz crepitar o silêncio dentro das trevas do sol
a lua bombeia suas sombras líquidas
seiva grossa percorrendo as plantas
o ruído branco da revoada das aves
pedras tiveram as asas arrancadas por raios convulsão das
águas frias
útero de terra molhada
diamante deitado na relva seca
queima no centro a densa floresta

2.

arenque flutuante é água que empedra
lava lua pira rio
gambá baba rói
da casa tudo ao redor
o universo todo nas fezes do urso pardo
no silvo do tié-sangue na arrancada do javali

3.

enquanto homem prega o mundo com seu martelo de tédio
gnu atravessa rio de crocodilos baleia chia cheia de eco dentro
formiga carrega caroço de pitanga no lombo lagarto fásca a
língua no ar

PAISAGEM PARA WALDEN DE JONAS MEKAS

Olhando para este céu vermelho
de fim de tarde
impossível não pensar no fracasso da
civilização – fiéis filhotes de Bacon –
e suas máquinas de progresso
& bem-estar social
Impossível não lembrar ainda de Zaratustra
assistindo ao Sonho de Kurosawa,
em uma noite fria, no Cine Com-Tour.
Seu olhar, contaminado pelo último homem,
penetrando a tela em busca da tempestade,
das cerejeiras e de Van Gogh.
Depois seu lento e melancólico
caminhar de volta
até o ponto mais alto
da montanha

(DANÇANDO CONTIGO SOB VIVO ORVALHO)

mesmo que o mundo se dissolva em nossas mãos e a chuva caia
tristonha sobre nossos ombros e um raio corte nossa respiração
ao meio desenharemos com dedos mágicos nossas sombras em
uma árvore e dela brotarão nossos sonhos e um filhote de lobo
abrirá o mundo com seu canto de fogo e viver será leve como
uma flor de acácia adormecida neste vale-útero. de toda matéria
escura que nos circunda a única certeza que levo por esta trilha
é seu sorriso de colibri e seu calor penetrando meus ossos
enquanto a lua me acalma os nervos e beija nossos olhos com
sua luz antiga.

ONTOLOGIAS SELVAGENS

(1)

ele caiu do céu montado em um raio dirigindo um raio como um labirinto que se expande ou laboratório de armas químicas embutidas na veia os lambedores de botas se contentam com suas orelhas de pus e o banho de sal se constrói pouco a pouco passo a passo segundo a segundo enquanto se tocam e se socam até cair no sono os lindos bebês apodrecidos com suas placentas rançosas e seus cordões umbilicais comestíveis a loba inchada de proteína o homem ausente de si mesmo olha o abismo crescendo toda manhã com suas nádegas a mostra com seu dedo médio levantado e duro como rocha que desponta do mar sabe por que o abismo dá medo? porque ele sorri sempre pra sua vítima porque ele pacifica os passos do homem e principalmente porque sua luz é sempre pura legítima e selvagem as crianças defeituosas foram suas vítimas em tempos idos e agora são os entulhos lixo descartável do animal mais sujo do planeta nosso perpétuo eu do umbigo buraco negro que suga toda luz do mundo.

(2)

quando caminhávamos sobre os pedregulhos minados do deserto minhas mãos tremiam com o impacto do chicote invisível. o sol a lua as marés e manhãs murcham todos os dias sob minhas mãos coloridas. onde andarão os deuses e seus raios ferozes? onde gritam os galos nestes ataúdes de bronze? a luz é cegada todo dia com as nuvens de fuligem dos homens de barro, dos homens das leis da meritocracia do cu que não se cala. fodam-se as instituições que pulverizam tudo que é vivo. a reflexão e a crítica nos salvarão como a poesia que mastigo toda manhã misturada com o sangue elétrico dos filósofos mendigos indígenas indigentes guerreiros que nos guiam por esta noite de trevas.

(3)

enquanto Cronos comia suas próprias mãos, um rio de luz percorria a noite que escorria pelos meus ossos. sepultados os pés em excrementos, a estátua gritava seu eterno silêncio pro abismo chamado homem. por onde andam, os mortos escarram em mim suas almas lodosas das bocas chorume. os mortos dos cantos abortados. da lama vedando os olhos.

O CANTO GIGANTE DA CUTIA

(1)

passeava por jardim espesso
onde os passos desmoronam cigarras
só restando esqueletos e a mão banhada
na luz que mina forjando o fogo.
“busque o bosque ardido
do céu que transmuda
da raiz transfigurada”.
aqui a lenha floresce na ponta dos dedos
na língua seca do cipó
onde árvores sonham
com as cabeças dentro d`água.

(2)

recito sonhos a esta cabeça de cavalo
que nasce na névoa e voa com a treva.
tal tiro abaixo da prateada mosca
– bem abaixo dos alçapões de vento –
nos empurra pra dentro
onde a claridade gesta a língua
onde os pássaros pairam sobre a ilha de destroços.
é a solidão estrela aprisionada no ventre do urubu
chama estilhaçada nas asas do trigo.
para não dizer que o abismo são vestes sombrias

tecemos essa aurora com dedos felinos
e bebemos no crânio do sol
o sêmen sagrado sangrando a casa eclodida.

(3)

falam-me de crateras a serem preenchidas com o sangue das
mãos
falam-me das criaturas nas crateras deitadas sobre suas
sombras
com o sol armazenado nos músculos e o medo no fundo dos
olhos
é pro útero que animal migramos toda noite
quando todo nome sangra
e toda solidão canta.
deito, sonho,
amanheço com a garganta em trevas
no ouro que mancha os olhos.

(4)

são dez as árvores que margeiam a imagem no chão
dez estrelas cadentes
da matéria escura chamada caverna.
vejo a figueira beber com os animais no lago
que mergulho a mão
atrás do coração dos peixes.
no meu leito de morte
lembro ter sido uma árvore,
uma pedra, um pássaro:
semente.



WILSON ALVES-BEZERRA

Wilson Alves-Bezerra (São Paulo, 1977). Poeta, autor das seguintes obras literárias: *Histórias zoófilas e outras atrocidades* (contos, EDUFSCar / Oitava Rima, 2013), *Vertigens* (poemas em prosa, Iluminuras, 2015, que recebeu o Prêmio Jabuti 2016), *O Pau do Brasil* (poemas em prosa, Urutau, 2016, *work in progress* que se encontra na quarta edição), *Exílio aos olhos, exílio às línguas* (poemas em prosa, Oca, 2017), *Vapor Barato* (romance, Iluminuras, 2018) e *Malangue Malanga* (poemas em prosa, *no prelo*). Atua também como tradutor literário: traduziu autores latino-americanos como Horacio Quiroga (*Contos da Selva, Cartas de um caçador, Contos de amor de loucura e de morte*, todos pela Iluminuras) e Luis Gusmán (*Pele e Osso, Os Outros, Hotel Éden*, ambos pela Iluminuras). Sua tradução de *Pele e Osso*, de Luis Gusmán, foi finalista do Prêmio Jabuti 2010, na categoria *Melhor tradução literária espanhol-português*. Tem livros publicados no Chile e em Portugal.

[O OXÍMORO DOS SEUS SEIOS]

O oxímoro dos seus seios vejo da fresta do meu olho esquerdo, enquanto passa a página. Em qualquer capítulo tateei para lhe saber as carnes. Mas antes havia bulas, ditados das professorinhas de redação, silêncio dos beats preguiçosos, e um acróstico para suas joanetes. O vento lança guardanapos. Gina mastiga, e eu lhe sabia mais saborosa que feijoada em lata. Da letargia de Gina segui adiante, a textura da encadernação de cobra, seus movimentos, o tilintar do brinco na minha língua, o fumar da cama, o trepidar do fósforo, e o que me faz transpirar na testa ante o espelho que não vejo, capítulo três ou capítulo quatro, a pior imagem, prosseguia Gina, enquanto corrigia a vírgula e me acentuava, quem foi que guardou a sua perna que se abria, agora eu abro a página, não tem figuras este livro tátil. Chega um cidadão assim de curvado, pesa muito a sua moleira com galinhas parnasianas da granja. Me oferece um poema, criado com amor. Gina arrota, seu lábio toca o dedo que toca o garfo que toca – nisso eu me viro e vejo. A língua em que foi escrito eu molho com uma saliva bêbada. Devora um pouco da minha memória. O poeta necessário tem um latifúndio produtor de imagens. Torro a chama do pavio com o dedo, só por precaução. E eu sempre soube, mas você me retrucava notas contemporizando. No escuro, linguagem. Sobretudo seus seios entre o livro. Não fosse a tatuagem a língua não se excitaria. Peço outra cerveja.

[TODO OCEANO TEM TRÊS LADOS]

Todo oceano tem três lados: dentro, lá dentro e naufrágio. Sou Molly, não sou fraca, não disse, mas seus dentes se cravaram em meu lábio, meu sangue em suas gengivas. Era bom e bebia. As putas só destras no segundo olhar, mas num primeiro, antes do flash, enrugavam a pupila, diziam: *Eu pagaria pelo primeiro chope, para não passar o dia*, mas a puta é quem sabe. A espuma dos oceanos foi mijada por Vênus. O jovem selvagem à mesa diz que a mulher do barbeiro preparava o jantar e a chupeta, mas não para o filho. A bela bebia no meu seco mamilo, cheirava fuligem, chupava poemas. Porque a puta é quem sabe. Ele quer comer a mãe dos convivas, a que prepara poemas mas não para os filhos. A que bebe a seco e sorrindo. Porque a muda é que late. Leia poemas, pequena suja, que não há poesia e comer chocolates é sacrifício. Fulana me bebe e me morde, e molha meu dedo com sangue. Mas edite poemas, o pederasta dizia, lambendo os beiços, pequena suja, sorria. Não se pode ser selvagem com quem edita. Desemboca. Em São José do Rio Livro lhe espera o editor não atende. Ele fuma cigarros plantando tabaco, a fumaça é cortesia. Escolha a dedo e não erre, sorri o editor de dentro da resma. Sangue respinga na fumaça, porque só a puta é quem sabe quanto custa uma analogia.

[SE NÃO ESCREVER UMA PUTA SÍLABA]

Se não escrever uma puta sílaba, ninguém mais saberá a hora. E no dia seguinte, gorgeariam os corvos cabeça adentro, catalogaria tomates e alfaces no cocho do meu self-service, e viveria feliz com uma mansa loquacidade só mãos. Na masmorra silenciosa da folha, via a bela, lábios em torno à boca entreaberta, olhares e tetas, já não faço ideia. Recomeço. Nenhuma metáfora. Toda boca ela e riso onde paro, escrevo poemas e perco sentidos. Agora passam as palavras, onde

agarro só cheiros, vento, fumaça. Agora ventam cabelos, folhas, e jornais amassados. Agora vejo seus dedos que se aproximam mas passam. Como era incolor, inodora e insípida a água que não bebi. Verta-se de novo antes do fim da garrafa. Verta-se que sorvo o oco da fala, para engolir seu grito. A boca, a boca, a boca cercando seu riso, quem ousaria falar de linguagem. Entre pela língua que passa, dizia um demônio, entre seus seios pousado. Mas a linguagem se interpunha à língua, e a mímica dos tomates se sobrepõe ao lábio. Ainda fico à espreita de lhe comer ensopada, de devorar cada sílaba de sua língua passante. Postularam incontáveis coisas, mas por hoje, meu doce, Chico Picadinho basta.

[UM POMBO PASSA CONGELADO VOANDO]

Um pombo passa congelado voando, exilado de todos os países. A temperança universal escorrega na camada fina de gelo que decora as alamedas. As árvores secas decoradas com gelo fazem as árvores falsas, decoradas com gesso, se vergarem com o frio e parecerem miseravelmente natalinas. Um africano que é um curandeiro enlouquecido atravessa gritando pontualmente às cinco a rua dos enforcados, e avisa aos ventos que o silêncio foi preservado. A despeito das temperaturas, o jornal informa, e não são fáceis as notícias. Há uma nevasca que morreu na turbina; uma folha que se acidentou na calçada; um fígado de pato que se perdeu por cirrose, e uma lareira morta de febre tifoide. Assim, vão interditar o curso dos rios para averiguações, enquanto as passarelas ficam terminantemente proibidas de desfilarem e as passagens devem apenas circular até às cinco da tarde, quando a luz do sol será interrompida. Sem mais, a polícia informa que as sirenes serão ensurdecedoras, mas o frio será mantido. E que apenas em casos de pescoço se recorrerá à guilhotina.

[A LÍNGUA DO LÍBANO]

A língua do Líbano avança no Mediterrâneo, como se avista do céu. Os negros vão colorindo os franceses e seus pães. O sangue ainda não chega dos mares, mas bate-se a gente no metrô. Meus pés não sabem das águas, nem onde vai parar a Ilha da Madeira, alheia, buscando ares frugais. O engano do sono não cabe à branca tez de mulato descascado; a consciência do corpo que sempre cai em camadas não permite unidade. Agita-se a gente nas terras, disposta a deitar sangue na erva. Mas a morte não é consciente, só a agonia e delírio é que o podem ser, porque tudo se dependura no corpo. Estanque na terra uma fonte iluminada de suor e de pus, sabe dos olhos entre toda nuvem. Dizem que não há o frio, que a loucura se cura e que não há o medo na morte. E dizem: consolo. Quem aqueceu o cadáver, quem fez a boca do louco fechar-se, quem aquiesceu é coisa que não se diz. É quando as línguas avançam e um rastro se perde impreciso no que o olho só vê.



DAVI ARAÚJO

Davi Araújo (São Paulo, 1979). Poeta, ficcionista e tradutor paulistano radicado em Sorocaba. Autor do poemário *Livro Ruído* (Eucleia, 2011), publicado em Portugal, e das prosas em *Ficções paralelas e Visões para lê-las* (Substância, 2016; com desenhos de Yuli Yamagata). Traduziu *Natureza*, de R. W. Emerson, e *Caminhada*, de H. D. Thoreau (Dracaena, 2011). No prelo, pela editora Urutau, seu próximo livro de poemas: *O físsil*.

AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

A primeira coisa que disse
não foi bomba, impiedade, epidemia ou poema,
porém mal, ou mau talvez,
que Mao seria improvável, para todos os bebês,
na experimentação primal.

Mas isso tudo nada prova
e coisa alguma significaria
ao ser esquecido à velhice
se sentido ainda não fazia, feito o que poeta faz,
falaz sem saber da poesia,
extrema e, do berço à cova,
veraz à página das fraldas.

A não ser se ao fim inova,
chegando ao estágio
quando já surgem
últimas as palavras.

NATUREZA-MORTA A MOVER-SE RÁPIDO COM ROMÃS

transubstancio teu sexo
a gotejar a degeneração
do nosso amor sem teto
ao lado e no chão alado
noutra paixão sem crus

numa louca panspermia incólume na virilha dos mundos todos

e te entreabro em divãs
e me endiabro seminal
se te analiso os leviatãs

que anticoncebem o ciclo
superman's-through-all

e à uma a pé nada se não seca na lisa jamais conciso
s'eternizará

se nossa missa libatória
enteógena nas vísceras
das míseras musas nuas
cria êxtases misteriosos
minhas liberdades tuas

à noite em que invocarei teu corpo para masturbar meu
espírito

A REVELAÇÃO DESCENDO A MONTANHA NEGRA

ressoubera por um livro iridescente
que insipiente eu experimentara
colher de caos ao coeso acaso
que a divindade principal
desses assisados iazidís
do Irão era de pérola
a antepimeira entre
sete seres sagrados
desde quatro mil setecentos e cinquenta antes da era comum
à minha folhinha

:

Azazel
– cabeça
insubmissa
– azul do céu
o arcanjo pavão
da queda redimido
por choro até encher

os sete jarros de lágrimas
que fizeram alagar o inferno
donde volta com o cósmico ovo
para ser deste universo o demiurgo

...

omnívora como a ave
septívoca que se excerta
sabe que a variedade deleita
sem jamais se tornar indigesta
mesmo se veneno a sagesa aceita
que é ora à biblioteca e ora à floresta

O EREMITA
(do tarô Wild Unknown)

Sempre quase por toda uma noite

— *obscurum per obscurius* —

sem premeditadamente incubar-se
do mistério em volta,

infinita oite

a que chama (angular pedra por pedra solta)

enquanto dura a vela

que excrescente crista abluva

a se derramar ela (a flama superna

do centro vértice) a sua ínfera superfície

ímpar cela (a galopar

de castiçal a carapaça

por criptobservatório

hermético) à eremítica Tartaruga

já que no meio do tempo

per se guia ao relento (em contra-

vento assaz intenso) seu norte dentro

(por que fora) do endosso

até que em cera chama se encerra

— enquanto luto — novo lume em que leste

o aquígneo corte
de sorte que o extinguiu se do velório caroço
após madrugada aguardente (de sol e chuva a união)
estoutro dia mante bruto

a entrega-lo ao real, onívoro pavão
que bota em seu obscuro canto
o ovo branco de onde brota
o bem, o mal, o crisanto:
as raízes do arco-íris.

DIONÍSIA

Ela gira – de ramagens,
de folhas e flores colhidas
à suja enxurrada às margens
de guias dessas largas avenidas
nos seus longos escuros cabelos
entre os quais arranja
outra razão por que enlouqueça,
e de cujos suaves desmazelos
– em sua visão sob a franja – sobre a sua cabeça
que para a rua leve
esta noiteatrocidade
do interior onde conflua
no vinho arcano o sangue que atroz afoite
ao tomar feroz o que bebe
à potável tempestade
onde nua – lambuzada de argila,
de noite de chuva e suor –,
Dionísia no Centro dança
e faz-se ver de madrugada dentro, ao redor,
pela vista pelada que louca lhe alcança,
sobre o asfalto reflexo, a foz dos pés
que, da lagoa do umbigo através, e pelo delta do sexo,
por suas pernas, braços de rios,

veio da fonte da axila
dela que fora contemplada desde o cúmulo-nimbo,
em desvarios se a-brindo
– ao que quer que a tome, mas jamais a possui –
enquanto aquela míope que vira
 (única,
 úmida)
 a pupila da Lua.



DEMETRIOS GALVÃO

Demetrios Galvão (Piauí, 1979). Poeta, professor e historiador, mestre em História do Brasil. Autor dos livros de poemas *Fractais Semióticos* (2005), *Insólito* (2011), *Bifurcações* (2014), *O Averso da Lâmpada* (2017) e do objeto poético *Capsular* (2015).

Em 2005 lançou o CD de poemas *Um Pandemônio Léxico no Arquipélago Parabólico*. Participou do coletivo poético Academia Onírica e foi um dos editores do blog *Poesia Tarja Preta* (2010-2012) e da *AO-Revista* (2011-2012). Edita a revista *Acrobata*.

RECANTO

ergo um museu de silêncios
entre besouros cegos e esporões perdidos
em uma praça que fica no coração da memória.

aprendi que a verdade é um signo inflamável,
que os bares vendem ausências
e que as pessoas estão cheias de vazios.

meu recanto é uma varanda no hipotálamo
ateliê onde rumino um orfanato de cartas
e rabisco pequenos infinitos.

carrego sempre um peso a mais
um insólito equilíbrio, uma poética selvagem
para me defender do grito sanguíneo do tempo suicida

– escondo minhas relíquias no avesso da lâmpada
onde as palavras têm febre e a matéria se bifurca.

INFINITO VOLÚVEL
ao som de velvet underground

quando o fogo alteia, sobrenatural se torna
tua arcada de medusa.
as tatuagens arcaicas grafadas nos ossos
emergem faiscando.

revolvemos em nosso motor
todas as guerras modernas.
recolhemos o marfim do antiquário
e nos lançamos na heresia da selva.
travamos uma batalha por noites
no ângulo aberto dos olhos ocultos.

não avistamos o mar de onde moramos
não temos nossos nomes demarcando ruas.
nos lançamos na vertigem ébria das asas,
no jogo cego das cartas.

ainda em silêncio, sussurramos uma luz escura
entre costelas e demais estruturas.
quando no infinito das eras,
nos tornamos volúveis.

– hospedamos nosso ser estrangeiro
no clube pagão das insolências.

TUDO CHEGA DE UM MUNDO ANTIQUÍSSIMO

ao som de frank zappa

eu vi uma legião de jesuítas
silenciar florestas espontâneas
com sua pedagogia assassina.

eu vi caravanas de novos e velhos mestiços
aprisionarem peixes, lagartos e aves mensageiras
para legislar um código de honra obscuro.

eu vi um velho mar engolir desaforos
e guardá-los em envelopes de calcário
no fundo de sua paciência líquida.

eu vi homem e máquina
fundirem-se numa utopia selvagem
na cavalgada de sirenes.

eu vi a miséria da casa grande
radiografada em etiquetas de luxo
nos bazares e camelôs da cidade baixa.

eu vi um avião cair
e do alto da montanha
nascer um mito cinematográfico.

eu vi uma mãe e um santo
disciplinar um jovem dilúvio
quando em festa, alagou corações desabrigados.

eu vi begônias dizerem “eu te amo”
para um quilombo submerso
em erotismo tropical.

NOITE TURVA

um casal emplumado
encarou a tempestade de ferrugem
com a ternura de um abraço profundo.
suportaram o assombro do céu e
os ataques nervosos.

bateram-se contra às águas e os ventos
como se o peito fosse de marfim e
a coragem, uma armadura impermeável.

(o baile cambiante das pernas
na regência dos trovões vorazes
seguia em compassos de pavor)

o império turvo do céu
rogava assombros em lastros
de serpentes luminosas.

o casal lutou na rinha feroz da noite
que não oferecia extremidade
ou margem para abrigo.

ESCORPIÃO NA CASA DE CAPRICÓRNIO

chove um som verde na paz dos musgos e os crimes se libertam nos quartos de motéis: nos encontramos com a fúria de dois cometas que se chocam, movimentos selvagens, contradições na faringe metálica e sexo na contorção fumegante dos corpos irresponsáveis – (os olhos são ogivas de cilício sobressaltando as costas) – nossos fluidos escorrem para o mangue da alma: rio caudaloso a dismantelar a neurose dos ponteiros em estranhas experiências, como se toda a história fosse só um agora – (o que sobra são os garranchos sobrepostos e os escombros molhados) – violamos o que de mais íntimo nossos pés tocam, saltamos as pontes, as linhas de trem e o azimute do horizonte – (é inútil pensar que sairemos ilesos à noite) – nossos delírios conjugados cavalgam as luas de saturno enviando sinais jamais pronunciados – (os braços que nos cercam são noctâmbulos) – as carícias desmancham armaduras, recolhendo para a dispensa a utilidade das unhas de aço: nosso amor fosforescente se escreve na avenida eros.



GIULIANO FRATIN

Giuliano Fratin (Paraná, 1979). Poeta, passa sua vida se dedicando à criação literária e à composição musical. Criou uma série de obras através de uma ampla e ilimitada ciência das palavras onde a exploração das figuras de linguagem, bem como a ampliação e finalização de alguns processos estilísticos, fez a originalidade de sua jornada como escritor. Foi o primeiro passo que o levou ao universo do latim clássico e da linguística histórica. Fratin resgatou e recriou a forma culta e erudita, trazendo um rico vocabulário cuja semântica cumpre a promessa de singulares significados. A beleza e a significação de suas palavras, a montagem de suas analogias e alegorias, o resgate das grafias originais, e o trabalho etimológico, agregam valores históricos e incentivam a ampliação do vocabulário (algo de suma importância para que o leitor possa ler com fluência obras de grandes autores da história literária, filosófica etc.). Para os amantes das letras, eis o apontamento para o estudo filológico, o domínio da linguagem, a inteligência das gramáticas antigas, o verdadeiro interesse e o amor pelas línguas clássicas.

NA ESPHÆRA OCCULTA...

Vela o âmago do íntegro genitor
Em um segredo de passados
Que reluzem lídimos...

A nébula que envolve sua emoção
Pode desvelar-se em translúcido cristal
Através da avidez de uma simbólica interface...

Ele gera a fonte luminar
Que occulta o flúmen no véu
À guarda de sua áqüea identidade...

Atrás dos olhares a decodificar sua alma,
Ænigmas anunciam em dócil projeção
As imensas pupilas de outro céu...

Abre-se no íntimo rosáceo que deflagra
Ao Sol de vossa tenra amabilidade
No lado interno do Amanhecer...

Evade-se ao núcleo da sublime lucidez
Quando o ser inteligível predomina
Na visão que dele se apodera...

Ao dilatar-se em mystério,
À procura de um escudo invisível,
Seu amor desfila em vogas subliminares...

Amanhece em calores de auroras perfumadas
Na volúpia de sua nostalgia que desperta
Ao som de uma violácea maciez...

No adiamantar deste symbolo
Andrógina metáphora retorna implícita

Perante os sentidos que se cruzam convictos...

O Outro Lado permanece vívido
Em luzes que o escuro jamais poderá deter
Enquanto fruto intangível de um desconhecido fim...

SINESTESIA PLENA...

Todos os meus sentidos se cruzam
No sabor musical que perfuma as cores da sutileza
Onde vivo múltipla e inusitada sinestesia...

A fragrância de uma voz dourada
Propõe uma doçura cuja cálida rubescência livre sonha
Na unicidade do meu ser...

Não demorei a perceber o quão mágico é
Enxergar os calores de um som aromático e forma doce
No centro de minha secreta existência...

Numa noite de especial empatia
Meu paladar tateava a sonoridade fulvo-violácea
Do balsamo intuitivo que me fez tanger um sexto sentido...

Analogias entretêm em unidade o sumo da minha esphæra
sensitive
Na olfação que vibra em carícias de vistosas symphonias
A emitir emoções de índigos gostos marítimos...

Ao provar da obscura tristeza do amargor
Desagradou-me a aspereza de um fétido estampido...
Assim quis somente permanecer na quintessência dos
sentidos...

Da sensível consonância ao elemento de sua orbe real,
À comunicação etéreo-imaterial expande enérgica mansidão
Na precognição que me convida a uma sinestesia extra-
sensorial...

Sonho odorífero qual rubificado vibra em táteis e audíveis
telepatias,
Quando ecoa no tépido brilho de suas palatosas harmonias
Liquefazem-me no Universo da Sinestesia...

AS CASAS NASCENTES DO TEMPO

Tempestades antigas... Alamedas de sonhos já extintos e
apenas existentes num tempo cuja antiguidade já perdera
os relógios... Velhas casas... Casas que germinam qual ser
arbóreo, pois nunca ninguém as construiu... Elas nasceram...
Simplesmente brotaram e cresceram formando aos poucos
suas janelas e portas... As mãos do Passado as semearam com a
esperança de frutuosos e floridos lares...

NO CREPÚSCULO SILENCIOSO DA MATA...

Eram três campanulários
E quase nove meia-luas...
Por entre as devesas murmurantes
Erguiam-se maravilhas de uma diáfana umidade
Opaca em seu enraizar profundo...

O Cedro que outrora
Manifestava-se com um pileo branco,
Agora se encobre com mantas emboloradas
Cujas aberturas evidenciam
Seus galhetes em forma

De ponteiros precipitados...

Sabe-se que as árvores também marcam as horas,
Bem como certos relógios suplicam por águas cristalinas;
Mas na amargura de suas esperas áureo-boreais
Procuram pelo estreito e declivoso córrego
Por onde descem todas as manhãs do mundo...

FIEBLUA BAULLUS

Una, Lancinante,
Serial, Perfumosa,
Tênuê, Enigmática,
Crível, Volupiosa,
Gênio, Onírica,
Rara, Andrógina,

O seu dúbio cristal de amor utópico
Entorpece-nos na lascívia de um íntimo sonho
Repleto de flores alucinógenas
Que exalam seus feromônios proibidos
Nos campos de desejos sensoriais

A luz de seu coração revela-se libélula bailarina
Flutuando sob o calor do palácio interno
De seu corpo aqúeo-transparente

Anjo Carismático
Princesa do Delírio-Psíquico

Ao delectarmo-nos com seu mágico pólen
Consagra-se na dama de nossa emoção
Em profunda raiz de imanente harmonia
Quando forma o Triângulo das Pétalas Melíferas
Eternizado por um delírio paradisíaco

Deixa-nos romper o óvulo de seus táteis segredos
Para lisonjearmos o mago que lhe infla

Afetiva, Imperiosa,
Angelical, Substanciosa,
Lânguida, Eruptiva,
Luminosa, Dividida,

Combina distintas fragrâncias
Que nos atraem de modo poliabrangente...
Dileta, Expansiva, Passional;

Mito Psicológico
Sob os Vapores da Transcendência
Modelo Enigmático
Entre as Plumas de sua Ambivalência



MÁRCIO SIMÕES

Márcio Simões (Rio Grande do Norte, 1979) publicou os livros de poemas *O Pastoreio do Boi: XII poemas sobre uma parábola Zen* (Flor do Sal, 2008) e *Fúrias de Orfeu* (Sol Negro, 2016) e escreveu outros inéditos. É editor e artesão responsável pela Sol Negro Edições (www.solnegroeditora.blogspot.com.br). Como tradutor publicou *Gregory Corso: Antologia Poética, Postais do Peru*, de Thomas Rain Crowe, *O Fruto de Saturno*, de Yvan Goll, entre outros. Vive em Natal-RN.

O ACENO DAS POSSESSÕES

uma coluna cinza clara de perfume festeja seu silêncio
no horizonte

no momento em que lástimas soltas alimentam um pranto

de papel e sou um urro

em desalinho

as percepções ativas ferem o olho nu

crises escutam sentadas os

desatinos do

porto

cães atravessados por automóveis

bailam

entre um extremo e outro jovens espancam

um oceano de lamentos

uma febre de néon suspira uma agonia de luz

uma cólera de possibilidades enforca os fetos

do destino

vermicidas oxigenam

pulmões

mentes florescem como chagas

no intestino grosso das

metrópoles

QUANDO ANJOS ALEIJADOS...

quando anjos aleijados decapitem a boca aberta das
trombetas

quando clarins incendiarem a nudez numa vegetação

quando a campânula estrebuchar num arco de chuva
as caravelas se abrirão num largo

e as amantes se enforcarão em claras flores de lótus

estampidos e paradas se baterão pela planície

o orvalho virá fecundando a tormenta ou a terra

a ruína do mar e o arrebentar-se das pedras

louvarão essas vacilações do espírito

minhas anarquias, meus demônios

ESTOU FARTO DE VIVENCIAR A DESAGREGAÇÃO DO
MUNDO...

estou farto de vivenciar a desagregação do mundo
nem uma sombra da intercomunicabilidade das coisas
uma mulher de seios fascinantes
repousa ao meu lado
e no entanto não posso tocá-la
estou identificado ao réprobo, ao carregador das chagas
ao que sofreu os anátemas
nada tenho com os capatazes do tempo
entretanto seus agentes invisíveis
não me deixam ter um instante de paz
apenas tu, Musa, não me abandonaste nem na loucura
escuto no pássaro o suspiro solitário de quinhentas nuvens
amanheço estrangeiro e mais distante
nenhuma parte de mim deseja pedir perdão, levantar uma
súplica
crer na ressurreição dos mortos e na vida eterna

AURORAS DE BRAÇOS ESPARRAMADOS...

auroras de braços esparramados
sobre os pescoços dos montes

nuvens de brancos
nos olhos do azul

árvores em disparada
atravessando
as vestes dos vendavais

rios de duas cabeças
servindo a ceia
terrena das raízes

quem duvidaria
que a escuridão
na sombra

sabe onde
a luz esplende?

DURANTE UMA SESSÃO DE MÚSICA ETÍOPE

para Sopa, sufi-sadhu d'Osso

i.

a mente desmantela
a redoma de ar
o trombone bale
o sopro divino
atravessando o deserto
os caravanas pisam
 os tambores graves
ao entardecer

ii.

vermelhos audíveis
 rodopiam
num redemoinho

iii.

sax dos infernos
 nascendo das tripas
de petróleo expelidas

no céu deserto motorizado –
flor violácea
 espargindo a derradeira
 malemolência das raças
 pelas manhãs
ainda amando
 o âmago renitente



MARIANA IANELLI

Mariana Ianelli (São Paulo, 1979). É autora dos livros de poesia *Trajetória de antes* (1999), *Duas chagas* (2001), *Passagens* (2003), *Fazer silêncio* (2005), *Almádena* (2007), *Treva alvorada* (2010), *O amor e depois* (2012) e *Tempo de voltar* (2016). Tem dois livros de crônicas: *Breves anotações sobre um tigre* (2013) e *Entre imagens para guardar* (2017). Estreou na literatura infantil em 2018 com o livro *Bichos da noite*. Recebeu o prêmio Fundação Bunge de Literatura (antigo Moinho Santista) na categoria Juventude, menção honrosa no prêmio Casa de las Américas (Cuba) e foi quatro vezes finalista do Jabuti. Escreve quinzenalmente aos sábados na revista digital de crônicas *Rubem*.

NADA FOI FEITO QUE REVIVESSE A COISA MORTA

Nada foi feito que revivesse a coisa morta,
Mas no rosto do amante solitário

Uma tarde despontou dentre milhares
E quis do homem o seu prazer intenso
De sonhar o mesmo vulto sobre a cama,
O mesmo vínculo que se estabeleceu
Para ser rompido como os que o antecederam
E os que viriam raramente depois dele.
Cindiu a indiferença dos anos e voltou
Com sua fome, seu poder ambíguo de encantar
Pela eternidade do instante que floresce
Apenas quando a melancolia de tê-lo perdido
Também volta, com toda a sua beleza visionária.
Uma tarde cuja manhã já se esqueceu
No traço de tantas iguais que vêm e passam
Como para só cumprir o ato necessário;
Uma tarde cuja noite se tornou algum resíduo amortalhado.
Estava ilhada, suspensa no fluxo do tempo,
Era a relíquia do amante e era o seu trauma.

DESCENDÊNCIA

Sou o poema tresmalhado
Que um lobo traz à boca
Como prêmio
De um passeio ao campo.

Vive em mim
O irmão mais velho
Debruçado sobre o chão
Cavando, cavando com as unhas.

Aqui uma cidade se levanta,
Força e música,
Já a prostituta distribui
Os seus encantos.

Uma primeira espada
Deslizando
E há o deserto em mim,
Que seca todo pranto.

Morre aqui eternamente
O ladrão do fogo,
Morre Abel, a cada verso
A terra faz ouvir seu sangue.

O animal que há milênios
Me carrega
Tem a marca
Da educação pela sombra.

FLOR DO OFÍCIO

Emboscada no silêncio
Eu preparo a rosa inútil
Com as horas que salvei
Do desperdício.

Feito um verme
Decompondo ceticismo
Em força indômita,

Preparo e deito essa flor
No teu caminho
Para quando o teu corpo
(Tão quebrantável quanto o meu)
For sozinho pastorear
Seus demônios no vazio.

Quase dois mil anos
Guardado no deserto
Um salmo esperou
Para recobrar sua melodia –
E eu não te esperaria?

VIGÍLIA

Esta noite
Nem o gozo do pensamento
Te entretém.

Teu sentimento
É todo um espanto seco
Como se te mirassem
Os olhos da inocência
E desta vez não te acudisse
O desprezo.

Te comove
Teu sangue trabalhando
Em silêncio,
Resvalar te comove,
Pode ser teu ato extremo.

Nada se põe entre esta noite
E a perfeição
Da tua órbita no tempo.

Só tuas mãos ainda servem
De instrumento,
E elas se deitam.
Podem alcançar adiante,
Escolhem alcançar
A transparência.

ISMAEL

Todas essas terras disputadas,
Uma vida de alcateia e de cobiça –
Mas nem todos nós temos essa fome.
Alguém tem apenas o deserto
De uma história que nunca foi escrita,
A saga sem metáfora de glória
De ciganos tão antigos quanto estrelas –
Ao menos um de nós é o outro filho,
O andarilho irmão que foi banido,
E outra vida vem do fundo de um poço,
Uma flecha cruza um mundo sem divisas.



RODRIGO BARBOSA

Rodrigo Barbosa (Pernambuco, 1979). Dez anos mais tarde, mudou-se para Natal-RN, residindo atualmente Pium\ Parnamirim. Em 2011 publicou o livro de poemas *Flâmulas, Hidras & Coquetéis*. E, em 2013, traduziu para o português o livro do poeta argentino Aldo Pellegrini, *Construcción de la Destrucción*.

ÓRFICO DE UM JARDIM

encontrei Rosa
entre vetustos sonhos
vestida e despida
pelas estradas errantes
transpirando como timbre noturno
atraíndo meu olhar para as vielas
labirínticas e sincrônicas
dos mais lúcidos vestígios do salto
na sombra do jardim onde carvalhos
nos campos estelares por onde passamos
louco cálice transfigurando
como numa revoada
rajada de chamuscas pelos cantos tântricos
e o trago lá onde se deixa brilhar quanto quiser
e a língua não prende mais o transformar
nem as asas do gavião da mente
nem o olhar atraído pelo ímã
e pela guelra da poesia contínua
ecoando feito aquele sujeito
que disse que não existia
e mesmo assim
foi dormir depois de beber
uns bons tantos tragos de cana
e amar loucamente como selvagem
na mágica noite toda escura

uma voz doce havia anunciado
e ela veio caminhando do sertão
marcando o chão com sua sapatilha
de mira-celi ascendente
por ser aquela que me dá
e ressoa os cantos e os gritos de todos
de séculos sem fins
de pálpebras e pensamentos

expulsando os troncos brabos
que eclipsam nosso olhar

e assim com as sombras
de algumas filosofias
os lívidos lábios da amante
me plantam e me lançam
pelos lençóis misteriosos
da vibração e galopes da
existência

PEQUENA FÁBULA

O murmúrio da água
Um pequeno lagarto deitado ao sol
Um barco de vento cruzando o rio
Uma presença diluída se aproxima
É preciso ouvir a voz no abismo de dentro
Um olhar suspenso nasce no ventre oculto

POSLÚDIO

há n'alma do cosmo um rio
em vidas muitas, que de vez
em quando, noite ou dia, insiste:

conduz como comboio de navio
em número de mil vezes mil e dez
as estrelas que viste

o abismo entre teus ombros foi
que caminhou teu coração e fez
verter em vinha o triste

A INTERMINÁVEL MÚSICA INVISÍVEL

eu anseio por tua palavra
orgulhoso

dos mil olhos de fogo que me deste

luzes inundando as escuras avenidas da imaginação
uvas pretas misturadas às tuas tranças

relâmpago furtivo do teu olho
vozes redivivas como vulcões

ontem te vi tocar as cordas invisíveis
da minha viola – sombra em audição

RELIGARE

Teus olhos cerrados expandem-se com o fim da tarde
Tuas sobrancelhas ampliam e deleitam minha visão
Tua boca pede o álcool da minha poesia
E teus dedos tamborilam em meu peito

Há uma água negra e serena roçando nossa face



BEATRIZ BAJO

Beatriz Bajo (São Paulo, 1980). Poeta, diretora-geral da Rubra Cartoneira Editorial, revisora, tradutora, professora de língua portuguesa e literatura, especialista em Literatura Brasileira (UERJ). Seus livros são *sobre nossas línguas a carne das palavras* (Ed. Patuá, 2017), *domingos em nós* (PR), publicado em 2012 pela Rubra Cartoneira Editorial, *a palavra é* (PR) e *a face do fogo* (SP), os dois de 2010. Traduziu os livros *Respiración del laberinto*, do poeta mexicano Mario Papatrasi, pelo Coletivo Dulcinéia Catadora (2009). Participou das antologias *29 de abril: o verso da violência*, ed. Patuá: 2015; *101 poetas paranaenses*. V.2 (1959-1993), org. Ademir Demarchi (SEC: Biblioteca Pública do Paraná, 2014); *En la otra orilla del silencio* (Na outra margem do silêncio) org. José Geraldo Neres, lançada e traduzida no México em 2012; *Diálogos com a Literatura Brasileira – volume III*, org. Marco Vasques (Movimento, Porto Alegre/RS; Letradágua, Joinville/SC, 2010); *Moradas de Orfeu*, org. Marco Vasques (Letras Contemporâneas, Florianópolis/SC, 2011; *Realengo: poetas pedem paz*, revista *Germina Literatura & Arte*, junho 2011. Mantém os blogs *Linda Graal* e *Esquina Literária*, de ensaios, resenhas e divulgações.

[NO COPO DE ÁGUA HÁ UM PÁSSARO]

no copo de água há um pássaro
no corpo de mágoa há um pântano
asas se debatem e se encharcam
o voo do pássaro é mais denso
a ave: nada
a nave submerge templo banhado
tantas luas engolidas
a esparrela da água
é inundar a viagem
ela, gozar alada
alagada de sons de seu tempo aéreo
de ser metal contra as nuvens
de ser mental imagens raiando
seco, o copo enche de água
seco, o corpo enche de mágoa
irriga o ar, rente
empoça o grão vago
átrio transportando a translucidez
feixes de peixes entre a mudez corada
de anzóis
sóis embaraçados na dança selvagem
singrada nas lágrimas
o Verbo vem
o Verbo voa em

AVE

na parábola dos meus nervos
raivosos de seiva e sombras
grafas ramos invisíveis
engravidados de raízes
arbustos plenos indecifráveis
balé de braile em lanças surdas
sobre a madeira que me veste

tuas palavras tatuam meu corpo
circunscreves no umbigo lenhoso
nódoas de entardeceres rosas
ainda úmidas pelos versos
escorridos dos teus lábios
há um livro teu em cada poro meu

dança selvagem de galhos
orvalho na pele da palavrardente
são lágrimas melífluas
futuros caindo sobre o tronco nu
adivinhações de omoplatas escorregadias
plantas de pés resvalantes

uma semente vertida
miríades de diamantes
no silêncio bendito
leia pétala a pétala
e milagres florescem
no agreste desinventado
por tua língua
imantada na minha
saliva nossa
amém
ele se leva

PINTURA EXPRESSIONISTA

you tem uma agulha na língua
a cada lambida, rasga minha inteireza
e eu, esquartejada, insisto em que
feche os olhos e despedace-me mais profundamente
até tirar-me toda a pele. Assim, posso
inundá-lo completamente com meu rubro
desmazelo de enquadrar-me, sem moldura.

VARAL DE IDEIA FIXA

...talvez tivesse receio de fazer pesar ternos meus a ponto de envergar o varal de ideia fixa. cabiam sempre entre uma roupa e outra minhas meias. meias verdes. haviam de secar em céu aberto. a umidade é o mistério original... a secura, a verdade coagulada. mas verde é cor molhada de sempre e quando baixei o varal, a tinta ainda estava fresca. ingênua tentativa. temi. assim como me sinto mais viva molhada, entrei na máquina e lavei-me inteira. esverdeei. torci e retrocedi a ponto de dobrar-me quase. amarrotada. calcei as meias verdes, pendurei-me com cuidado no varal e estendi-me. agora aguardo que o sol me quare.

COMER BORBOLETAS

1/2.

cada beijo é como comer borboletas
para que as matizes de dentro se libertem, se debatam
no assanhar das asas
entre os predicados que traquinam no diafragma
que raia em transversais contrações
ventos adverbiais

1/3.

assim que se deitou
sobre meu pé tão delicadamente
trouxe-me algo de fenda
algo de talho, latente
entre os batentes da minha janela
adentrando pelos basculantes
roendo as sementes

2.

O dia inteiro nascia dentro de mim



NIL KREMER

Nil Kremer (Rio Grande do Sul, 1980). Poeta e atriz, com formação em Letras pela UCS. Participou de coletâneas de poemas (publicações impressas e digitais), tem poemas publicados no *Livro da Tribo*, em fanzines e revistas (digitais e impressas). Publicou o livro independente e artesanal *Kamikaze* (Da Gaveta, 2016) e participou da coletânea *Misterioso Sul – Lendas em poemas* (Elos do Conto, 2018). Foi professora de teatro e técnicas circenses do projeto Gente Encena da Secretaria Municipal da Cultura de Caxias do Sul e do UCS Sênior em que ministrou a disciplina de artes cênicas. Atualmente é professora de Língua Portuguesa. Trabalha com contação de histórias e orienta oficinas sobre meios alternativos de publicação (fanzines, livros cartoneiros...), e oficinas de Criação Literária.

[VEJO AURORAS BOREAIS NO TEU PEITO]

vejo auroras boreais no teu peito
e uma gigante baleia branca
protegendo a espécie
vejo o que tear algum tece
o embaraço que abocanha obviedades
liturgia que bíblia alguma comporta
feridas sedentas nos teus lábios febris
ouço vinis no toca disco do teu peito
secos e molhados, amor
e uma paisagem dúbia, sonora
roçando a graça dos teus mamilos

[VEJO UM GLOBO]

vejo um globo, lembro de você
da tua fome de estrada
da tua larica de mundo
os mapas agora são diferentes
depois da beleza dos traços
com que contornaste meus hemisférios
outro dia vi um atlas gigante na livraria
imaginei nos teus olhos estrelas
enquanto tuas mãos folheavam o planeta

[MEU GRÃO É DOUTRA PARTE]

meu grão é doutra parte
marciano grão com crinas ao vento
costas embebidas em mel
e um carrossel de peixes tatuado
meu grão é doutra parte
tem olhos de chuva e pagã maresia
turva janela de onde se colhe maçãs
meu grão é doutra parte
cômodos descalços onde se pisa areia
decadente veia
em que o mar tem o som de violinos anunciando tempestade
meu grão é doutra parte
uma catedral em transe
insone catedral com vitrais em chamas

[TE AMO DE LONGE]

te amo de longe
Como que a mil léguas submarinas
Como se aqui teu sorriso
Como se eu deserto e você oásis
Te amo de longe
Como um monge recluso a sua divindade
Te amo de longe
Como aragem
Água que queima
Brisa que lambe o rosto

Talvez não sinta como eu
Ainda assim
Te vejo falando
Um fantasma bonito
Convivo melhor com isso
Com o fantasma
Gente de carne e osso me põe medo

[TODA MIGRAÇÃO É DESTERRO]

toda migração é desterro
gera cacos
pede rejunte

toda migração é cicatriz
rasgo raso
profundo corte

toda migração é mergulho
mil léguas de apneia
âncora fora do prumo

toda migração é tiro no escuro
alvo sem norte
recorte e colagem

toda migração é travessia
mais de uma via
mudança de faixa

toda migração é corredeira
naufrágio, onda inteira
mar revoltoso



NUNO GONÇALVES

Nuno Gonçalves (Pernambuco, 1980). Nasci em Recife, mas sou cearense. Publiquei os livros de poesia: *Cacos de Cristo*, *O sol e a maldição*, *Cartas de navegação* e *Calabouço de reticências ou a aridez do oceano*. De prosa: *O rio das onças*. Recebi o Prêmio Ideal de Literatura com o conto *O caminho da novena* e com o poema *O canto do anjo vermelho*. Graduado em história pela UECE, mestre – na mesma disciplina – pela UFC & doutor em *Estudios Latinoamericanos* pela UNAM. Sou professor de história da América na UFRB, mas o que importa mesmo é que sou pai de Marialice.

MANICÔMIO A CÉU ABERTO

para Stella Díaz Varín y Leopoldo María Panero

carrego em mim dez mil livros
e tenho uma só vida para escrevê-los

a morte me morde os calcanhares
– isso não é nenhuma novidade –
tem sido assim desde que completei dezenove meses de existência

escrevo como minha vó se despedia
como quem se vê por última vez
como quem sente as mordidas da morte nos calcanhares
como quem escuta o ranger de dentes da moça Caetana
como quem já amou e já aprendeu que o melhor sinônimo do
amor é a crueldade

escrevo como quem escreve um testamento
tenho uma filha linda
e sonho que tudo que escrevo fará parte de sua deseducação sentimental
cada dia escrevo mais
cada dia escrevo melhor
e sonho que tudo que escrevo chegue aos olhos dela um dia

como Stella, a víbora eterna
não poderia deixar meus mortos em paz
muito menos os vivos
nem pretendo que me deixem descansar em vida
muito menos depois de morto

como Leopoldo, o sempre louco
escrevo como quem se droga
não suporto as intensas crises de abstinência quando tento parar
e há muito tempo descobri que o melhor da vida
são os vícios

tenho uma filha linda
uma ex escrota que me enche o saco
e uma linda esperança verde que mora na minha cozinha
mas nada disso é suficiente

nada é suficiente
quando se tem em si todos os sonhos do mundo
quando se tem dez mil livros dentro de si
e só uma vida para escrevê-los...

ORAÇÃO

quando todos pensarem que estou morto
estarei na montanha mais alta da Grande Aldeia
ao lado direito de Augusto dos Anjos
sob a sombra do sol esquecido
refletido nas raízes dos olhos de Cruz & Sousa

quando todos pensarem que estou morto
estarei na selva maior da Aldeia Grande
na forma de vento ou de pássaro noturno
olhando os mistérios da terra
encravados nos caminhos arcaicos

quando todos pensarem que estou morto
estarei nu no olimpo
um deus entre os deuses
como um rei selvagem
ou um monge ébrio entre os miseráveis

quando todos pensarem que estou morto
estarei na taberna ou na praia mais fascinante
conversando com a Virgem e com Álvares de Azevedo
fumando haxixe, ópio e marijuana
bebendo lentamente o vinho das almas

quando todos pensarem que estou morto
estarei em meditação tão profunda
que um tonto me tomará por um espectro ou por um fantasma
e os sábios cairão por terra
cegos pelo brilho da estrela que arde em meu estômago

quando todos pensarem que estou morto
estarei vivo na última semente
apodrecendo no charco
& germinando a árvore do próximo planeta
depois da morte e do enterro da esperança

REGRESSO DA MAIS LONGA DAS VIAGENS

também o tempo morre e como todos os mortos exige sua
sepultura
estive na trácia na índia no paquistão
buscando um chão para esse intervalo miserável de tempo
perambulei maltrapilho e insone carregando esse fardo
esses farrapos de luz e cultura e amor e baba de vira-lata
buscando um lugar adequado para depositar esses restos de vida
que na íngreme subida do himalaia
iniciaram sua transmutação em lixo radioatômico
e ameaçaram a estrutura saudável de minhas células
estive em persépolis na babilônia e em creta
implorando aos filhos de zoroastro um pedaço de cosmos
para enviar esses satélites paralíticos e deformados
que no auge de uma combustão espontânea
ardiam sobre meus ombros
como uma sarça silenciosa e infeliz
irradiando uma poeira fina e asquerosa
que nem bem tocava a pele ou qualquer outra superfície
se transformava em vorazes vermes insaciáveis
que a tudo corroíam com uma fome febril e desmesurada
no meu encaço sempre o hálito da morte
bafo de cálcio e amianto
promessas de vinganças nada doces
rastejando como uma entidade decaída e maquiavélica
na órbita daquele sol que um dia habitou com plenitude a minha
face
estive no cariri em olinda e no rio das onças
procurando um palmo sagrado de terra prometida
onde enterrar esse defunto estirado nessa rede
que me tocou carregar sozinho
que transformou minha coluna num tobogã
que provocou dores corporais intraduzíveis
e acelerou o processo natural de envelhecimento dessa carcaça
estive fora por muito tempo

agora estou de volta
trouxe comigo uma das luas de saturno
trouxe comigo uma cor verde típica de uma alga marinha em
extinção
trouxe uma nova e estranha serenidade
que encheu de perfume a mochila anteriormente cheia de
esterco e solidão
trouxe comigo uma fita cassete com canções jamaicanas sobre
a liberdade
com uns poemas novayorkinos sobre magia & perda
com uma linda loira junkie alemã cantando a mais aprazível de
todas as estações
cheguei nessa cidade em estado meio sonâmbulo
e andei e andei e andei por essas ruas antigas de calçamento
irregular
como um fantasma que mal termina de adentrar o inferno
e percorri todos os caminhos desse povoado de sombras e
loucos
como se nunca estivesse saído daqui
como se nunca tivesse conhecido o oriente
como se nunca houvesse existido nenhum regresso
alguns me reconheceram apesar do estado deplorável de meu
espírito
e seus dedos e seus olhares e suas mórbidas curiosidades
se esticaram em minha direção
denunciando a deterioração de minhas vestes
o desânimo de minha alma em frangalhos
e o *nonsense* de meus gestos todos
alguém não hesitou aproximar-se
entregou-me algumas flores
visivelmente mal tratadas pela ação implacável do sol dos
trópicos
e me ofereceu um beijo simples e cheio de amor e ternura
em seguida se retirou com passos seguros
com passos de quem sim há muito aprendeu a caminhar só na
noite escura...

A CASA DOS MIL FANTASMAS

Eles vieram e eram muitos.
Eram sete para ser exato.
Eles chegaram e se serviram.
Beberam conhaque, fumaram cigarros, comeram carne.
Se lambuzaram de bolo e sorvete.
Rodopiaram sobre a mesa.
Atiçaram a todos.
Destruíram algo dentro de mim.
Depositaram sobre meus ombros o peso do mundo.
E partiram outra vez.

FROM THE MORNING

*Saw it written and I saw it say
Pink moon is on its way*

NICK DRAKE

encontrei nick na floresta
ele era só um jovem triste, belo e melancólico
extraíndo a alma de um violão
encontrei nick na floresta
e nós subimos uma colina juntos
e sentamos na última pedra do sonho
encontrei nick na floresta
seus olhos irradiavam uma luz estranha
ele sabia que a morte já chegava
e nada mais lhe importava
apenas o seu violão
encontrei nick na floresta
nós subimos uma colina juntos
e sentamos na última pedra do sonho
e ficamos em silêncio
olhando o rebanho de gaviões
remando em direção ao horizonte
onde já despontava a lua rosa...



SAMANTHA ABREU

Samantha Abreu (Paraná, 1980); Poeta. Pesquisadora de literatura de autoria feminina pela UEL. Já foi publicada em sites, revistas e teve textos adaptados para o teatro. Participa e produz eventos e projetos literários. Lançou os livros: *Fantasia para quando vier a chuva* (Orpheu, 2011), *Mulheres sob Descontrole* (Atrito Arte, 2015), *A pequena mão da criança morta* (Penalux, 2018); e tem dois livros no prelo. Integra as antologias *O Fio de Ariadne* (Atrito Arte, 2014) e *29 de Abril: o verso da violência* (Patuá, 2015), junto com autores contemporâneos de todo o país. Faz parte do Coletivo VERSA, que divulga, organiza e dialoga com a escrita de autoras londrinenses.

MANUAL PARA SER ESPECTRO

Sentar-se na frente do espelho e rasgar os poros com longas unhas,
espalhar o sangue
que escorre.

Erguer as têmporas em direção ao sol,
então fechar os olhos no silêncio honroso da graça,
o milagre
do corpo que se integra: de si mesmo
em si mesmo
pois em si mesmo uma
reciclagem,
autofagia da carne sendo engolida pelas cavidades de onde
levantam os pelos.

Sentir calafrio, suor e,
finalmente,
desistir de resistir ao gozo.

EU TENHO NAS MÃOS O CORAÇÃO DE UM PÁSSARO

Eu abro o peito do pássaro: sinto o coração bater na ponta do dedo
e tenho penas de todas as dores
enquanto o pássaro me observa segurando seu coração.

O pássaro ainda se debate com violência
mas não pode voar
e eu já não sei mais como devolver-lhe as palpitações,
pois a morte agarrou minhas mãos e está tentando fechá-la.
Ela quer esmagar a beleza do coração que pulsa,
a beleza,
ela quer parar o coração do pássaro.
Eu não resisto e esmurro fortemente o chão,
deixando que o sangue dos meus dedos se misture ao do
coração dilacerado.

O pássaro emudeceu e não me olha mais.

Então eu sepulto seu pequeno corpo sob todas as formas que
tenho
de gritar em silêncio.

UMA MULHER É UMA IMAGEM EM PÉ

Uma mulher se levanta roçando suas asas nas pernas dos sonhos
e as asas da mulher flamejam e estalam,
as asas chicoteiam quando a mulher se levanta pisando no
acolchoamento de nuvens.

Sempre que a mulher se ergue do meio do nada, de dentro do
vapor suado que circula o mundo,
sempre que ela se mostra, sempre que a mulher caminha

eu entendo que anjos e demônios usam seu corpo,
que anjos e demônios se irmanam

sob as formas que ela encontrou de encarar o abismo.

UM DESEJO LATEJANDO NA CÓRNEA

Uma vontade não é reprimida na ausência
o desejo de outro desejo, uma faculdade do querer,
uma cisma.

Teimar em fisgar o oxigênio nas trompas,
até sentir o ar alcançando as amígdalas
liquefação
explodindo nas córneas.

Arranhar as paredes da casa com os dentes,
gritar socorro entre os buracos dos tijolos que agora se
mostram,
querer diluir o corpo e sumir entre o concreto, assim
feito massa corrida: lisa, fina e confortável.

MENINAS QUE SALTAM DE PARAPEITOS

Algumas meninas se debruçam sobre os parapeitos e observam encantadas outras vidinhas e pequenos afetos. Algumas meninas se debruçam sobre as grades e sorriem com os olhos. Depois se recolhem silenciosas para suas modéstias e sobriedades. Algumas meninas se recolhem.

Eu me deito sobre o vento pincelando no ar meus dedos de autoridade sobre o recato. Tenho desejo de gravidade infinita. E me jogo do parapeito das meninas, sorrindo as sobrancelhas e deformando a boca enquanto berro. Berro, mas não paro de cair. Eu desabo estendida em nuvens.



TITO LEITE

Tito Leite (Ceará, 1980). Poeta e monge, mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Tem experiência na área de ensino de Filosofia, com ênfase em Filosofia Política, Ética, Filosofia da Ciência e da Tecnologia. Autor do livro de poemas *Digitais do Caos* (Selo edith, 2016).

AZUL INAUGURAL

O óbvio tem folhas
de chumbo – o vento
me respira como faca.

Na pimenteira do novo
me queimo
por dentro.

Quero na boca
o óleo árido
das palavras
que não sangraram.

As rosas solitárias
do ocaso em busca
do odor do sol.

O meu vazio traduzido
em pássaros
póstumos.

Descobrir as rodas
do invento é a maçã
do Éden para
os poetas.

MOINHOS DE VENTO

Raquel chorava seus filhos trucidados
– eu choro os livros
não nascidos.

São pêndulos os anjos que ficam.

Na essência que me conflagra
minha metafísica estreita
os êxtases que escapam
dos moinhos.

A incompletude irrompe
uma absurdidade incômoda.

Quero que sejam transcendentais
os acidentes.

Sublimo com água ácida
o eclipse que espelha
minha ascensão de tarde.

Em pólvora e fogo guardei-me
nos sabres metálicos da noite.
No meu pouco tenho o limo
que safira a gema celeste.

LÍRIO E FOGO

Cigarra
desengasga fogos
da garganta.

Ventos avessos
compõem mistérios
parindo ondas.

No intervalo do primeiro
haicai para o segundo
minha cabeça
é um espanto
de dúvidas.

NOITES ENSOLARADAS

Do poema, romperam-se as romãs.
No coro dos granizos,
fugiram as sibilas.

Íamos habitar a abóbada celeste,
mas a nave não atravessou
a noite do Hades.

Nossa odisseia era para ser maior
que o mar de Homero.

HOMO INCURVATUS

Retorno de um sonho com a nona sinfonia na cabeça.
O peso da manhã coloca uma lápide no esplendor das estrelas.
É um crepúsculo o mistério que me encerra.
Fibras de aço deliram as entranhas dos deuses.
Falsete (inglório) de um banquete no escuro –
a harpa e o pássaro – amolo o absurdo.
No caniço, uma liberdade titânica:
a dúvida completa os cardumes do fogo.
Poderes em contingência metálica – o Estado é um cão bipolar
sua termodinâmica encurva minha alma.
A voz de uma criança uma oitava mais alta:
extático, derrubo o muro da separação.
Com andarilhos, aprendi a arrancar pedras de temporais
pilho ventos de um campo de girassóis
corto serpentes na imensidão do vácuo.

Descalço algemas – para a pátria sou cético.
Em essência a fumaça do incenso é o perfume de Deus
o deserto – solidão das pétalas –
grafa minhas digitais na loteria da viagem.



ANA FARRAH

Ana Farrah (Rio Grande do Sul, 1981). Teve sua escrita notada nas redes sociais quando seus textos começaram a ser publicados em blogs e revistas eletrônicas de literatura contemporânea no Brasil e em Portugal. Participou da coletânea de contos *Sete Pecados*, pela editora Scenarium Plural e da antologia *Contemporâneas*, na revista *Vidas Secretas*, editada por João Gomes. Publicou poemas também no *Livro da Tribo*, pela Editora da Tribo. É colaboradora/curadora na *Mallarmagens*, revista virtual de poesia e arte contemporânea.

Escreve sem eira em poesia sarcástica, mas transita entre outros estilos. No momento, Ana trabalha com Estética e escreve nos intervalos entre uma massagem e outra. Publicou o livro *Orquídea Trepadeira e outras flores ordinárias*, em 2017, pela Editora Benfazeja; em 2018 publicou *Os Mortos do Apartamento 21*, pela Editora Patuá. Seu próximo livro, *Demônio de Pelúcia*, tem previsão para lançamento neste 2019.

[ELE ME DISSE]

Ele me disse: – vc tem cheiro de cadela no cio, cheira a prostíbulo de longe! Bem se vê tua postura de cortesã, qualquer um percebe. – Oras, como eu saberia? Nunca cheirei uma cadela, ademais não tenho espelhos convexos. Mas ele sabia, sabia muito bem: eu era essa cachorra, sempre fui! E ele tinha o faro apurado dos perdigueiros, aquele filhadaputa. E me sabia demais, de um jeito constrangedor: manjava minhas dancinhas de manipular, bocejando nas jogadas estratégicas de cabelo. Eu nunca pude com aquele homem! Nunca senti tanto amor e ódio por alguém ao mesmo tempo. Fui embora pra nunca mais. Escondo meu cio de lua cheia enquanto posso, precavida sempre de outros cães. Jurei que ninguém mais iria me cheirar como ele. Por via das dúvidas comprei arnica e cânfora, passo sempre antes de sair de casa.

[NÃO LEMBRO]

Não lembro nem o nome
lembro que ele usava um
sobretudo bege e morava
num desses apartamentos
de cohab
também não lembro como
fui parar lá e no meio
da noite sentir vontade
de ir no banheiro
mas lembro que o inverno
carcomia grosso
e eu enrolada naquele
sobretudo bege
quentinho
lembro que fiz xixi
ali mesmo
não lembro como saí
só sei que de uma
hora pra outra eu já
estava fora dali
me vi descendo do carro
(meio que empurrada)
nem beijinho...
ele nunca ligou
eu nunca lembrei o nome dele

[EU SABIA IRRITAR UM HOMEM]

e eu sabia irritar um homem como ninguém eu sabia dizer a coisa certa na hora errada pra ofender de forma sangrada e imperdoável eu sempre soube ter a língua cheia de alfinetes porque um homem duro e impenetrável me parece por demais enfadonho a placidez mórbida dos psiquiatras por exemplo é inadmissível e isso vai além da minha vontade própria é quase involuntário espezinhar por gosto e propósito só pra ouvir o grito obter resposta ver mostrar por dentro ver até onde eles vão e nessas de brincar de ‘espete o bonequinho’ me lasquei bonito quando eles explodiam geralmente os estilhaços furavam meus olhos por isso fiquei cega toda vez que fui embora.

[ESTIVE A PONTO]

Estive a ponto, muito que por um triz não te matei
teu sexo inosso me fazia querer te esfaquear de quatro
enquanto de costas, porque não me doía nem me rasgava
perdi tantas chances pq não tive colhões
pra limpar toda a bagunça depois: você e seu corpo amorfo
espalhado pelo tapete, seria um desastre
eu não teria forças
nem estômago
Mas estive a ponto, foi por um triz que não te cravei a faca
na jugular saltada desse seu pescoço gordo
Sinta-se feliz por isso

O CLIENTE

Você daria uma boa mulherzinha para casar, ele disse, enquanto eu abotoava o corpete; te vi limpando aquele chão com tanto esmero, e mesmo o bolo horroroso de mandioca que você fez eu comeria toda manhã com alegria enquanto você passa café para dois. Você é tão risonha! Eu seria capaz de te ver rindo toda noite assim.

Você daria uma boa mulherzinha mesmo, me alcançando a toalha como fez agora, depois do banho. Você é muito atenciosa servindo-se de corpo e boca aberta para mim, daria uma boa mulherzinha!

Minha esposa não faz isso, menos ainda “aquilo”, que você faz com tanto carinho! (sim, ele disse)

Dei de ombros, peguei meu dinheiro e bati a porta com força. ‘esse daí nunca mais’, pensei



ROBERTA TOSTES DANIEL

Roberta Tostes Daniel (Rio de Janeiro, 1981). Seus poemas foram publicados em antologias, sites e revistas literárias, no Brasil e em Portugal, tais como: *Mallarmagens*, *Zunái*, *Musa Rara*, *Diversos Afins*, *Estrago*, *Incomunidade* e *Agulha Revista de Cultura*. Participou das antologias *Desvio para o vermelho* (Centro Cultural São Paulo – Org. Marcella Andresa Becker), *Amar, verbo atemporal* (Ed. Rocco – Org. Celina Portocarrero), *História Íntima da Leitura* (Ed. Vagamundo – Org. Fabiana Turci), *Crônicas de um amor crônico* (Ed. Penalux – Org. Moreno Pessoa e Priscila Rôde). Em Setembro de 2018, publicou seu primeiro livro, *Uma casa perto de um vulcão* (Ed. Patuá).

SKELETON TREE

Ninguém te ensina
a devassar
o cômodo
do que és.

Ninguém sabe
das sobras
do toco
das velas

no último murmúrio
dos sopros
dos rebites
dos charques
dos ramos.

Se a porta foi aberta
se a escalada foi íngreme
se a torre é de marfim
se a Bastilha caiu.

Importa que te abras
para a noite
na forma cavada por Nick
suas sementes ruins
seu solo árido.

Importa: que não me ouças
que não me entendas
que por ti galgues
e talvez transcendas.

LUZIA

Deus está deitado
de costas para o crime
para tudo que criou
espécie de inércia
primeira ou museu
a estocada final
som estridente
de coisas nascendo
e estrelas morrendo
som que não contém
razão de ser
se não distender
sua massa gravitacional
pedra jogada no rio
do vazio, bastasse
uma antena de maior
amplitude
para entender as engrenagens
cifradas do crime perfeito
um lamento guardado
no fóssil mais antigo
da América
qualquer substância
sarcófago
um campo de invertebrados
diagrama de línguas extintas
um meteorito que luzia
uma mulher de treze mil anos
ardendo
à sua sorte.

WALSERIANAS

Ainda ontem, a coruja
pousada na existência
iludiu-me com a ideia
de conhecer Robert Walser.
Informou-me ter acompanhado
há muito, o sereno caminhante
e até Jakob existira
na profusão dos rostos que emanava.
Perguntei se aquela ideia insana
de andar até a morte
ser nulo, vago
paisagem na névoa
trouxe a ele a tamanha precisão
com as palavras.
Qual era a espécie de grito
que ele soubera conter?
Nada respondeu
a enfeitiçada e profunda
coruja, fez-me lembrar
o pássaro desolador
de Poe, tal a expressão
das pestanas, quase
um momento musical.
Na luz acesa da interrogação
a predação se fez doce
anularam-se os egos
restando o silêncio
pantanso e comovente
do mistério.

MOSTEIRO

Sábia e poligâmica
a natureza passeia comigo
na horda das formigas
que escapam invasivas
pelos subterfúgios
dos escombros.

Menos que as ratazanas
ou as baratas
mais que as folhas porque as carregam
as formigas sabem meu nome
e são elas no seu acordo de silêncio
e trabalho

beneditinas, antes de todos.

MÓBILE

Depor em minha vida, a vida de meu verbo
feito de visões: estrela-guia
de um reino sem lugar, sem palavra.

O jato das horas; o golpe do tempo
seu riso sufocante, de areia movediça
afogam na transubstanciação desta água.

Miramar pendente de mergulho
fôssemos meninos, braçadas
onde estivesse o mar

esta mão que enleia a tempestade
– sempre um visgo, um tremor
de vício nas mãos: escrever

asas em ruínas
fôssemos o chão
caminhássemos a chuva.

Mas como se apaga o chão
de terra lavrada?
A nuvem o que mais germina.

Guardemos silêncio
sobre a boca das palavras
em dia de visão.

Atravessemos-nos
com a perfuração das passagens
línguas em desastre.

Tantas palavras
o silêncio não é uma feira
vontade de dizer
para calar.

Estou abocanhada pelas ilhas
à borda de um reino em exílio.

O meu grito
o que desfaço
das imagens

com que me entrego
violentamente ao mundo
desmundo.



AIRTON SOUZA

Airton Souza (Pará, 1982). Poeta, professor e autor de 32 livros. Vencedor de mais de 50 prêmios literários, entre eles Prêmio da União Brasileira de Escritores, Prêmio da Academia Paraense de Letras, Prêmio Dalcídio Jurandir 2013 e 2017 e o Prêmio da Academia Brasileira de Médicos Escritores. É também mestrando em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, com ênfase nos estudos literários. Seus poemas já foram traduzidos para o espanhol, o inglês e o alemão e, também já publicou em mais de 70 antologias literárias.

[COMO DESPERTAR PARA O MUNDO]

como despertar para o mundo
com um inteiro quintal
morto dentro de nós
ou haverão outras maneiras
de pronunciar os sentimentos:
pássaro e pedra?

hoje, há uma ubiquidade
no nome de deus
sussurrando em nossas mãos:
“não temas mal algum!”

o cajado de deus é isso também
às vezes um pequeno hiato amargurado
provisoriamente a ocupar um utensílio
[mais que uma impossível renúncia
para desconsolar os dias]
que o chão evangelizado
convencionou a chamar: homem.

[IMPOSSÍVEL OFERTAR UM OSSO]

impossível ofertar um osso
aos teus levíticos olhos
[testemunho de regressar ao ato]
a ternura é isso também:
rios que se acreditam sem margem ou fundo

ao lado da hipótese de esquecer
há um pronome sepultado
no coração topográfico de deus

por que é sempre inútil planejar
o amor dentro de nós?

talvez seja porque ao lirismo
não importam mais as guerras
ou as verdades das casas
que nunca souberam a sensação de desentristecer.

[BORDO A CARNE IDÍLICA DO HOMEM]

bordo a carne idílica do homem
ele no silêncio de entender grades
adiava a geométrica língua cotidiana das pedras
& a iminência de irrigar pássaros
nessa manhã de nomear uma couraça
contra a premonição dos ossos

bordo esquinas sem caridades
elas fabricam as tristezas diárias
de pronunciar escuros sobre o homem
[erva árida no coração da memória]

estou habitado contra o pão e a casa
enquanto comungam dentro de mim
um nome para a boca em chagas
mas dói a resistência de ontem
quando hermeticamente rumino a verdade inútil.

[HOJE CHOVE DEPOIS DA AMARGURA]

hoje chove depois da amargura
& a voz da serpente em nossos ombros
não implorou pela pergunta:
haverá possibilidade de ofertar
uma única definição dos salmos
para o compêndio abrigado
em nossos levíticos olhos?

chove e, regressa em nós
a necessidade de um coração eclesiástico

mas, a impavidez da casa
interroga cada vez mais
a irrevogável paisagem latifundiária
na urgência de nossas mãos.

[DEUS NÃO SENTIU AS SELVAGENS RAÍZES]

deus não sentiu as selvagens raízes
& foi logo enumerando a luz
o rosto duelando contra as estrelas
uma improvável casa de portas embaçadas
e a intenção do amor
pela angústia na carne

em suas mãos de pássaros melancólicos
vitrais morreram para povoar
a pronúncia dos dias
na impossível espera pelo mar
crescendo nas paisagens dentro de nós.



DIOGO CARDOSO

Diogo Cardoso (São Paulo, 1983). Poeta. Mestrando em literatura brasileira pela Universidade de São Paulo. *Sem lugar a voz* (Dobradura, 2016) é seu primeiro livro.

ONDE O SILÊNCIO

a mulher na água brota braços
onde no peito
raízes líquidas a fazem árvore *lacrimae*

chora o corpo pedindo sede a cada

músculo
areias

ancestrais escorrendo a garganta dentro
nos seios, a gravidade invertida retorce
amores convexos onde tudo quer rasgar sóis

arco-íris obscuros cantam em sua boca
cantilena espectral,

onde o silêncio é braço soberano
onde o silêncio é dor que se cala

onde o silêncio

HÁ UMA VOCAÇÃO DENTRO DO NOME

há uma vocação dentro do nome.
e cada grito são flores saídas dos lábios
quando a noite ainda é aceno.

há uma vocação. e os ventos
nos mexem o alfabeto segredado
no mais fundo acima da terra.

era noite. e os nomes evocavam a vida.
a morte era ainda a criança vindoura
que gritava sua luz rupestre.

as mãos trabalhavam no nome a sua vocação.
mãos femininas designando o desejo,
pairando sobre as cabeças consteladas.

há uma vocação dentro do nome. e todas as letras,
guardadas ao fundo de outras vozes,
evocam cores segredadas no infinito

[AMEI O PORCO GUARDADO NOS OLHOS DA
MULHER]

Amei o porco guardado nos olhos da mulher. Era janeiro e a nascente de tudo era fora das chuvas. Amei o porco e ele amava a traça no homem em mim. Vivíamos de desespero e água, e o esquecimento nos nutria a fome. Era janeiro e como não haveria de ser se o sol queimava as águas guardadas no verão? Era um rosto num olhar e ao novo já era outro o mesmo rosto. E eu era traça, pulga, ranúnculos e fibras. E ainda assim, água, amei o porco nos olhos da mulher guardado.

[POR DUAS VEZES GRITEI]

Por duas vezes gritei e o que saía de minha boca eram raízes extremas. Duas vezes, não mais que duas. Da primeira, sete aves visitaram-me os lábios e com a certeza de quem assassina, comi-as todas. Farto, senti as raízes em minha desolação. Não podia mais ser grito, não podia – queria apenas o silêncio perpétuo dos ânus venais. Isso foi há muito tempo, quando ainda os deuses nasciam com os pés atados à terra e as árvores eram tecidas de carnes mortas infantis. Da segunda, padeço ainda hoje das raízes saídas do sexo e do sonho impossível dos voos de pássaros dos quais sinto toda a fome.

[ELE COMIA SABUGOS MORTOS NA ESTRADA]

Ele comia sabugos mortos na estrada. Em sua imundice, ele mastigava aquela matéria seca e árida de areia e saliva. Um coelho, puro e limpo em sua brancura, prostra-se indiferente ao lado daquela podridão humana. O homem, diante da bola branca pulsante, tomado por uma compaixão quase satânica, oferece-lhe um de seus sabugos. O bicho indiferente distancia-se num salto, sutil pluma de galinha que reza. O homem sente-se ultrajado, diminuído à última unha que lhe resta nos dedos, a cada sabugo morto caído sobre a terra. Num rompante, certo de sua miséria, exato em sua redenção, o homem consome a pureza no coelho com uma mordida certa que lhe parte cabeça e corpo.



NINA RIZZI

Nina Rizzi (São Paulo, 1983). Poeta, tradutora, pesquisadora, editora e professora. Promove Laboratórios de Escrita Criativa para Mulheres e tem poemas, textos e traduções publicados em diversas revistas, jornais, suplementos e antologias no Brasil, Argentina, Peru, Espanha, EUA, Portugal, Suécia, Moçambique e Angola. Autora de *Tambores pra n'zinga* (2012), *A Duração do Deserto* (2014), *Geografia dos ossos* (2016), *Quando vieres ver um banzo cor de fogo* (2017) e *Sereia no copo d'água* (poesia) e *Caderno-goiabada* (prosa poética), ambos no prelo. Coedita a Revista *Escamandro* – poesia tradução crítica. Download de seus livros e escrituras mais no quandos: <http://ninaarizzi.blogspot.com.br/>.

PASTORAL DE YANSÃ E A MULHER QUE NÃO SE SABE

eu gostava de me perder e lambuzar
no acidente entre suas pernas, adorava

inspirava o ar que lhe saía das narinas
como o enfim deixar de respirar sofrido

depois, quando minha carne tremia, disse
– quando eu te amo, venta

e nunca mais parou a ventania.

A MORTE DO FAVELADO

– motivo para *aidan*

os buracos vazios de vez
trinta e uma mil balas para pacificação
esturricam no chão

2.

um dia de manhã sentei naquele chão

tão preto
tão morto

fechei os olhos garrada em seu sangue seco
e pensei em quem seria
quem foi
ele os invisíveis

abri
como uma refugiada de guerra
uma vaca magra na fila do abate

3.

ouço as sirenes indo embora
chegando
como uma marcha de chopin

os pássaros
o que é vivente
estão lá – longe
desse silêncio de mármore

outro carro
mais uma nota na marcha
insinuação de morte

4.

perene os vinte um sabores
picolé pipoca algodão doce tapioca
que os meninos se indo
saberão ainda – ausentes

bombas pás
rastros de névoa
aqui acolá

dissipam na floresta de ossos

PASTORAL DA RIBEIRA

uma casinha incendiada surge no prédio ao lado
o rio cobre as vigas e pedras e cimento e pó
sob o rio se erijam casas-lama os homens prontos e um emprego
trilhos e pregos e gente balouçam na casinha incendiada ao lado

afunda os pés de brincar co' ua nanã que ri o ferro que afunda
largo

um afogamento pronto pra uma cidade que nasce com seus
homens fortes
na peneira a colher demora a massa e mofa e demora a massa
o fogão de barro submerso no lugar que nasce

acena um oi para a gente que vem incendiada
arde o fogo e a água a pedra e ferro da gente que vem

olha pra a direita mais adiante
folhas de palmeira pra palhoça um pouquinho de amianto
entulho e câncer e as cabritinhas tão bonitinhas ó as galinhas
cisca cisca cisca

ôôôôôôôôôôôô

camisas numeradas regatas largas e de manguinhas

uma cidade emerge submersa
uma ponte metálica de madeira uma ponte
escaçada caiada com luzinhas pra piscar e muda muda
olha a novacor de dez em dez segundos

um conjunto habitacional popular há quase cem quilômetros
da gente que levanta e nasce uma cidade submersa
sete prediozinhos de três andares pra amontoar a gente
saída de uma favela onde se gritar um estádio de futebol

ôôôôôôôôôôôô

uma cidade surge submersa no prédio ao lado
é tanta gente é tanta gente e tudo que sente e faz a gente

incendeia, amor

incendeia

NINADÍ RICY

eu já fui uma índia

falava co fogo co'as águas plantas y ventanias
coisas da terra e da boca do céu

dançava me banhava nuinha co'a maloca toda

mais bão memo

era cumê homi branco

VERTEBRAL

penso palavras tão puras
palavras tão negras

uma mão escreve o silêncio
outra mão agarra o nada

e uma flor
e outra flor

um vau de rio na escuridão
um vaso índio e a pura lama

penso palavras tão puras
palavras tão negras

o olho mansidão
claraclaridade

o mar e o cheiro do mar
o barco e o barqueiro

uma respiração do abdome
aos pulmões ao abdome

penso palavras tão negras
palavras tão puras

no movimento dos dedos
a ligação do céu co'a terra

no movimento dos quadris
a união do vento co' fogo

na imobilidade
a mais completa ação

penso palavras tão puras
palavras tão negras

nossa verdade ninguém vê
o fogo a textura a série

uma ruazinha
nascada de tinta

um precipício na esquina
arribação do tu&eu

penso palavras tão negras
palavras tão puras

e a poema está inteira

in progress



CASÉ LONTRA MARQUES

Casé Lontra Marques (Rio de Janeiro, 1985). Poeta, residente em Vitória (ES). Publicou *Desde o medo já é tarde*, *O que se cala não nos cura* e *Campo de ampliação*, entre outros. Disponibiliza o que escreve em sua página pessoal: caselontramarques.blogspot.com.

ENCAIXAR O ROSTO NOS OSSOS

Encaixar o rosto nos ossos
das suas
costas se tornou para mim um
modo
de coincidir com
a paz;
debaixo dos
dentes, emergem (angulosos)
bons
goles de
pele
– compassadamente: sim:
a língua
se move melhor
em águas
largas.

UM ROSTO NASCE EM TORNO DA VOZ

Um rosto nasce em torno da voz,
embrulho que atiro
na areia
ou levo até a água (que lanço da janela ou arrasto
pela
calçada); este é o rosto que atrai a cidade,
os tentáculos
da cidade – aprimorando, sem
se satisfazer, os primeiros
impactos
da manhã. (Da manhã: desfiada
sobre
o asfalto?) Você fala: você suspende
o oceano
(e não só a surdez; você
suspende
o oceano) movendo o maxilar.

O MEDO SEGURA SUAS FISSURAS

O medo segura suas fissuras,
enquanto alguns
tumultos se organizam
para testemunhar:
a última hora
é hora nenhuma –
todo
inacabamento tem
algo
de solar.

APRENDEREMOS A DESCANSAR OS OLHOS NA ÁGUA

Aprenderemos a descansar os olhos na água
(entre novas fissuras).

A calma – apesar de tudo há calma – quase
abranda

o calor. Pedras

prensadas contra

o brilho

daquela manhã ali, respirando

dentro

de alguma fala. O dia é obrigado a se abrir:

aprofundamos

sua fome.

Com as pupilas

eletrocutadas.

FRITAMOS A AFASIA EM FOGO FARTO

Fritamos a afasia em fogo farto. Manipulando a aplicação
de chuvas nos campos indefinidos
do fôlego. Fritamos
a afasia
em fogo farto. Mobilizando a perpetuação
de lutas
nos cantos irrestritos
do
fôlego. Fritamos a afasia
em fogo farto
— nada adia nossa lida:
com
as veias cheias/as artérias repletas
de palavras:
a
coragem acolhe o cotidiano
na carne é na carne
que
o cotidiano acontece.



LUCAS PERITO

Lucas Perito (São Paulo, 1985). Poeta. É graduado em Comunicação em Mídias pela PUC-SP. Escreveu livros ligados a história e fotografia, fazendo os textos de acompanhamento para o livro fotográfico *Caminhos da Mantiqueira* (2011), de Galileu Garcia Junior. Publicou seu primeiro livro de poemas, *38 Movimentos*, pela Lumme Editor (2018). Tem poemas publicados em algumas revistas brasileiras, além de algumas revistas de Portugal, Espanha, Galícia, Colômbia e Peru. Tem traduzido Charles Cros, David Diop, James Wright, Amparo Osorio, Abdellatif Laâbi, Maria Emilia Cornejo, Jacques Prevel, Hector de Saint-Denys Garneau, entre outros.

FIGURAS DE MANEJO DA MEMÓRIA

Busco um rosto retirado de duas mãos
Se completam e desfazem
São cavalos sobre o sal da terra
– Silenciam.
Persigo um rosto e pertence à noite
Em ruínas que só as raposas conhecem.

Uma lanterna aponta, em um quarto – unidas –
Vozes úmidas conjuram os nomes de origem
Em algum lugar do espaço
Correspondem-se, sem razão,
Duas feridas e um fruto mordido.

DEGREDO

Indexado entre a língua e a pele
exilado no corpo
como massa informe
dispersa o eco e a matéria.
Nomeio dentre os selvagens os mais modernos
do outro lado da noite.
Fraturado frente às costelas
manchado entre uma cidade
desenha-se um acidente biográfico.
Sem rumo, vagam vagas, sem rumo
despenca atado a um gosto na boca.

PRIMEIRA PEDRA

Crava na origem da língua
Um traço histórico da derrota
E o silêncio de Adão.
O tempo retrocede entre salas vazias
e o rosto dos séculos.
Se abismarão no tempo
Sem nunca ouvir seu nome –
Uma marca coberta de pó
Num longo mergulho final.

TRÁGICO

Sa tête sillonne la galaxie de l'absurde.

RENÉ CHAR

Digo:
Todo rosto é trágico
Ainda mais nessa cidade
onde os dois pianos
que ouço
confrontam as janelas fechadas
e a chuva que cai.
De perto, todo rosto é trágico
Ainda mais contra o vento
ansioso pela liberdade
e o confronto com outros rostos,
trágicos, no trem.
Todo rosto é trágico
Todo rosto desenha nossa sobrevivência
De dentro de um escafandro
Gritamos!
e não nos ouvem.
Quando visto de perto
Todo rosto é trágico.

As sementes crescem
no estômago,
em câmara lenta,
na cama encostam
invadem o espaço do sono
da pequena morte
diagramam-se em folhas,
flores, frutas, fetos, fogos, facas...

Tendo o esquecimento como ponto de partida
Meu único atributo –
essa linha na testa
de quem se espantou demais.

TESTAMENTO

Nos excessos do século
Assumo o martírio
Como morte cansada
Um cometa tiranizo
Em chuva de granizo
Sigo e faço o rito
Como número da sorte
O oito infinito

A nada reduzo a beleza
Consulto o Livro,
Pasto do tempo,
Em grandes colheradas
Sorvo o mundo;
Jogo as cartas
Sou a sombra de uma pantera encarcerada
Um verso imundo



THIAGO E

Thiago E (Piauí, 1986). Poeta de testes, músico driblador de gagueira e banhista com discromatopsia. Publicou os livros *Os gatos quando os dias passam* e *Cabeça de sol em cima do trem* [remix]. Lançou singles como *Ave Mautner*, *Povo país caos* e *Compasso* (em parceria com Joniel Veras, Cid Campos e Jan Pablo, respectivamente, tendo participações de Jorge Mautner e Arnaldo Antunes). Integrou a banda Validuaté, com quem gravou, entre outros discos, o álbum *Alegria girar*. Foi um dos criadores da revista *Acrobata*. Participou de várias antologias, como *La juventud de la poesía en Brasil: muestra de poesía contemporánea*, com seleção e tradução de Elys Regina Zils e Floriano Martins.

A CASA CONSTRUÍDA COM MAÍRA

nunca havíamos cogitado morar com gatos
cinzas de anos tristes iludiam nossos olhos

no século treze o papa gregório nono
associou felinos às bruxas, — a satã —
abrindo fogo contra cultos pagãos

a fumaça das mortes ainda cega:
quanta gente enganada pela fuligem
repete não gostar de gatos, sem ciência?

lembro daquele cara aqui em frente à porta
empunhando uma faca e um saco de estopa
caçava a gata que há pouco pariu na calçada

qual força nos fez trazê-las pra casa?
e como chamar agora esses dias
se chegam sem voz, com pés preguiçosos?

dormindo sob a planta o que as gatas sonham?
a folha do imbé é um coração comprido

A TRAVESSIA DO FANTASMA

um fantasma atravessa minha casa

e toca a construção, seus danos físicos
olha o teto sem luz muito infiltrado
são lâmpadas quebradas e goteiras

minha casa atravessa seu fantasma
quer tanto compreender o que angustia
criou escuras manchas na tintura
buscando defender-se desse enigma

por pensar que paredes têm ouvidos
e nunca dão palavras definidas
somente loucos falam com paredes
ninguém escuta a dor das rachaduras

da rua, um gato pula até a janela
podre, o peitoril cede, espanta o bicho:
enquanto a casa tenta a solução
no chão mais um reboco se espatifa

[A LÍNGUA É UM TRISTE MOLUSCO]

a língua é um triste molusco, chora um pranto negro e escuro — molusco triste é essa língua, lembra e lambe sua dor fina — dentro da boca, tal molusco chora a falta do seu casco, quer de volta o tempo justo, voltar pra lenda do passado, lenda velha, antes da boca, tinha concha e casa, escudo e força, mas num mistério da matéria perdeu a parte mais eterna, se fez só língua e se desintegra — a língua é um triste molusco já sem esperança, no escuro, de reaver seu casco, ter futuro, resigna-se com riso de chumbo — como lhe resta ser mesmo língua, linguagem, motor, sempre e ainda, é na boca pá e palavra, fala igual como quem cava — cava com o corpo um liso assoalho, chão de carnes gêmeas, molhado, buscando na cabeça o antigo casco, roupa e casa, escudo e agasalho — a língua é um triste molusco, não sabe se é carne ou um soluço, sem concha, se reinventa no escuro, sem cara, existe feito espectro, espasmo, movimento, um obgesto

ORELHA

é uma casa na cabeça – encerada e sem madeira não tem porta para entrar: recebe a ressonância e esse som reside lá. 2. clareia o ir do cego – seu sentido mais aberto. e mostra-lhe a cara do barulho ali por perto. 3. maquinaria que me deixa ereto. 4. canteiro de obras – estribo martelo bigorna. 5. caixa do tímpano aos cuidados do otorrino. 6. vontade não te põe em pé – e sim o interno ouvido. 7. quem tem transtorno de equilíbrio passa a se preocupar com isso. vai aprender palavra nova no hospital: vectonistagmografiadigital. 8. Com vertigem e mal estar, suplica algo pra amparar. mas onde? não há nada com o que se pareça: é uma queda dentro da própria cabeça. 9. reabilita o labirinto – deitado, em pé, sentado – com roupas confortáveis – pra cima, pra baixo. 10. você precisará fixar o olhar – é o gancho para agarrar. 11. piracetam e cinarizina ajudam na circulação central três vezes ao dia. 12. sua frequência se distancia da violência da microfonia. 13. mora também em página de livro antigo, mas essa não sabe dos brincos. 14. lugar pra compor o segredo de liquidificador. 15. criança danada tinha a orelha puxada pra lembrar do certo – diz a história: a orelha é da deusa memória. 16. onde começa o saber. 17. ultraleve. 18. é concha sem mar na praia da pele e sob o cabelo espera um gesto que a revele

OS GATOS NA MEMÓRIA DOS AMIGOS

o sonho
antes de ser visto
é apalpado

é o cafuné
que planta na cabeça
o sonho

por isso ao pôr
os dedos
na moleira do gato
seus olhos se fecham
em pequenos espasmos:

sete vidas assistindo às pálpebras por dentro



ELYS REGINA ZILS

Elys Regina Zils (Santa Catarina, 1986). Poeta, artista visual, tradutora. Doutoranda e Mestre em Estudos da Tradução pela PGET/Universidade Federal de Santa Catarina. A Sol Negro Edições, casa de livros artesanais, publicou *Os elementos terrestres*, de Eunice Odio, edição bilíngue organizada e traduzida por ela. Atualmente tem em preparação a tradução de livros de Marosa di Giorgio e Olga Orozco, para a mesma Sol Negro Edições. Recentemente criou a Editora Mama Quilla, cujo catálogo estreia com *O dia dos cinco orgasmos* (Leila Ferraz), *Susana Wald – Visões vertiginosas da criação* (ensaio e entrevista, ERZ) e *Fragments de silêncio* (poesia e colagem, ERZ), todos em 2024.

[CINTURA DE RIBEIRÃO]

cintura de ribeirão
a pétala inebriada que passou com a correnteza
foi devorada pelo peixe do cotidiano
nas pálpebras da lua
pousa um grilo verde
será sinal de sorte?
as palavras silvestres
abandonam o lirismo para ir caçar

o que alimenta a poesia?

[UMA DOSE DE AZUL]

uma dose de azul
e tudo parece fazer sentido

o leve bater de asas
semeia as palavras não ditas
a árvore desnuda em abril
preserva
minhas noites

na pradaria que nomeias
semear sonhos
enferrujados
plumas do horizonte que atravessamos
pairam no ar

VIVER ENTRE REALIDADES

não te vejo de olhos fechados
pêndulo estático
metáforas que cavalgam para longe
para sonhar novos sonhos
poesia líquida
fluir entre os paralelos

[NA IMPRONUNCIÁVEL CAÍDA]

na impronunciável caída
somam-se eletrodomésticos quebrados
dos homens fragmentados
são poemas ilegíveis
sempre inconclusos
galopam a covardia
entre os pássaros de veludo

[COMO UMA MEMÓRIA ABANDONADA]

como uma memória abandonada debaixo da pedra
uma planta seca num vaso esquecido
um nome dito, repetido e que perdeu o sentido
tu não sabes
mas espero teu abraço
para me iludir
um dia os pássaros migrarão de volta



ANNA APOLINÁRIO

Anna Apolinário (Paraíba, 1986). Poeta, organizadora do *Sarau Selváticas*, de autoria feminina. Autora dos livros *Solfejo de Eros* (CBJE, 2010), *Mistrais* (Prêmio Literário Augusto dos Anjos, Edições Funesc, 2014), *Zarabatana* (Editora Patuá, 2016) e *Magmáticas Medusas* (Editora Cintra/ARC Edições, 2018).

MEUS CHINELOS DISTRIBUÍAM VELAS PARA OS
NAVEGANTES SONÂMBULOS

Profecias chamuscavam a paisagem marítima de seus sonhos.
A noite sussurrava nos lençóis o sangue de um animal em
vísceras.
A noite com suas cruéis agulhas cosendo as veias negras de um
coração ceifado.
Meus suspiros bordavam serpentes nas vestes das virgens.
Minhas preces devorando dalias em seus coruscantes cabelos.
Os dedos rondavam a carne secreta dos delírios.
Entranhando uma rosa terrífica nos pulmões.
Ferozes clarões talhados da garganta ao sexo.
Um segundo antes do despertar,
mordi o mel em brasa das romãs,
macerei estrelas para adoçar alucinações,
guardei um punhado de leopardos nos bolsos,
e segui insone com meus chinelos e meu chapéu chamejante.

MARIA E A SIBILA

Maria
Teus seios áureos
Abismos de seda
Tuas selvas e relvas
Fiações elétricas
O bosque succulento dos teus beijos
Teus lábios cravejados
De escaravelhos cintilantes
Sigo tateando tuas fomes
Roçando com mãos de relâmpago bem dentro do sonho
Essas belicosas placas tectônicas carnudas de teu sexo
Doces e furiosas frestas dissolvidas em lava alquímica
Rochas íntimas mordiscando secretos basaltos famintos
fumegantes
Como beijos loucos legítimos pestilentos
Diabruras borbulhando em tua boca
Maria
Devore as carapaças brilhantes dos besouros
Lambendo suas asas
Vista a tempestade e o assombro
Esqueça as migalhas de pão na floresta
Não há retorno
Rasgue os mapas e o fogo nas páginas
O inferno é versátil como uma criança
Muda sempre de lugar
Com um punhado de areia
Dilate as pupilas
A vertigem é viscosa
Afunde os dedos
Maria

UM HOMEM NU ESCOVA OS CABELOS DIANTE DO
ESPELHO EXCITANDO-SE COM A REAÇÃO DE SEU
ROSTO A CADA ESCOVADA

O espelho é um diabo à espreita,
a nudez inquieta do homem dentro da noite sigilosa.
O homem, este espectro, estrela vertiginosa,
portando uma máscara de carne, armadura voluptuosa
vascularizada em voracidade, terá alma?
Gana e vaidade, seus cabelos se dilatam em brutal tesão,
avançam contra a cara transtornada,
acetinadas ondas negras,
revoltas e lascivas crescendo e crescendo e crescendo.
O sexo intumesce, epifania narcísica,
as pálpebras estremecem, sucessão de arrepios,
distúrbios vasculares cerebrais periféricos,
lábios, mãos, dorso, pés, coxas, mamilos,
gravidade de pólvora, curto-circuito e incêndio,
dedos, testículos, dentro da caverna auricular,
com ou sem aura, colapso no sistema vestibular,
a pele delira, regurgita uma parelha de conflitos
e banha o chão com uma chuva de vertigens.

PERDI O MEU PRIMEIRO HOMEM NO ESPAÇO

Antes que houvesse noite em seus olhos,
pude tocar-lhe os cornos iluminados por constelações secretas.
Rapei suas plumas, para atizar poemas em minha garganta.
Triturei crepúsculos para enfeitar teus cabelos.
Então fraturamos o espaço com nossas asas fosforescentes,
ruflando e ferindo a cabeleira do infinito,
com as pupilas pulsando pedrarias,
lambemos suas nuvens envenenadas.
Somos uma gargantilha de estrelas esvoaçantes,
percorrendo o espinhaço do sonho,
beijando a nuca e os seios dos céus escuros.
Somos o sangue movediço das palavras
bacantes serpentes mordendo a própria cauda.

OS SONHOS ME POSSUEM COMO A VIRGEM
SACRIFICIAL DE SUAS NOITES

Meus seios se eletrificam nas mãos luciferinas de seus bosques.
Pecados e clamores cravam esferas de fogo na medula negra de
Deus.

Corvos bicam os mamilos das mulheres possessas.
Meus demônios dançam nos casebres celestes de suas bocas.
Uma de minhas nudezes desliza pelas artérias afiadas do
sonho, brincando com as luzes alucinantes de seus gumes.

Somos animais em mutação, multiespectrais, crimes e
miragens asquerosas gemendo no sexo do sol.
Nossos nomes lambem o alfabeto bestial do abismo, nossos
rostos petrificam os espelhos, nosso sangue profana os
punhais.

As manhãs acordam quase sempre fora de lugar.



GERALDO LAVIGNE DE LEMOS

Geraldo Lavigne de Lemos (**Bahia, 1986**). Poeta, autor dos livros de poesia *À Espera do Verão* (2011), *Amenidades* (2014), *Alguma sinceridade* (2014), *Massapê: Solo de Poesia* (2016), *Poemas furta-cores* (2018) e *Poética da Existência* (no prelo). Publicou nas revistas *Diversos Afins*, *Mallarmargens*, *Subversa*, *InComunidade*, *Fuxico* e *Revista da Academia de Letras da Bahia*, além dos jornais *Diário de Ilhéus* (BA) e *A Gazeta* (ES). Foi curador do II Festival Literário de Ilhéus (2017).

DL

busco a poesia
capaz de sepultar o que somos

caracteres de toxicidade aguda
letras de paralisia
de asfixia
e de coma

a palavra
em dose
e efeito

semântica sem remédio

que o primeiro verso baste
e o último
vague

LOBO SOLITÁRIO

andar pelas campinas e pelos lajedos
a serra, a superfície rechã
à beira dos muros, passos curtos
como os coiotes, como as hienas abandonadas
os olhos espertos, os olhos sagazes
passos céleres, garras gastas

um meio-fio, assento impreciso
se o uivo já ecoou
em todos os quartos
e as alcovas permaneceram apagadas
sob a luz fria ou a luz quente
– os dois tempos do mundo –

a solidão subsiste
na ânsia da individualidade

MAGAREFE

eu não descabelo mais o porco
na água fervente
enquanto ele sangra pelas ventas
e grita os meus pesadelos

não marreto mais o carneiro
para deixá-lo demente
e colher-lhe o sangue
entre os espasmos

nem trespasso mais a lâmina
na garganta do garrote
apeado aos meus pés

hoje, o máximo que me ocorre
é ver um frango
circular sem cabeça
tingindo o piso

sento em minha cadeira de couro curtido
e da varanda vejo as moscas
cobiçarem o meu jazigo

peço às larvas
que esperem meu corpo esfriar
antes de me terem engolido

A MEU TEMPO

faço muito uso do quando
porque o tempo me parece inconstante

às vezes é água represada
por outras, atira-se como cachoeira

sabido desta verdade
não costumo confiar nas máquinas
pois meu tempo confunde os relógios

confio, sim, na linha da vida
que, tesa, dispara o carretel
e, frouxa, para-o

POR ONDE ANDAMOS

no arranha-céu,
a única referência que se tem do solo
é o termo térreo.

temos pernas,
não asas.

com ares celestes,
distraídos em apartamentos de concreto,
subornamos o destino de povoar o subsolo,
como se nossos ataúdes fossem flutuar em balões.



LEONARDO CHIODA

Leonardo Chioda (São Paulo, 1986). Poeta e escritor ítalo-brasileiro. Graduado em Letras pela Universidade Estadual Paulista, estudou literatura, história do teatro e língua italiana na Università degli Studi di Perugia e na Università Ca'Foscari de Veneza. É redator, ensaísta e publica temas ligados à simbologia, esoterismo e iconografia. Sua estreia foi com *Tempestades* (Editora Patuá, 2013), integrante da Coleção Patuscada, premiada pelo ProAC (Programa de Ação Cultural do Governo do Estado de São Paulo). A partir de *POTNIA* (Selo Demônio Negro + Hedra, 2017), lançado na 15ª edição da Flip (Festa Literária Internacional de Paraty), emerge como umas vozes mais rigorosas e necessárias da poesia contemporânea brasileira.

TANTO QUE POSSO MORRER HOJE

tanto que posso morrer hoje
como morre a abelha depois de picar a criança
como vibra por dentro a xícara
tão esquecida sobre a pilha de livros de poemas
no silêncio da manhã

morrer sem pressa
enquanto morrem a louça, o papel, as abelhas
e a criança, tão alérgica
na cor da parede

morrer de morte corrida
sabendo que bebo [como um bom budista]
a grande alta nuvem de bilhões e bilhões
que hoje é a minha cerveja

posso morrer como se uma fagulha no vento
ou quando se morre uma estrela
– o mesmo brilho de qualquer fogo & o mesmo breu
que acende a urso maior

morrer é verbo irregular
transitável como a favela, as canas ou o jardim imperial
dito hoje reto
em bom tom:
morrer pela alta costura do acaso
soltas as linhas e desfeito o pacto
no gerúndio
pela agulha de repente

da vida nunca se leva nada
mas a vida que se leva
é sempre o dia certo para morrer
por isso o mundo não espera [aprendi com os monges]:

até segunda ordem, o mundo fica
e ele todo se equivalendo para que não acabe
– e tudo nele tão bem pensado
para que caiba a morte num ferrão

supremo poder de poder morrer hoje
– único objeto da minha atenção
sobre a maneira certa de se espalhar no universo
de morrer talvez à maneira cega
[derradeiramente] e tão à vontade

ainda assim posso, flexionado, mover o corpo
como quem dá meia volta
contra uma parede
encaminhado para o fim
e estudar a parede
como se estudasse a origem de tudo
– entrar inteiro nela
como quem torna a ser feto
[de fato]
e tão perto dos bilhões e bilhões:
ser a parte toda de uma parede
até que morrer
seja ser por toda a parte

para morrer escolho o verbo estar com eles
[os bons motivos], um de cada vez
sem pressa
com toda a tensão de quem vem a este mundo
para vibrar no momento mais propício
desde sempre

se posso morrer hoje,
então como vivo este último dia da minha vida?

TODA ESSA LAVOURA PARA UM RAMO DE POEMAS

toda essa lavoura para um ramo de poemas
e me dou conta do perigo de talvez ter em mãos
uma arma letal qualquer,
e de dar pouca atenção ao mundo
[que fica mais sombrio com o que escrevo]
porém, sendo uma qualquer
ou a mais letal das armas, sei que dela não se foge
como pede uma perseguição perversa
– enfrentar é preciso
e, com a devida força [armado de silêncio],
abater o perigo

vencer com muito esforço,
tão certo que se faz um incêndio sobre o corpo
aparentemente morto
– e pela sagrada precaução
vê-lo queimar até os ossos
como se ele fosse um assassino que sempre volta à vida
e assim assistir o ramo
sendo consumido até a essência
– a essência que, desde o rascunho,
consumia o ramo todo

mas todo esse trigo e nenhum pão que se valha
então que o próprio fogo me perdoe,
que purifique o matadouro
e que eu, talvez conseguindo andar,
ainda que ferido [e queimado],
reencontre e reescreva
à mão talhada
o meu rumo – o ramo eterno do crime
encerrado e reaberto
pavorosamente sobre mim:
caso esquivado e arquivado
por ora como se fosse um trabalho legítimo de defesa

NENHUMA CARTA DE AMOR É INOCENTE

nenhuma carta de amor é inocente
nenhuma em vão
ainda mais se escrita a mão
nas ramas da noite

carta explicando como eu sereno os cavalos
ou ferve o sangue nas canções da guerra
como quem acende os campos da morte por dentro
com um trovão sumário
de fora a fora no mundo
e vence [como lince] e vai maior
mais rápido
nos trabalhos da luz

carta para morrer e sair bem vivido
até tocar a tarde inteira
porque só a carta eletrifica tudo – fala nos âmagos
e rasga a pessoa para uma vida cantada

nenhuma carta será aceita

se não para se voltar ao jogo da matéria amada
– alta lira de prata escrita clara
nos mangues do coração

assim foi sempre [e daqui para sempre]:
toda carta se arma
e transmuta os mais culpados

HAJA FÔLEGO PARA A MOLDAGEM DO MUNDO

haja fôlego para a moldagem do mundo:
todo esse rudimento cintilante
verga o breu nas rosas e toca uma vértebra
– assim revolve o pigmento na língua
justo nela
em que tudo é turno e perto
e tudo me canta [me exuma]
tatuado na terra
enervado até o eixo da palavra

então a minha tarefa
de seguir religiosamente a lei do viço
no ardor e na desordem

até que podridão me eletrifique
e da magia se estenda os lados
para que eu mesmo me entenda
assim recrio
desfiladeiro e mastodonte: acima e abaixo
nas áreas cintiladas da pálpebra
mas haja fôlego para decifrar
como e quando e onde as coisas – abaixo e acima
dentro e quando e a dentro no espanto:
esse poder público que ninguém reconhece

mas a moldagem está no que morre
e o que morre me atravessa
agora que tudo cintila
tudo aqui é o bastante – uma espécie de prodígio ou adágio

ESCREVEU CERTA VEZ O FOTÓGRAFO DUANE
MICHALS

escreveu certa vez o fotógrafo Duane Michals
the most beautiful part of a man's body I think it must be there

:

ele acredita estar aí o poema do homem
que a parte mais bonita se dá no princípio

que é o verso:

homem na idade tenra
de poucos pelos e truculência delicada
dado à posição dos quadrúpedes
e a parte mais bonita fica no glúteo – o princípio
empinado à boca

porque no princípio estava o homem
todo e tão entregue às grandes forças: um relâmpago
um lince
um outro homem

fica no argumento sobre a interseção
entre músculo e nervo a parte mais bonita – na distância
entre língua e nádega

e nada existe além da fotografia no princípio
[que ainda é este verso]:
a imagem fundadora do homem à força
– entre quatro paredes

[de quatro] em todos os cantos do mundo

novas terras sempre afloram nas águas

mas a parte mais bonita
será sempre firmada no torso curvado à escrita
de teoria e prática em estados de graça:
parte indômita
de costas
a gozo e a membro
convidado à entranha

tão fotografado o corpo do homem
rendido à própria engenharia:
uma ilha de arte
uma usina – peça no domínio da ardência
no idioma natural

a parte mais bonita deve ser lida aqui – na língua original
[e tão faminta]:

the point of pleasure



THIAGO PONCE DE MORAES

Thiago Ponce de Moraes (Rio de Janeiro, 1986). Poeta, tradutor e professor. Publicou, entre outros, os livros de poemas *Imp.* (Caetés, 2006) e *Dobres sobre a luz* (Lumme Editor, 2016, finalista do Prêmio Jabuti). Possui doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF) com estudo sobre a obra de Paul Celan. Os poemas presentes nesta seleção fazem parte do seu quarto trabalho: *Celacanto*.

AS NUVENS mesmas sendo continentes
ora exilando o sol e sua presença

ora se abrindo em casa em canto em teto
o azul curvado pelo amarelo

os veios brancos a cobrar da tarde
um tanto do seu tempo em outro tempo

ao fundo o horizonte a restar róseo
as cores em espiral seguem dizendo

aquilo que em geral não percebemos
canção que inacessível sopra o vento

SE BEM QUE COMEÇASSE azul
e então se adensasse
tentando assim assimilar o vento
e o espesso do tempo
abrangendo desde o preto
até o branco numa intensidade
que fizesse qualquer um
fitar o firmamento
para sempre
desde os tons cinzentos
intermediários e tampouco
decifráveis até a cor vaga
que te parecesse vária
a cada vez que
sol e nuvens interagissem
nessa confusão de imenso
depois vermelhos que nascessem
e então os rosas que passasses
a admirar perante os púrpuras
a que se dobram gastos
os alaranjados e também
os matizes dourados
ou nem tanto mas sem dúvida
faces indiscerníveis da vida
traços dispersados
pelo breu da noite

CARNE ROSA E NEGRA

Em leite branco
Esperança e desespero
Vermelho a percorrer as coxas
Com desejo doloroso
Recortando a noite avessa
Ao grito e ao gozo
Para um mundo feito de relâmpagos
E auroras

Fios de luz e sangue
Brotam
Do ponto de ruptura do corpo
Tempestade sob a nudez
Um sopro
Fenda aberta no topo do céu
Feridas abissais
Os olhos incuráveis
Sobretudo
Hóspedes absurdos
Sem história
Sem imagem

ESTA MEMÓRIA que me olha
memória de barcos sob e sobre o azul
em movimento leve de animal que se espreguiça ao sol
e soa feito o vento que por eles passa e faz ranger suas madeiras
razoavelmente pintadas
barcos sem a consciência parca
de que são pensados

o vento que depois de tanto tempo sinto
bate à frente junto à imagem aquática
daquele sonho vivo rente ao horizonte
na calma da paisagem a avançar sutil
olhos adentro
passado vertido em presença
que revolve a terra quase seca da saudade

NO CHÃO duro
O outono prematuro se apresenta
Os dias claros em turvos tornados
Nem a paisagem alenta
Os verdes avessos das folhas ausências
Que chegam às margens da cor
Sem escolha
Na lenta oferenda das tintas
Nos vãos que acenam escuros
De novo arcaicos
Entre os muros desse labirinto
De onde nunca saio
Porém ouço teus passos
Rastros no tempo
Canções esquecidas
Vento vento vento



CARLOS ORFEU

Carlos Orfeu (Rio de Janeiro, 1987). Poeta, devoto das artes, sobretudo, da literatura e poesia. Publica em blogs pessoais, revistas e blogs literários. Em 2017 lançou o livro *Invisíveis cotidianos*, pela editora Literacidade.

[ELIDIR A IMAGEM]

elidir a imagem
moldura
sépia
crua

na estante
sobre as janelas dos olhos
a imobilidade dos rostos

e o inapreensível grito
das coisas insubstituíveis

[NAS PAREDES]

nas paredes
em despudor de silêncio
a litania do invisível

no cio do limo
a sinfonia do mofo
lavra
o
segredo
da
rachadura

[AZULEJOS BRANCOS]

azulejos brancos
cardumes de passos
 anoitecidos

no canto da varanda
por onde formigas
brotam como fachos negros

e canibalizam o feto da chuva
na casca da cigarra morta

[O MAR LATEJA MURMÚRIOS]

o mar lateja murmúrios
depósitos de séculos
sereias de harpas poluídas
garrafas pet de escamas

espermas boiam filhos invisíveis

um fêmur de cavalo parece leve
no ritmo azul martelando na areia
como fosse um cão de escumas e algas

o mar morde artelhos e o mergulho do atleta
e ainda sofre o abuso das gaivotas
bicando seu dorso selvagem

[SEDE É COMO UM RUGIDO DE RIO]

sede é como um rugido de rio
encontrando a margem da garganta

sede é peixe uterino
no oceano do corpo

visto por fora
despido no espelho
visível deserto de assombros

sede é a possibilidade de romper
o naufrágio e adejar na superfície



LAÍS ARARUNA DE AQUINO

Laís Araruna de Aquino (Pernambuco, 1988). Poeta, autora de *Juventude* (Ed. Reformatório, 2018), ganhadora do Prêmio Marã de Poesia 2017, e *Nós só compreendemos muito depois* (Corsário-Satã, 2021), semifinalista do Prêmio Oceanos.

INDIVÍDUO N. 3 (OU A FESTA DO VAZIO)

então retornas ao mesmo tema
que faz um homem entre demasiados homens,
existência entre existências refluindo sobre si

um homem, aberto ao tédio e aos desertos,
cujo ser, de tanto contemplar,
não imolou a própria vertigem
até o som da lira ou do asco crepitar

e a sua existência –
este incêndio da face destituída ao espelho,
tão breve como a pulsão da aurora
ao encontro da noite fria

as tardes não te darão nada, meu filho,
a não ser a hora demasiado tardia de caminhos esgotados
ou o fundo vazio de estações indivisas
que te convidam a morrer no azul

é inútil assim ir como permanecer
exaurido no homem antes de ti
mas, se vais, escolhe o longo caminho
fora dos portos conhecidos,
propícios aos naufrágios dentro de si

no limiar da noite esquiva, entre esquinas mal iluminadas de
astros,

a chama ausente do satélite inundará o teu ser
com um chamado lúbrico para o abandono
na vasta planície onde cantam as sereias do nada

mas não te afogues em aporias
deixa que o sopro do absoluto –
isto que ainda tens de uma infância –
dê-te o fôlego, mas não a chave inútil

não há portas
todas as construções ruíram
mas sob a tua soleira – a do teu ser –
o vento continua a rugir

o vento – ou as vozes que conjuras
na festa do vazio

GRAMÁTICA DA NOITE

A noite desce inescrutável
as estrelas são efígies destituídas de rosto
no vento, sopram signos diáfanos,
arredios como serpentes não encantadas
em todo o horizonte, amontoa-se o espólio
da ausência, essa forma que toma

o que foi e o que não será e jaz
na vala entre as coisas circundantes e teu corpo
(na soleira do ser,
a vigência do nada espreita)
entre sombras sem substância,
o pensamento divaga como um bote
cujo laço foi rompido
mas, desde que a vida se recusou imaginada,
o drama se deslocou para trás do palco,
entre mecanismos e metalinguagem
o corcel trôpego do teu espírito
encontra espelhos que conduzem
ao claustro na noite larga
é preciso retornar à planície
dos fatos e dos homens, tendo acima os caminhos aéreos
que as correntes frias e as andorinhas traçam
sim, é preciso sempre retornar das torres
onde a loucura se refugia,
onde toda voz é um eco,
e o vento é um látego que fustiga
escuta o uivo doce das palmeiras,
o orvalho nascendo sobre as pétalas da grama,
sem esperar de deus o canto
os pilares da noite suportam todo o vazio,
deixando-te os ombros para o pouso
de mãos tênues e pássaros
desde que caíste no irremediável,
estás destinado ao nunca mais
abandona-te a este ofício –
respiras, logo dissipas
este sopro breve de vida
mas, sob a asa lépida do instante,
faz – demoradamente – a tua morada

JUVENTUDE

Teus amigos – alguns – mudaram de cidade
os teus irmãos já não moram
com teus pais
foram para o norte, o sudeste
para as Índias, talvez

Mas tu, fiel, ficaste
com o teu cachorro
tens tempo para o trabalho
para à tardinha à janela olhar detidamente
as gentes que passam
para a poesia – os livros
que nunca leste

Não precisas da economia do verbo
sempre podes falar sobre o tempo
(como são úmidos e quentes os dias do ano)
ou sobre o maldito governo
deste país miserável
com alguém no elevador
nas filas do mercado
– vai tudo muito caro

E quando o dia for muito belo
para as conversas pequenas e fáceis
restam-te os solilóquios
ou o sonho da espera
ainda tens muitos anos à frente
e a esperança, essa imprudente
te acompanha, oh jovem

Podes por um minuto
em tudo acreditar
para desacreditar logo depois

frustração após frustração
teus olhos têm um brilho inextinguível

Tudo está bem
mesmo as coisas fora de lugar
és jovem
podes o recurso extremo
dorme mais um pouco

A INFÂNCIA DA LÍNGUA

Para Floriano Martins

Nós não colhemos o mundo como pedras
limadas pelo leito do rio ou como flores
do passeio que um transeunte colhe
enquanto caminha

Em nossas mãos, todas as significações pesam
as significações arrebatam a gratuidade de estar-aqui,
ao lado de acácias, jasmins e o descerrar das folhas,
porque não nos pomos onde estamos

Em qualquer geografia, estamos sempre atrás –
estaremos sempre atrás de significações
e a língua, onde talvez pudéssemos deitar,
se desde sempre configurasse uma casa –
mesmo a língua é um exílio

Nós gostaríamos de nela entrar
como em uma larga morada,
coincidente com o nosso silêncio e com todas as coisas
(mesmo as inomináveis) que estão aí,
até que tudo se cobrisse do mais expresso silêncio

Mas há um espaço deixado vazio indefinidamente –
para nós, que, falando, excedemos a todas as coisas,
ao tempo em que lhes faltamos,
como à língua falta a matéria telúrica

um espaço cuja abertura nos fala sem dizer,
que vibra ao nosso tédio e cresce sob nossa angústia,
onde o guardião da língua nos responde ainda não
à pergunta que não saberíamos enunciar

e, no entanto, a cada vez que o avistamos,
desejaríamos derrubar os portões sempre abertos
do indizível –

e ter aí a nossa infância

MEU OFÍCIO

às cinco da tarde um som de apito no ar
anunciou à rua o vendedor de doce japonês
um outro – que inusitado – cruzou comigo
meia hora mais tarde no fim do passeio
em condições ordinárias não se cruza duas vezes
com vendedores de doce japonês
hoje é um dia ordinário cortado pelo maravilhamento
como todos os dias do ano
pela manhã quando atravessava para o cais no Bairro do Recife
as águas e os céus se dividiram em duas metades
de esplêndido azul
e meu coração fundeu à-toa
junto aos barquinhos do Capiberibe
no fim da tarde eu vestia minha camisa branca
bastante usada e rasgada e gostava de que pensassem
em mim alheia às coisas materiais deste mundo
não importa mas o homem é um ser
de grandes questionamentos – inclusive dos menores
meu trabalho consiste em redigir petições
como todos os demais
entanto meu ofício é deixar o coração aberto
permanentemente

o espanto não escolhe a hora de entrar



LUÍS PERDIZ

Luís Perdiz (São Paulo, 1989). Poeta. Publicou os livros *Saudade mestiça* (Patuá, 2016, menção honrosa Nascente USP) e *Visão incurável* (Ed. Lab: Demônio Negro/Hedra, 2018), que integra a coleção *Vozes contemporâneas*, coordenada por Cláudio Willer. Cantor e compositor no grupo *Estranhos no Ninho*, é também um dos fundadores e editores do portal de literatura *Poesia Primata* e da Editora Primata.

MIGALHAS

os monumentos são zoológicos do medo
violentas cortinas rasgam a noite
preciso de distinção nos dentes
instantâneos que não mordem
o jardim de apuros
onde nossas garras desaprendem o espaço

VISÃO 2018

ó cidade estratosfera bélica
de cruéis vértebras nascentes
de clementes coturnos fascistas
de legiões mumificadas em torrentes
de guilhotinas no seio da mata
de fatais condores insustentáveis
de mansas hemorragias antevistas
não posso com o sol em seus granitos
nem suportar fora de curso
seus remotos antros doutrinando o desespero
estorço esmaço eclodo arrebatado
aquietado ao lado de anjos abrasados

FUTURO EM FÚRIA

todos os eletrônicos sagrados ruíram com cócegas
têmporas lapidadas se derreteram em química miragem
viveram pólvoras por detalhes
retalho pelo retalho em amarga voz
semblante animal lívido próximo à porta
sonegávamos entreabertos as sirenes do teatro lógico
o dia mastigado no bolso anterior
cada entulho vespertino em sua espécie ávida
vapores e capacetes abandonados no esgoto
éramos dois esqueletos momentâneos do destino
numa carne viva e suntuosa
esperando esperança

CORAGEM

partam logo os assustados
ou morram de coragem
a coragem rupestre
a coragem que dança
sombra de algum néctar rasante
porteiro do insaciável
se aproximem
o campo é de memórias
não há mais cosmo para o corpo
só dias para seu suor
quem irá se rebelar na maré do instinto
arranhar a miragem abismal em seu canto mais livre?
coragem e minhas vozes que perdo
coragem que serpenteia e nada estanca
a noite espiral
talhada na couraça derradeira

LENDA

juntos no fim dos tempos
povoado por guepardos e mediterrâneos
dançaremos febris sobre as sucatas da história
amor marítimo entregue a novas terras
caravela ensolarada contrabandeando
ervas inseguras
e a visão incurável de selva e morte



MARIANA BASÍLIO

Mariana Basílio (São Paulo, 1989). Prosadora, poeta, ensaísta e tradutora. Mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Autora dos livros de poesia *Nepente* (2015) e *Sombras & Luzes* (2016). Colabora em portais e revistas nacionais e internacionais, tendo traduzido nomes como May Swenson, Alejandra Pizarnik, Edna St. Vincent Millay, Sylvia Plath e William Carlos Williams. Com patrocínio do prêmio ProAC (2017) do Governo de São Paulo, publicou em 2018 seu terceiro livro, o poema longo *Tríptico Vital* (Patuá). O projeto também foi finalista do programa de Residência Literária do Sesc (2018). Mantém o site www.marianabasilio.com.br.

COMO ANIMAIS NOTURNOS FARIAM

À memória de Ingeborg Bachmann

Como animais noturnos fariam
rastejo nas covas do instinto.
Recriando as dores perdidas.
Arpando âncoras no silêncio –
e não sou mais do que um eclipse.

Ausente na ideia que é cega,
se muito penso. Orbitando
cadente na estéril realidade –
incendiária névoa vermelha.

Fervendo palavras sobre a
cabeça felina sorvendo em
brasas dissolvendo veloz a
tristeza metálica deste corpo.

E o mundo não é como antes.
O mundo é como sempre foi.
O mundo mudo como o nunca.

Mas abutres ardem imortais
na cidade sitiada pelo caos.
Alíneas saltam corrompidas
na cidade sitiada pelo caos.
Entranha de teias temporais.
A cidade sitiada pelo caos.
Raízes do espanto-movediço.

Tudo acontece enquanto envelheço
na utopia em que me teço.
Tudo acontece febre terça
pois sozinha eu vago

entre os muros.
Sinfonia sem saída –
Ânsia sem alarde e melodia.

Como animais noturnos fariam
me contendo vasta no silêncio.
Renascendo, sonho improvável.
Percorrendo linhas intocáveis.

O grito existe e o espanto rasga
os mapas diáconos das estações.

Em memórias de veredas que são
miragens ao limite do que fomos.
Traços inegáveis do que somos –
nada mais do que um pouco
mais que o nada.

ENTRA A NOITE POR MIM DENTRO

Entra a noite por mim dentro.
Como um áspero tutano
Arqueando o meu pranto.
Entre os sismos do presente
A revestir as gotas secas
Deste dia que se finda
No ébrio pensamento.

Dura dura é nossa sina.
Composta de uma morte
Que se anuncia. Inteira.
Extensa em dimensões
Que se somam, ano a ano.

E quem de nós terá mais sorte?
O jovem que se vai desperto?
O velho que se vê disforme?
Nunca nunca saberemos.

Dispor do tratado geral da morte.
Mesmo que existam amuletos.
Mesmo que inventem remédios.
Há um limite arrancado das mágoas.
Um centro sísmico que nos acolhe.
Dissolvendo nossas antigas chamas,
Crias do absoluto nada.

Tudo tudo é mesmo um argumento:
Para que sejamos desenhos em nuvens.
Para que nódoas cicatrizem elementos.
Quimicamente a fenecerem, duais,
Por nossa humana descendência.

Aguardo assim a morte sob este corpo.
Bem como aguardo a vida, enquanto penso.
Insolúvel. Estendida em sentimentos.
Pois os olhos se alimentam
Deste frágil instante em que perduro.

No vício da pele, nos crivos dos pés.
Absorta no limite desta cama.
Que sou escorrimento.
Que sou vertigem
De sangues ferventes.
Dançando no túnel
De frívolos elos.
De carícias
Crescentes.

No fundo das córneas embaraçadas.
No futuro corrupto do ofício taciturno
Dos coveiros – a morrerem sustentados
Pela dura dura morte, diariamente.

Entra a noite por mim dentro.
Felina como línguas que se enlaçam
Feito pólvora. E preenchem o mundo.
Preenchem o breu que habita o meu peito.
Como a vórtice de um empírico anagrama.
Vertigens de um invisível espelho.
Refletindo, refletindo, o oco fundo
Do mundo, que se alimenta no cerne
De nossos infindáveis erros.

SOMBRA & LUZES, XXIX

Eu sei que toco o firmamento
eu sei que toco os dedos da noite
eu sei que toco o que te prende
a um cometa desvairado
quando toco o último fado
a ser feito –
como um animal que morre
a cada novo grito do alvorecer.
Renasço neste instante.

Eu sei que é tarde quando se é cedo,
beijando-te a carne mole, a carne
que fede do ânus aos olhos
de um avestruz
por
tua
sombra,
que se recobre do pó estelar
de espadaúdos agulhões.

Abraço-te as ferrugens, grudo
in natura e tua pele enrugada
se estica durante a tarde, se estica
e me come a consumir os miolos
do pensamento que me enlaça –
como uvas-passas estilhaçadas
nas fronteiras da qualidade
imoral (moralíssima) de fatos,
dos frutos de bocas pardais.

E eu sei que é cedo quando se é tarde,
porque toco-te as beiradas da voz, e
há um cuspe que te salta os olhos –
medonhos de medo – e que me traduz

«cética» quando sou a bendita santa
que te alarga as frentes de
pícaras
que te permite um repouso
rasteiro,
que te ilumina com os olhos
de raposa.

Porque sei.

AO DESPERTAR DE UMA LUCIDEZ TAMANHA

Ao despertar de uma lucidez tamanha.
Ao despertar dos sonhos de crescimento.
Uma imagem se amplia na garganta,
Descobrimo nas coisas consentimento.

As coisas, que não são feitas pela garganta.
As coisas, que se movem conforme o tempo.
No mundo que coordena o fundo das vozes.
Quando os nós, em nós, se desenrolam
Conforme o dia se agita, constantemente.

A calar a força dos timbres: as coisas.
Sobre nossas cabeças trêmulas se adiantam.
Um colapso, um ardor, frêmito, face a face,
Entre a pétala rasgada de lucidez e o que veremos.
Veias pulsando na maciez dos instantes.
E o destino a destruir novamente. Pisando
forte e descompassado, em pessoas diferentes.

Quando o palpitar dos sons impulsionam
Os pulsos, pulando azuis nas órbitas da pele.
Quando ainda vivos, ardentemente, vagamos
No presente a congelar o passado nos olhos.
Quando ainda imaginávamos dias melhores.

A verdade não existe. Ouve o que te digo.
Somente uma força oculta nas coisas.
As coisas em si, sem nenhum segredo.

O máximo a se provar é o pesar das veias.
O máximo a dizer é o moldar das velas, e
A noite que segue na procissão de nossos peitos.
Se aproxima do sol, contínuo, pelos rios
Que inundam a pele dos corpos.

O céu é quem os recebe.
Durante os sonhos e as orações.

Porque há a ilusão, então nos
Afundamos, contentes.
Porque há a distração, e
Escorremos, cadentes.

Assim nos aproximamos: humanidade, cabelos,
Peixes e automóveis. Em plena poluição e
Digressão de sentimentos.
Pois dos deuses nada mais esperamos – eles,
Que não nos encontrarão.
Eles que não suportariam os becos e
Os crimes inadiados. Eles que nunca
Puderam provar os nós da garganta.

Desperto, finalmente.
A morbidez cessa o batimento.
Invado assim tua privacidade
E o silêncio atual.
Invado a mentira para
Saciar a falsa verdade que
Tanto procuramos provar:
Somos nós que escolhemos?

A garganta. A imagem. A voz. Tudo é procedente?
Descobrir a potência. Descobrir o corpo. Manivelas.
Despertar ausente, em desassossego.
“Para onde irás?” Dirão. Acalmando o espanto
Que pulsa corrente dentro das veias.

Junto as mãos. Lado a lado. Os pulsos
Revelam um buraco ao meio, na
Luz de tudo por entre as coisas.

Porque não nos inserimos nas coisas.
As coisas são o nosso grito de misericórdia.
As ruas o nosso mundo, perpendicular.
Porque as coisas são a vivência que possuímos.
O único mistério provado e usual de existência.

No despertar de um novo amanhecer.
As coisas. As horas. Os pulsos.
O irremediável suportar da vida,
Entre a voz e o silêncio.

AOS TRINTA ANOS

Contemplar o absurdo do tempo
dissecando as rugas do rosto:
é o vazio do espelho que me liberta.
Palavras deslizam velozes no hábito
sobre o tom da minha ideia – e eu
tenho razão de sentir o tempo –
Um relógio submerso em algum corpo,
um corpo que não tece sozinho a manhã:
ainda assim impera como uma bala
no núcleo mais denso e silencioso.
Como despertar sem sofrimento?
recomeçar sem medo o meu futuro?
As árvores sofrem como nós sofremos.
As aves sofrem como nós, ausentes.
E o espaço entre os dormentes
é aqui excessivo, ou tortuoso.
Faça-se a carne mais envelhecida?
Diminuem os bens, cresçam as ideias!
Mas o mundo aprofunda o caminho –
Inútil, o tempo absurdo é um só verso:
Meu aniversário é um nascer toda hora.



JULIA RAIZ

Julia Raiz (São Paulo, 1991). Poeta e professora. Sua pesquisa no doutorado envolve tradução, ensaio e crítica literária feminista. Edita os blogs literários Totem & Pagu e Pontes Outras. Seu livro de estreia *diário: a mulher e o cavalo*, saiu em 2017, pela Contravento Editorial.

VOCÊ CONFUNDE O AMOR COM UMA PÉROLA

o poeta na parede
com um tiro na testa
também sabia seu nome
sabia da constância do topo nevado
mesmo no calor do seu pescoço
ele podia ter fugido pelo mar
em vez de conviver
com seus impulsos violentos

a destruição minando
de cada contraparte

ele teria gostado de te socar a cara
como um jaguar
saindo da água quente
eu não me importo mais
com o tamanho do corte
não quero mais seguir mergulhando
odeio você
e a sua cidade aquática
só amo o lorca

RECADO DE NASCIMENTO AO HAITI

Nos nasceu uma menina
como ditaram os prognósticos
e a notícia que me chegou em julho
de um embrulho de tecido e pouca carne
anos depois do encontro do homem
que é seu pai
e escreve
e da mulher
que é a sua mãe
e ensina
perto da rodoviária
quando meu amigo desistiu de embarcar
para uma viagem ao Chile
onde trabalharia com qualquer outra coisa
que não fosse encher de combustível
carros conversíveis, chamar o gerente, não ser olhado na cara

foram os dois tomar suco natural de caju
três línguas domina sua mãe e vende livros
três línguas domina sua mãe e tem outra filha
que é muito mais que uma bailarina
e sabe montar quebra-cabeças como ninguém
você nasceu aqui, mary, marie, maria
ela nasceu lá
onde a terra tremeu e soterrou as carteiras e os lenços
as pessoas e os cachorros
onde brotou ONG e soldado conterrâneo
quando te vi pela primeira vez você não sabia nem
ver com os olhos, estava amassada
deitada no berço construído de madeira e véu
sob o lençol que eu te escolhi e um vento de inverno
torço para que você nunca morda a mão de quem te alimenta
e sempre morda a mão de quem te alimenta
que se lembre: o mar está cheio de água e é molhado

e isso é algo que aparenta ser muito simples
mas quase todos os dias vai esquecer
de que a vida no planeta tem 4 bilhões de anos
e aprendemos a escrever ontem
aprendemos a amar ontem
sua mãe te pariu ontem no meio disso tudo
do caos do frio de pessoas do sul querendo justiça
e empregos que nunca foram seus
quando seu pai foi pra casa de ônibus
com ganas de lavar os pés molhados de todos
do terminal à sua casa
imaginando que podia performar milagres
porque afinal tinha feito você
e escapado da construção civil,
desviado de algumas tentações,
caído em tantas outras enquanto
andava pela cidade de mãos dadas
sua mãe te esperou calada
não, te esperou rindo
eu te esperei com vergonha
especialmente
do que o mundo não poderá te oferecer
e mesmo que não esteja comigo
dormirei com sua pequena orelha
colada em minha cara
certa de que nos visita uma preta pantera
com mirra pregada à pata.

ALACRÃ

ontem sai pra beber com um rapazinho com idade pra ser teu filho talvez ele seja mesmo tinha os mesmos olhos de gente que se espreme diante da imensidão do mar vermelho lembro que você chegava mais uma vez carregando o guarda-sol arco-íris girando tão rápido que me prendia num pesadelo libidinoso e branco seu filho tem uma tatuagem da minnie nas costas consigo ver bem desse ângulo como uma ave de rapina um olho nas costas outro em você criança passando na calçada puxando o braço desta que te leva pelo punho olha ali a bruxa no vidro você quis dizer mas o assombro calou a tua linguinha de trapo seu filho se chama q. e depois dessa noite ele vai procurar maneiras variadas de me agradar tem no fundo da mente uma receita de bloody mary sem manjerição que menino mais estúpido angela você fez um péssimo trabalho.

VISITA

Ela diz que não fala pelos outros, os outros que falam sempre por ela, nesta voz, estão sempre lançando flechas que voam paralelas a este corpo. Ela diz que pode levantar o dedo para cima como uma antena e se preencher de ruído. Ela diz que é possível usar a língua para escrever um poema do Blake que não é um poema do Blake e nem a voz de um enorme rottweiler preto que a lambe com carinho. Ela diz que o pacto que existe entre vocês, o que falam sobre ela, o que dizem sobre as coisas ao seu redor, como configuram os rostos, as casas, os seus pertences, o que não falam, o que enviam para os vizinhos em forma de imagens à noite, o que ordenam aos recém-nascidos, como batem suas cabeças na parede, ela ouve tudo.

ÍTACA

Sempre achei estranho que um homem amarelo pudesse levar um cachorro pela coleira ou um homem jambo montar um cavalo, sempre imaginei que apenas os brancos pudessem estalar o chicote no picadeiro talvez para uma mulher que equilibra uma bola na ponta do nariz. Diz Francisca sobre ser uma criatura circense: como o cavalo de combate que no picadeiro caminha até o touro com os olhos vendados, conduzido por uma mão escura, que não poderá associar àquela outra que dá tapinhas na sua bunda com carinho enquanto aproxima um torrão de açúcar dos seus lábios, assim vou eu, torpe animal, sem compreender a mão que hoje me fere e sem reconhecê-la nesta outra que com sabedoria cuida das minhas feridas. Como o cavalo cego que não sabe e ainda assim evita o ataque, eu, besta que tateia, me volto ao canto da vergonha tentando evitar a lança absurda, tentando retroceder até eu mesma, até o lugar onde só a angústia me visita, até esse eco que ninguém reconhece, tentando descer o degrau que um dia subi, tentando voltar à madrugada fria e esconder em suas sombras o coração recuado e triste.



PEDRO BLANCO

Pedro Blanco (São Paulo, 1991). Falhador de poesia, pescador de peixe fora d'água e achador de causas perdidas. Usuário de Rita Lee. Fundador e único membro do movimento barroso: vocês podem considerar que tudo o que ele fala é meio Manoel de Barros ou tudo uma completa merda mesmo. Autor de *Inmôcodo* (Edições Doburro, 2018).

[TRAJAR TRAPO]

trajar trapo
tirando cartola de coelho
dando canja pra desafinar de galo
com voz de cigarra
ser o piolho que descabela o mundo
ser murro ao ser mudo
ser ponte ao ouvir de muros
ser diminuto enquanto os outros tem hora
rir com as bruxas pois se é caipora
e ir embora ao perceber que ficou

armado até os dentes de dente
pra desfilar sorriso
um camelô de sonhos matando sedes
um aras no deserto dum peito

de uns séculos pra cá
há de se reinventar os abraços
os toques

deve-se lembrar que a pele é pena
pena que de tão leve ninguém leve a sério

deve-se um arrepio em cada pio revisado à quem mandou calar
deve-se febre aos médicos
e devem ser tartarugas as lebres
deve-se desaprender das contas do tempo
deve-se desobediência, pois
quem prometeu o fogo não avisou da conta do gás
deve-se ignorar a conta da luz
deve-se queimar a conta das trevas
devemos chama ainda em chuva
deve-se barracos os balões
deve-se pipas ao céu

deve-se o véu sereno da noite
ao coração de uma criança etíope

deve-se
sobretudo
alongar o espírito
adocicando
nosso abissal

[LUTO POR TODA FORMA DE AMOR]

luto por toda forma de amor
entre uma menina com fobia de peixe e o mar
um nefelibata e uma roseira
uma hipertensa e uma chorona
do diabético com os lábios de mel

pra que internemos a anatomia de vez

por um esquema mais elétrico pois quem perde tempo
pensando é cérebro
– e já não temos mais espaço para isso –
para que nos abrasemos forte e ascendemos

para que aprendamos mais com os fósforos
é que saibamos dar ouvidos ao amor como van gogh

[A LÍNGUA LIXA FELINA]

a língua lixa felina
limpando o pelo
da carcaça que
apela
limpando o que sobra dela no limbo entre o dente e a
mandíbula

a língua
formiga
a língua lagarta

a língua afogada em outra
feito peixe afogando em ar
feito um feito natural
fato
a língua
das coisas
mordida queimada
ainda
a língua lâmina riscando o verbo no chão
fatiando o vento fóssil

a língua migrando de carne em carne
de cerne em cerne
a língua que faz dos trapos coração

a língua sem freio poeta na minguação da lua
mendigando um oral

[DESJEJAR UM SACO SEM FUNDO]

desjejar um saco sem fundo
engolir o murro no centro do umbigo
a seco
tirar a farinha do porão da cabeça e jogar no pirão
nem que seja a palo
nem que seja pela asma da vaca
desjejar um saco sem fundo até não caber o mundo
pra suportar a lombra dos húmus

[NO JULGAMENTO DO OLHO]

no julgamento do olho, lua e bola de gude tem o mesmo tamanho

na ótica da alma afetada, o nada serve tanto quanto o tudo

na surdez, trovão é lindo e nada mais
fofo de artifício não tumultua cão

navegando o mar talvez não seja tão bonito

lava é ferida quando tato
cacto é flor vez em quando
água viva de longe é medusa
de perto mijó ou uma espécie de ovo frito de e.t.

dois corpos produzem mais incêndio que especulação
imobiliária
fio elétrico é o que liga tênis e anjo
não há chuteira ortopédica que ajeite garrancho
não há garrincha que não entorte a caligrafia

não há guache que a gramática dome

osso é duro, mas par cachorro é baba
gravidade é questão de interpretação
como um sorriso de ponta cabeça é uma expressão triste



JOAQUIM BÜHRER

Joaquim Bühler (São Paulo, 1993). Poeta. Professor de geografia, mestrando FFLCH/USP em geografia humana & urbana. Colunista/editor da *Coluna.co*. Baterista e pseudo violonista, poetinha publicado em: *mallamargens*, *novos poetas*, *originais reprovados*, *carnavalhame*, etc. Romancista de *tumblr* (seasickpoetry.tumblr.com), antidadaísta, sarauzista (Sarau Comunitário Itapeva) e agitador (@joatimbc).

PÁ

eu sei que coisas assim não existem
tipo cores de outros espaços
cores de nada
translúcidas como a alma humana
transparentes como a razão
guerra de tinta suplente
como botos de rosa ou burros quando fodem
mas cores entram em guerra entre si
quando se pintam ou não
o nada
o nada tem nada demais
mas tem tudo de menos
como branco e preto insones
sêpias iluminattis
antigas fotos com luz e sombra
a cor de nada surrupia a noite
com seus devaneios do desconhecido
arrasando muros pintados de cinza
com suas destruições descoloridas
sem paleta

ORAÇÃO

ommm me proteja dos céus que caem raios e trovões me
proteja de mim
santo agostinho meu filósofo caído me proteja de mim me
proteja de ti
meu são jorge
meu são jorge me proteja das armas levantadas das pernas que
derrubam me proteja são jorge das rasteiras
e que a chicoscience me protex dos micróbios bactérias
analíticas nas mãos nos pelos no saco me proteja da aura
pesada dos olhares grossos do mangue morto
meu santo sal minha vida meu beijo molhado seco me proteja
até mesmo em pensamento
de todo todo todo todo o mal que eu me faço todo o mal que
me entro de todos os meus tiros no pé meu santo expedito
das causas solícitas, me traga as ommm as paisagens me traga o
jogo de cintura me traga a paciência me traga o pulso
meu querido
omm amem oxalá meu deus, que caíam vassouras que talheres
espirem que parafuso empane quebre os espelho tudo
e nada em baixo da cama nada corrompa a alma o abrigo nada
me faça desistir e que se eu desistir eu desista
santo zipper fecha meu corpo
santo lema fecha meus verso fecha meu ouro tolo meu
alexandrino que não entre interferência que eu não
escreva mais problema que
nunca saia da bença santo santo santo santo, pau
queima as agruras dessa babilônia
com seus l0conto pago na paulista eu me vou dormir tranquilo
tudo que é passagem que vai tudo que é que fique e que o mar
me leve santa iemanjá
deus-cobra que habita o ventríloquo. que fale à beça

SOFREGUINHA

sinto uma inveja leve desse cara tomando Bavária no
canudinho
Levíssima dor de cotovelo de quem junta mesada
da ponte Rio-Niterói da Rebouças tenho invejinha
do cabelo do Cristiano Ronaldo do Gil Cebola
tenho um ciuminho de todos os outros parças do Neymar
Cobiço de leve sua cama arrumada, te olhando deitar, te vendo
fugir lençol acima eu tenho uma raivinha
do seu espelho matinal o primeiro a refletir ver solitária
miragem sua tenho
um desejo pelo assento vazio na linha vermelha às 7 tenho
ciúme do seu post com 274 curtidas e 38 compartilhamentos
seu poema amado e querido
sentimento palha
Pega fogo meu desejo, queria ter os baixos do teu queixo
encher de beijos
sair correndo pelado cidade inteira me vê mas destoa qual
Ô inveja daquele passe do Cavani pro Suárez queria tanto ser
parte de uma dupla dinâmica
de um trio parada dura. Ser um anexo de alguém Cris e Greg
Queria grama vizinho verde o comercial de margarina
acordando lá em casa queria ter os gominhos da barriga
do Diego Hypólito
uma cena poética beatnik uns amigos que morassem lá em casa
e lavassem a louça
Oásis de pormenores
Queria tanto tanto tanto acorbatman rico mantedor de livros
Doar tudo ainda em vida filantrópico, ser citado em post alheio
lembrado em aniversário
Queria ser aquele que no dia 1 de junho
Recebe stories que tem vários grupos de zap
nome de rua

Mil e uma notificações, altos retweets
ter ido em tantos shows quanto aquele cara da PUC ter tirado
férias no guarujá sem
Garupa vazia
inveja de quem encosta a cabeça na janela do busão e nem
pensa de tão bem resolvido
De quem come sem engordar
almoçar no McDonalds seu hambúrguer lixo de melhor
qualidade
raivinha de leve de não ser seu @ número 1 de ter sido um beijo
já foi
Raivinha mesmo, coadjuvante do meu roteiro, figurante na
minha cena
lembrado pelas coisas que não devia
esquecido normalmente até pelas minhas costas
Ciuminho de quem fala mal
e nem é de mim;

ANTIDADÁ N2

aproveita!!!
compre autores pela metade do preço
– promoção de última hora –
A Editora Tá Louca e largou os direitos
agora cada um que leia o que quiser de fabricação caseira
escrito a mão pelo seu autor escolhido
cada poema único e só seu a cada momento
disponível nas versões indie, clássica e bebedeira
alguns funcionam a vinho barato e outros precisam de Bunker
pacote de alimentação básica em qualquer modelo
um ano de combustível com a marca Café Pelé de fornecimento
intensivo
garantia estendida por apenas uma nota de admiração ou
comentário no facebook
quem der mais curtidas leva o leilão do tipo em excesso
os tais neo bukowskianos do último verão
que ainda estão escrevendo a mesmíssima coisa;

IN MEMORIAN

eu te vi saindo da ambulância quase em coma dentro de uma
maca e seus olhos esbugalhados vibravam entre pus e
fome e medo e ácido lisérgico;

os bombeiros te tiraram de um emaranhado de mato-e-abelhas
do qual você não pôde escapar;

sua presença ainda se fazia forte quando seu último suspiro
esvaiu numa maca qualquer de hospital;

e na unidade de tratamento intensivo você respirou com
ajuda e remédios inundaram suas vias neurais de drogas
psicoativas;

em casa nós esquecíamos que a realidade podia ser tão dura ou
que o mundo nos quisesse separados;

e te vi pela última vez num sonho inexplicável que antecedeu o
dia da sua partida;

você se foi e eu mal tinha idade para entender o que isso
significava num viés prático;

ou qual realmente era o preço que pagaríamos dali para frente
em parcelas dolorosas e certas;

não houve nem um dia sequer desde então sem que eu me
lembrasse do seu velho amigo arrebatando o cadeado de
casa;

naquele dia você cozinhou bolinhos de chuva enquanto eu e
meu primo nos sentávamos na mesa de jantar;

seu avental-cor-de-gasto ilustrava o quanto você amava

preparar guloseimas;
e ouvimos sobre os causos de lobisomens e sacis e mulas-sem-
cabeça e outras lendas;
você as jurava que existiam e que os homens-lobos apareciam
buscar sal depois da noitada;
em frente a casa em que as suas orelhas bateram numa
madrugada de lua cheia;
isso aconteceu quando o mané passou a noite trabalhando e
seus filhos te fizeram ficar acordada;
eu senti que algo estava diferente naquele dia estranhamente
pacato para uma quinta feira;
era dia de baile da terceira-idade e você partiria logo numa
dança em valsa com seu grande amor;
você se foi e eu não soube exatamente para onde e nem porquê;
chorei com medo de nunca mais ver os primos e os tios e as tias
e o vô;

nos domingos eu me irritava com seu falatório interminável
sobre latim e poesia e piadas sem graça;
nunca vi alguém devorar um frango assado com tanta vontade
e habilidade;
você me contava sobre os tempos de faculdade e o quanto é
valoroso um curso de engenharia;
que política não era um negócio mas que os homens tinham
seus interesses;
e que as vezes um macarrão ao sugo é tudo que um homem

pode querer numa tarde ensolarada;
sua poltrona-cadeira ainda está aqui, toda remendada, e as
vezes me sento nela;
e as vezes penso em dizer algo que me lembre da sua astúcia
com as palavras;
ou do quanto o sangue forte correndo nas veias pode
influenciar na sua personalidade;
sua presença se foi numa cama de hospital sem nem lembrar
direito os nomes dos seus filhos ou quem você era;
as vezes me pergunto se naqueles dias alguma enfermeira
ouviu um poema sobre a Ave-Maria;

nós deixamos de ser próximos há muito tempo;
talvez antes de existir consciência do que é ser próximo e
porque a família é tão importante para uma criança em
desenvolvimento;
ninguém teve culpa e eu ousei dizer que se tratou de um
processo natural;
e um vale montanhoso e cheio de vida selvagem brotou entre
nossos pensamentos antes que uma ponte sólida fosse
construída;
quase dois anos atrás eu soube do que viria a ser a doença que
mais vou odiar e temer pelo resto da vida;
evitei te visitar talvez por receio ou por ser incapaz de
acreditar que algo tão ruim pudesse simplesmente
ocorrer;
pensei que logo nos encontraríamos num bar e que no

futuro cumpriríamos as formalidades de uma família conservadora;

como um batizado ou casamento ou primeira comunhão ou formatura;

mas recebi uma ligação numa quinta feira e saí assim que pude para rezar ao seu lado numa cama de hospital;

eu estava arrependido e vou morrer arrependido por ter ficado tão longe;

levarei comigo a edição 66' do batman e robin que seria o seu único presente meu em anos;



XVIII



LE SOL

VINICIUS VARELA

Vinicius Varela (Rio de Janeiro, 1993). Álibi indomável. O emblema liberdade o condecora. Seu dom nunca descansa. Ganha a vida tocando pianos de aurora boreal. Mas não só: a vida é preciso ganhá-la. Trabalhar ganhando a vida, trabalhar por cumprir o teu chamado. Viver é uma insígnia, cujo mérito é todo seu. Seus títulos de nobreza são aquilo que não sabe de cor. Ele está chegando ao vermelho absoluto.

DOCUMENTÁRIOS PARA SE VER NO FUTURO

a barriga da mãe é o único planeta natal
estrelas cadentes rebobinarão os céus
durante dezoito anos antes que Sofia
receba as mensagens que os amigos
de seu pai gravaram em vídeo
para o aniversário dela de
duzentas e trinta e quatro luas
temos essa coisa de visitar
futuros que não são nossos
este mundo vai de mal a pior, Sofia
mas está repleto de reis magos
abre os olhos e vem abrir os presentes
que os poetas deixaram para você

[OS PONTOS CARDEAIS]

Os pontos cardeais
são teu voto de silêncio.
Proximidade está além
de coordenadas, eu sei.
Me vejo indo ao teu encontro
como quem não pode voltar
para casa depois de muitos anos.
Fugindo das intempéries do passado
ainda estou exposto ao sereno
dos amores mal dormidos.
Tu es o clima que me adocece,
é por tua causa que não posso andar
sem camisa e não do frio.

O LENDÁRIO DAVY JONES TRANCOU SEU CORAÇÃO
EM UM BAÚ MAS CONTINUOU AMANDO

a baleia escuda no peito os milênios. dentro da baleia, meu pai e eu somos uma grande previsão. estamos mais seguros que no baú de Davy Jones. o amor nunca foi visto andando sobre as águas e é um deus unânime. o amor é nosso último mito vivo. na garganta de uma baleia sempre cabe mais um. no coração da baleia nadam todos os homens.

PARA NÃO MORDER TUA JUGULAR

preservo uma cama
com a forma de teu corpo

os meses em vermelhos
secos sem dizer palavra
só para te ver lunando

as mulheres trocam de pele
a cada mês talvez
por isso os homens que vagam
cheios de pele morta entre os pelos

se apavoram com o chamado
do alfabeto da lua cheia

ave, lua de sangue,
doadora universal dos uivos vaginais

na ressonância de tua caixa torácica
acústicas carnívoras me comem

o amor é nossa canção de ninar
mas nós somos a insônia da linguagem

você estala os ossos e esses
ossos musicais calam o mundo

[O MILAGRE É VISTO]

O milagre é visto. O poema imprevisto. Exemplos de imprevisão do poema:

1. Insistência de uma imagem, de uma frase, de uma palavra em nosso pensamento que vai se materializando em tudo no mundo ao redor, o poema é um gesto do mundo. 2. Um homem-estátua, pintado de prateado, voltando para casa de ônibus e dormindo no último banco. 3. Um mendigo que em lugar de pedir esmolas, pergunta se você tem medo de borboletas e quando você responde que não, como se fosse algo absurdo, ele passa uma borboleta pousada na mão dele para a sua blusa. Essa borboleta abre e fecha as asas. Você descobre que sim, tem medo de borboletas, pelo menos uma borboleta assim tão de perto, tranquila, pousada em você. O mendigo ri, explica que criou a borboleta desde pequena, tira a borboleta da sua blusa e desaparece levando o milagre consigo. 4. Encontrar um homem de classe média alta com a sobancelha esquerda branca na fila do cinema e pensar que aquela marca de nascença é tão rara que nunca viu igual. Voltando para casa de trem no mesmo dia encontrar outro homem, um operário, com a sobancelha direita branca. 5. Ganhar de presente *O pequeno príncipe* depois de grande na véspera da morte de seu pai. Sentar no ônibus ao lado de uma mulher no momento exato em que ela abre *O pequeno príncipe* e começa a ler o livro. 6. Ouvir da boca de uma desconhecida que você não tem ligação alguma com os arquétipos mundanos e nem planetários. “Você não é daqui, você veio das estrelas. E teu lugar de poder é com os índios das Taigas, os adoradores da lua, pertencentes a lugares frios da região norte como Canadá, Noruega, Groenlândia”. Ela não sabe que teu sonho é ver neve. Viver onde é seis meses dia e seis meses noite. Muito menos imagina que você toca um piano feito de aurora boreal. 7. Um grande amigo seu, poeta, ser chamado para ser o juiz de paz de um casamento em que o noivo está prestes a ser preso, já

foi condenado e está aguardando a voz de prisão. A cerimônia é linda. O noivo está radiante. No dia seguinte a polícia vem buscar o noivo recém-casado às 6 horas da manhã, arrancando o homem de seu sonho. Um vizinho que acompanhou tudo disse “Depois que levaram ele, o silêncio ficou de luto”. Seu amigo foi o responsável por unir aquelas almas na eternidade. O alívio do preso é que lá o tempo não existe.



VIVIAN CAMPOS

Vivian Campos (Paraná, 1993). Escritora e comunicadora, autora de *O Gato Comeu Sua Lua?* (Madrepérola, 2016) e diretora e roteirista do curta-metragem *Passo Cruzado* (NTV Cine Vídeo, 2018). Também integra o Coletivo VERSA, fundado em Londrina/PR com objetivo de promover o intercâmbio entre literatura e outras artes, dando ênfase na autoria feminina londrinense.

ESTUDO BÍBLICO

Eu desejo ao homem
Entre todas as coisas boas e belas
Uma dádiva essencial
Um filho veado
Uma filha cadela
Um passe de lucidez
Para a arca de Noé
Antes que os leões
Dominem a terra
E comam o homem
Eu desejo a ele
Olhos de ver
Ouvidos de ouvir
Com o que há no interior do peito
Na esperança de haver
Realmente
Algo que bata
E que não seja punho.

**GUERREIROS COM GUERREIROS FAZEM O QUE
PODEM**

A cada dia mais um dia
Um segundo atrás do outro
Segundo
Pois na ponta existirá
Sempre
Somente o primeiro
O derradeiro lugar
De quem anda na frente
De qualquer batalha

Deitada na trincheira
Me fingi de morta
Chorei na terra já regada
Por outro sobrevivente.

NÃO VAI SOBRAR PEDRA SOBRE TERRA

Ante a dor de beijar um corpo gelado
Prevalece a de não poder olhar a pedra
Sob a qual ele repousa
Havia uma pedra no meio do caminho?
No final do caminho há uma pedra
Abaixo da pedra a simbiose
A metáfora da continuidade infinita
Nada morre, nada termina
Nada começa
Tudo existe
E rola feito pedra
(Aos trancos)

Há uma pedra no fim do caminho
– Alto lá! Que para o caminho não há fim!

Aonde foi que ficou a pedra?

CALÇADAS

Vou para a rua sem o sapato de salto e me sinto minúscula
Abaixo da linha do pensamento
Desnivelada
Dando com a cara nos corações

Minha cabeça sozinha no peito de todo mundo
O peito ranzinza de não entender os estômagos
O sexo pisoteado por quem anda com pressa

Na hora do almoço

Os cérebros correm
As artérias definham, famintas
Os pés se apaixonam
Pela altura do salto
Incham, latejam e morrem

Acima dos túmulos
Desfilam os animais descalços.

REGISTRO PERMANENTE DA PALAVRA NÃO DITA

A palavra é essencial
A quem profere e guarda
Ou eterniza na escrita de um idioma qualquer
Pois muito se traduz de tudo
E tudo fica inteligível na plenitude de sua presença

*

A tradução da palavra que faltou
Sem a participação do locutor que nada disse
Mata como sua ausência
A palavra está torta
A palavra está cruzada
A palavra orbita armada
Atravessa as estações
Dos meios de locomoção
Pronta para agir
No passado que aconteceu
No tempo em que partiu o trem
Muito antes de seu nascimento.



BIANCA MONTEIRO GARCIA

Bianca Monteiro Garcia (Rio de Janeiro, 1994). Poeta e editora. Fundou a Macabéa Edições em 2019, editora comprometida em disseminar vozes de mulheres de todas as regiões do Brasil. Lançou em 2023 *breve ato de descascar laranjas* (Macabéa Edições e 7letras), seu primeiro livro, que conquistou o Prêmio Jabuti 2024 na categoria Escritor Estreante – Poesia, no Eixo Inovação. A poeta participou do World Poetry Day Festival, de Washington, representando a jovem poesia brasileira, em março de 2024. Em janeiro do mesmo ano, integrou a publicação *La Juventud de la poesía en Brasil: muestra de poesía contemporánea*, da Fundación Cultural Esteros (Uruguay – Argentina). Alguns de seus poemas foram traduzidos para o espanhol e para o inglês e foram publicados em revistas no exterior.

DIA DAS AVÓS

seu rosto adormecido e sereno
me faz esquecer do coma induzido
e me traz alívio
as agulhas que fisingam seu braço
o tubo que leva oxigênio à sua boca
não incomodam
você não sente
o calor da minha mão
minha voz no seu ouvido abanando os dias
cantando a música
que você costumava dançar
enquanto fritávamos pastéis
de queijo com goiabada

o pior momento é quando a noite chega
você aí no leito
eu aqui em casa
água que escapa entre os dedos
assisto de pé os minutos e a chegada
de mais um sol gelado de julho
não sei se está protegida
ou desamparada
sua ausência pulsa na aorta
de mãos dadas com sua neta
nesta tríplice fronteira que nos cerca

COROA IMPERIAL

lírio-de-natal ou lírio-sangu-salmão
os ramos sustentados por longos estames
reunidos em grande umbela
na ponta de um pecíolo grosso e forte
floresce no verão bem na época do natal
e depois desaparece num suspiro
entra em estado vegetativo
deixando o caule à mostra e solitário
no outono perde as folhas restando a terra firme
e o vaso sem ornamentos
reabre lentamente no fim da primavera

foi meu avô quem a encontrou
em um passeio
numa manhã dominical
de mãos dadas ao acaso
viu no canteiro de um vizinho do bairro
e agachado roubou uma muda
entregou à minha avó
presente de reconciliação:
a árvore genealógica da família

CASA DOS OSSOS

olho pro céu e imploro
que uma nuvem atravessasse minha cabeça
você está enterrado
sem ao menos uma lápide
apenas um número grande
riscado à carvão
numa cruz torta e fincada à terra
longe das gavetas
do jazigo perpétuo
minha avó, sua mãe
meu avô, seu pai
meu padrinho, seu primo
e outros parentes que sequer conheci
lotados e empilhados em caixinhas com seus ossos
organizados e reservados sob o tampo de mármore

é quinta-feira e chove devagar
almoço com minha tia, sua irmã
o lote
o inventário
as casas vazias
a inquilina caloteira
a exumação
entre uma colher e um gole entalado
planos pra daqui a pouco

CONSTRUÇÃO

minha mãe diz
a casa é uma família
coisas quebram
eletrodomésticos estragam

casa é uma família
que precisa de cuidados
para perdurar no tempo e no espaço
e não desmoronar na primeira infiltração

eu digo
depois de perdas e pedras
coisas quebrando
e desmoronando
minha mãe é minha família
uma fortaleza
onde posso morar

TREINAMENTO DE HEMISFÉRIOS

aos seis anos de idade
um binóculo surgiu no chão do meu quarto
nesta mesma idade
fui alfabetizada na escolinha do bairro
o lápis corria meu nome completo
num zelo quase maternal
os dedinhos juntos e firmes
a escrita espelhada
dançavam
um tônus muscular inquieto
estranha coreografia das três da tarde:
o mundo girando no sentido anti-horário
mergulhada num reflexo canhoto e
ignorando o sistema de prismas
a lente objetiva

afastando

afastando

afastando

em 6x o objeto da lente ocular
eu segurava com força o instrumento de ampliar
coisas e pessoas
de cabeça pra baixo meus olhos um *fisheye*
e através de lentes invertidas eu assistia
minha irmã na fronteira da bicama com o armário
uma irmã em miniatura uma irmã enfim
horizontal
estiquei os braços esbarrei em suas canelas
em dez passos antagônicos
sem sair do lugar
são três da madrugada
lá fora o céu ocre despeja em cólicas
uma chuva torrencial de atraso



BEATRIZ REGINA GUIMARÃES BARBOZA

Beatriz Regina Guimarães Barboza (São Paulo, 1994). Escreve, revisa, traduz e edita. Tem dois livros de poesia publicados (*Quartos Esvaziados*, 2015, Urutau; *Entre rios*, 2017, Kazuá) e outro no prelo. É revisora da editora Urutau e traduz do inglês, espanhol e catalão. É uma das editoras da revista *Arcana* e do site *Pontes Outras*. É doutoranda em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina.

CORTE (XXVIII)

abraçe-se para
dissolver-se

afinal você tanto queria
uma torta de framboesa

agora aguento
as sementes
de frutas vermelhas
quase
que lhe quebram
os dentes

CORTE (IV)

(você roeu a pele de seus braços
até arrancar o relógio cujo visor
sempre esteve e estará trincado
e deixou em carne viva
o que antes era o mosaico
dos cortes que lhe fizeram
a cada beijo de uma ordinária
a cada trago pelas bocas magmáticas
ao comprimir seu rosto à língua
de uma salamandra selvagem
a cada abraço de mãos amputadas
que escolheram terminar em facas
a cada olhar que lhe despia para
o sexo como espetáculo da vaidade
e todos lhe afiaram
os próprios dentes e
as próprias unhas
que deixaram a arquibancada
para serem presas
em um circo cotidiano)

sua prisão é (o) clichê

CORTE (XIII)

Também ela, pura, estivera sob as flores de laranjeira e sob o véu. Mas, e agora?

TOLSTÓI, *Anna Kariênina*

foi com indiferença que você recebeu
as joias de minha juventude
para que não usasse mais
aquelas que foram presentes
de sua outra esposa
embora meus brincos de prata
não combinem com seus anéis
use-os é tudo que posso dizer
enquanto você deixa seus cabelos
soltos e espetados ao longo dos dias
e eu sinto falta de vê-los em tranças

as caixas em sua casa
são um forte apache abandonado
e apesar de tudo isso
nosso jardineiro veio me dizer
que você parece ser uma modelo
e eu sorrio melancolicamente
pois você é minha Gia Carangi
e foram os olhos dela que vi
desde que trocamos sangue
em voto de amizade
mas fora disso você estava
profundamente incomodada
por estranhos esquadriharem
o seu corpo como se fosse
um manequim vivo

o buquê de seu casamento
mofou em minha cômoda
suas amantes se tornaram
minhas saídas ocasionais
mas isso não é aquilo
em absoluto não é
aquilo que eu realmente
gostaria de compartilhar com você
daria minhas pálpebras para servir
de enxerto às suas cicatrizes

RESPOSTA A RUMI

*Faltam-te pés para viajar?
Viaja dentro de ti mesmo,
e reflete, como a mina de rubis,
os raios de sol para fora de ti.*

*A viagem conduzirá a teu ser,
transmutará teu pó em ouro puro.*

RUMI, *Poemas Místicos*

...

tu que escavas dentro de ti
antes de chegares às preciosidades
sentirás o calor, os rios de magma
aos pés duma besta, um dragão
tão antigo quanto tua alma

cada empreitada imprudente
deixa um cadáver carbonizado
povoando tuas galerias subterrâneas
de múmias, espelhos de Pompéia
os espectros de teus traumas

hás de voltar novamente
se não te conformares
com a maldade dentro de ti
tomando tua lança contra o fogo
soprando as múmias ao vento
lavando até o vapor os rios
e abrindo a terra ao sol
para que tua beleza brilhe
aos habitantes da superfície

DAS INSTRUÇÕES TELÚRICAS

da grama
tomei uma aragonita
na qual andava
uma formiga que
do arbusto
tomara uma folha
do solo que
tomou um golem
que peregrinava
rumo ao Sol
intuído pela Terra
onde pisava
tomado
pela Senhora

(ingestão e arrebatamento
ensinam que a candeia
é sol quando no zênite)



LAÍS PAIVA

Laís Paiva (São Paulo, 1994). Poeta. Formada em Rádio e TV pela UNESP, transita entre as linguagens da literatura, da performance e das artes visuais. De sua arqueologia poética destaca-se *Miocárdio*, série de gemidos do coração e da vagina, iniciados em 2011 no tumblr. Em 2017, idealizou e integrou o acontecimento *Morte À Autoria*, happening online de poesia coletiva aberta à criação de poetas anônimos em um documento compartilhado. Publicou as zines *Como Cultuar Uma Deusa*, *Até o inverno virar a esquina* e *4 passos até o elevador e algumas crônicas verde-araucária*. Atualmente, está finalizando o livro-objeto *Densidade Reativa*, primeiro da escritora. Outros escritos podem ser conferidos na página no Medium e no Instagram como @serpenser.

DIA 6. VESTÍGIOS DA ESPINHEIRA

todo dia ruminando os revides
brotos de suco gástrico remexendo farpas de brinquedo
na cascata do banho quente
na pressão
os brotinhos trepadeiros
espaçosos cenográficos ciumentos
ocuparam e dão a letra de que nada passa se não
somar no seu terreno os revides em velhos
letreiros eleitores em vermelho

rugindo

com sede *muitasede* que não se abastece
do desejo em fome de carne rompida
do céu em trovejada
os caninos acesos
e a ferida brilhante
posta pra secar
no sal de fevereiro

DIA 15. O DESEJO CRESCE NAS FRESTAS

todo dia tramando o risco
desvios daquilo que continua igual
o expediente do relógio
a inspiração de urso
a intimidade em fagulhas de ano
novo pedindo mais etceteras das
crateras em ebulição

cílios inimigos lutam pra não repousar em:
amantes noturnos se friccionando em:
um piscar das vergonhas descobertas nasce:
um inseto de sua orelha
de vigília
com antenas e calor carburando
o rastro

desce do lóbulo à nuca
da clavícula ao bico dos seios voraz
se embrenha nas matas inferiores
cava caverna
saída para dentro
talhando labirintos

DIA 28. FANTASMAGORIAS

todo dia traçando linhas imaginárias, territórios precipício, a
divisa em km, perímetro dos nossos corpos, a linha-limite,
a passagem, a faixa-amarela, o sino, a sequência numérica das
viagens, o bilhete, a projeção, frequências sintonizadas, (...)
tua conversa até as portas fecharem, a passagem, os dedos
na janela contando gotas

o quanto é possível estender um corpo antes de romper a casca
e se inundar dos fluídos?

quantas vezes nos encontramos vagando ultrapassando os
limites das dimensões conhecidas desconhecidos mas
enamorados buscando o ponto-desejo que faz o espiral girar
até a dissolução?

DIA 40. MINGUANTE

todo dia santo varrendo migalhas pra debaixo do tapete,
subtraindo aquilo que causa repulsa do menu,
seguindo a risca o desregramento,
coletando memórias nas mucosas vaginais – despejando
memórias-sensações
no sangue do canteiro
no canto da arruda

o útero ferve o ovo oco

o dia da santa sangra cinco dias
a varredura do corpo inóspito
3 luas de cozimento
balizando

operações de banimento
em vias de sentidos adversos
*“reter aquilo que já não serve por medo do espaço não-
preenchido”,*
“guardar migalhas por medo de um dia ter fome”

romper o vínculo
se despedir do absolutamente não-bem vindo
cultivar sementes de desapego
reprogramar a varredura
anuviar os pixels em desalinho
fecundar raiz

NA CONTRAMÃO O BREQUE

osso do asfalto remendado
choveu a semana toda na cidade meu pai ligou dizendo
que o tempo tava exausto da rotina do maquinário
no buraco da rua que me encontrei
parada olhando a profundidade
interditada do estrago
toda semana um fosso novo
avenida projetada em cima de rio
esqueceram de avisar o rio
que continua o trajeto aterrado ou não
tem seus dias de cheia nos dias
cheios de rios
descendo a ladeira
com a sombrinha fraquinha praguejando um raio que cantou
parece que longe mas colado o suficiente do prédio pra
iluminar
as vidraças espelhadas de um azul tenebroso

dias em débito tormenta toma os postes piscando como quem
não dorme faz uns dias e tem tic nos olhos o poste
ticticzzzzZZ
aquele som de mariposa se debatendo na eletricidade
perigando cair

tem gente que dentro de carro vira peça de carro e não perdoa
passa levantando as saias das poças
me eleva ao patamar de estátua pública
púdica tingida de chuva
impressa no algodão cru
resvalada em pixe
e anemia



AMANDA VITAL

Amanda Vital (Minas Gerais, 1995). Poeta. Cursa Letras com ênfase em Estudos Literários na UFMG, em Belo Horizonte, transferida da UFPB. Autora dos livros *Lux* (Editora Penalux, 2015) e *Passagem* (Editora Patuá, 2018). Entre 2014 e 2016, participou do grupo de declamação *Aedos*, em João Pessoa. Atualmente posta seus poemas nos blogs *Amanda Vital Poesia* e *Zona da Palavra*, e também produz videopoemas experimentais. É colaboradora da revista de arte e literatura *Mallarmargens*.

ABERTURA

um cavalo brilhante de crina negra afunda
os cascos nos umbigos do espírito da terra

suas pernas são de fome e marcham dureza
como teimam todas as asas mal resolvidas

atravessa a cidade sob gritos de tempestade
o raio bestial tateia a pele exposta do mundo

mulheres abrem as pernas para suas janelas
invocando a lua sob o nome de seus amores

frutos despencam das copas ao mesmo tempo
ouvindo o coro dos corpos que agem por cima

e assim vibram juntos os herdeiros das flores
entregues ao delírio oceânico ao mel cadente

o orgasmo – essa anarquia de toda a natureza

ANTIGÊNESE

no princípio era a morte
em ruínas estáticas de esgotamento
a desintegração em tecido único
um não-espelhamento em ponto cego
o breu exalando seu odor rançoso
à falta de caminhos possíveis

em seguida veio o verbo
a mão que se ergue no aglomerado
convocando a luz o reinício do pulso
desamassar ao convexo a face composta
fazer das cinzas seu sostenido etéreo

gerar da queda o ímpeto reverso

PROCISSÃO DE BACO

recolhei os profanos sóbrios
os praticantes do contradelírio
recolhei, recolhei as estátuas
de lábios de gesso

as carnes navais estão passando
bailando na ciranda do desejo

recolhei suas crias selvagens
Baco irá comê-las mudas e cruas
para que não germinem
comê-las cruas e cedo

as carnes navais estão passando
bailando na ciranda do desejo

seus pais e mães, as gêneses do perverso,
dos ovos mal fecundados recolhei
toda a casta impura dos muros do sossego

as carnes navais estão passando
bailando na ciranda do desejo

assim como seus pares, cônjuges soturnos
que nunca derramaram uma gota de vinho
em seus corpos de sucumbida virgindade
recolhei, recolhei os estáticos companheiros

as carnes navais estão passando
bailando na ciranda do desejo

VERBORRAGIA

as palavras me engatam a garganta pelas úngulas
escalando paredes massudas de vazio acumulado

sinto o amargo dos farelos as camadas raspadas
a saliva confinada nas grossas grades da afasia
sinto cada gota desse sumo chorumoso e espesso
desgarrado à força na degeneração dos silêncios

tento cobrir a boca reprimir o ímpeto delinquente
numa hipótese vã de fazer descerem os demônios
chego a engolir pressionar empurrar impelir sigilos

mas vozes correm em desespero entre meus dedos
explodindo faringe laringe mandíbula cordas vocais
fere a carne coagula o verbo na arma que impunha

as palavras me sepultam a mudez pela insistência
arrebentando pontos repetidos de eternas suturas

APETITE

basta o desgastante falar das maturações
do tempo do verbo que nunca se alcança

tez algodoada de um azul inquebrantável
onde a palavra é lúcida e a poesia é mansa

que o fruto ainda verde caia sobre as mãos
em um só sentido, unísono e irreversível
desfazendo-se em grãos ao puir nos dentes

e confronte a etérea solombra atmosférica
com toda a força desgarrada das urgências
interrompendo o tempo sacro da semente

bendita seja a palavra daquilo que se consome
bendita a rebelião do lado de dentro da fome



IAN VIANA

Ian Viana (Brasília, 1995). Ex-militante, ex-cafajeste, ex-búfalo galopante dos sonhos. Discípulo espiritual de Roberto Piva – por enquanto. Instiga-se pelo que seria (e o que pode ser) o surrealismo brasileiro queimando junto a labareda de nossas tradições culturais. Crente-fiel-e-leal a América Latina & seu Folclore cotidiano.

VOCÊ É UMA NEGOCIAÇÃO COM DEUS

eu sinto teus olhos brilhando
quando os meus se fecham
venho exercitando minha solidão
enquanto você aparece como uma onça pintada
arranhando minhas costas e dizendo “agora está tudo bem”
mesmo não estando

eu quero ser teu beato e teu devasso
tudo é sagrado e você sabe
quero o meu corpo de quatro
quero o teu corpo de quatro
sua boca mordendo a nossa almofada de nuvens

quero ser teu boato e tua certeza
nossas mãos entrelaçadas
você me trocando por um piloto da fórmula 1
no dia do nosso casamento
nossos esqueletos enterrados em alguma posição tântrica

minha boca sendo lambida por alguma árvore

eu quero o cheiro das tuas axilas
enquanto você se masturba
teu ventre contorcido pela música das esferas
gauguin beijando a nunca de van gogh pela última vez.

LEIA APÓS O ORGASMO, DEITADO NA CACHOEIRA
COM AS PERNAS APONTADAS PARA O SOL

há 100 anos atrás
um rio corria as veias do teu antebraço
o pôr do sol é belo enquanto se despede e
assim mesmo é o meu amor, minha musa
eu estava, vi e assino embaixo
a beleza dos primeiros mosquitos desse planeta
eles eram amarelos-ouro e levavam patinhas como pantufas
negras de camurça
eu estava lá quando capturaram a princesa da nigéria
e a venderam como escrava na bahia
de todos os santos
quando orixás travessos tocam seus tambores
na madrugada da chapada dos veadeiros
milhares e milhares de casais adolescentes
do litoral brasileiro transam o bailado de seus corpos
corados e quentes após matar aulas
e passar o dia inteiro no sol
ontem me ofereceram um projeto de reforma universitária
mas eu sinceramente não sei se reformas bastam
porque as universidades hoje transformaram-se em conventos
e da última vez que reformaram conventos surgiram
as igrejas neopentecostais
sim, eu ando capengando de amor em amor
de flor em flor com a minha comitiva
de passarinhos em fase de reintegração
às matas originárias então, por favor,
não nos peçam coerência
pois a contradição se tornou a moeda do dia.

EGOÍSMO NATURAL DAS FLORES

ontem, enquanto escrevia uma carta para você queimaram seis
crianças numa creche em minas gerais,
enquanto eu almoçava um pai vendia um filho para um
estuprador numa cadeia de sergipe
enquanto eu respondia emails do escritório pela tarde
trinta cabeças de índios yanomamis foram arrancas de seu tronco
e com eles se foram seus gaviões totêmicos
enquanto você e sua namorada discutiam sobre o filme
mães de santo apanhavam e eram obrigadas a quebrar suas guias
e destruírem seu fundamentos por traficantes crentes
no subúrbio do rio de janeiro
xibé, o índio cubeu, contava-me histórias de entidades habitantes
das nuvens amazônicas enquanto dona iracy morria na fila
do hospital público de santa efigênia com seu rosário na mão.
amanhã, após despertar, colherei frutas silvestres no parque
e o mundo desabará sobre os meus pés.
algo me diz que as amoras continuarão docinhas.

VIOLETA

a noite estrelada do pintor holandês

despencando no meio da tarde de terça

tua face recebendo a água d'uma cachoeira
de 30m de altura

tua amada e suas pernas quentes & abertas
no lugar dessa cachoeira

– e sua face no mesmo lugar –

tua corrida vencida, tua glória, teu joelho arregaçado na
infância, a arnica sagrada

e o alívio

algo genial que pensaste ontem no banho

mas agora esqueceu

andré breton emocionado na Lapa

seus filhos sendo presos pulando o carnaval

fora de época no século passado

tua primeira namorada e suas coxas

dançando coco

teu ciúme

sonhos de babás adolescentes

sob o efeito de sementes lisérgicas dançando ao fundo

um menino cabeçudo & órfão segurado pelo braço

seus pais mortos ventando o capim

o horizonte violeta.

DOIS MIL ANOS

ontem eu disse

eu preciso escrever um poema para essa mulher
porque quando se fecham os olhos no chuveiro
imaginando outros olhos e daí explodem caleidoscópios
lisérgicos é preciso escrever um poema
ontem eu vi o laranja do seu vestido
incendiando uma casa da minha vida
uma casa da minha rua
e o barulho das janelas trincando
tinha a sinfonia de um forró tocado por um violino
um forró que ainda não dançamos
ontem eu senti vultos em minha caminhada
e eles me perguntavam a todo tempo quem é você
e de quem era aquele cheiro de chuva no meio da seca
de quem era aquele sorriso que fez curimba no meu peito
como grilos perguntam os nomes das estrelas na escuridão da
noite
ontem eu entendi & apoiei os romanos expulsando cristo de
roma
porque antesdeontem queimaram o meu terreiro e quebraram
minhas guias e há 2 mil anos
quando gritaram “esse não é o meu reino” uma bomba atômica
varreu tudo e eu pensei:
“caralho o que eles vão fazer com o reino que não é o deles”
e num piscar de 2000 mil anos eles produziram uma armadilha
chamada ciência e levantaram fábricas
e soterraram deuses
e fumaram florestas inteiras com suas chaminés
e quebraram
esculturas maravilhosas
e o que me garante que eles não vão levar você de mim?



LETÍCIA LEAL

Letícia Leal (Brasília, 1995). Poeta, jornalista e astróloga. Sonha muito à sério. Inédita em livro.

ODE À MULHER DIFÍCIL

sei que sempre ao chegar tua vez de deitar-se à relva foi inverno
e que teus sonhos eram maiores que os dos garotos daquela rua de
pedras quando os narrastes para teu primeiro amigo
mas secaram perante o estranhamento que entendestes em seus
olhos
e foram ruindo quando também os teus foram crescendo hesitantes

sei que teu corpo era um lugar de força
e que de culpa em culpa foi te sendo minguado,
ódio teu alimento e nojo tua sentença
acobertando tua sede e cio só até o primeiro homem tê-la redimido
com palavras que ainda lhe pareciam limpas
e o que lhe custou conhecer a verdade

sei que nunca houve endereço para tua raiva
que respingou pelas calçadas e lhe amargou para sempre a água
das lágrimas
que chorastes sozinha
porque nunca fostes do tipo cuja fraqueza é perdoada
e sei que fostes a saída para muitos crimes que almejavam vilões

sei quantas vezes tua voz foi atropelada antes de dares o primeiro
grito
e quantos de teus gritos lhe foram tolhidos
e quantas vezes frustrada tuas unhas lhe partiram as mãos até
consequires realinhar o tom
e passares a dizer calmamente a mesma coisa várias vezes
e passares a dizer calmamente a mesma coisa várias vezes
e passares a dizer calmamente
a mesma coisa
várias vezes
enquanto o mundo ocupava-se de outras questões

e suspirava, ah, que mulher difícil
enquanto tu te movias caminho escuro adentro
tu és noturna, sorumbática
e assombra-te com teus próprios pés
mas sois agora amiga da madrugada
e conheces o som dos bichos morrendo
e sabes onde guarda a relva o inverno
e onde o gelo é firme, e o dia nasce.

[VEJO-TE COM OS OLHOS DA ALMA]

Vejo-te com os olhos da alma
E portanto só podes ser alma,
E ter olhos de me verem
Que são olhos também de alma

E tudo mais que sou
São pegadas na areia
À procura da estranha desabitada
Que possua alguma face

É o corpo de alguém,
Talvez meu, que pede
Por qualquer coisa tua

É à porta de minha casa
Que bato para deixares
Que eu entre

E a mim sou apresentada
Com ogivas entre os dentes
Quando me sorris

Percebo que quero a mim,
Ao meu nome derradeiro
Quando alguém humano
Me olha de dentro de ti

Mas quando tento a travessia,
Percebo que em meu barco
É deus quem te espera.

[TODAS AS COISAS PERDIDAS RETORNAM]

todas as coisas perdidas retornam
o oceano regurgita o brinco
o estômago devolve o lodo
e na estrada, pende a lua que me ouvia antes da viagem

o sonho volta vingativo
prende-se ao pescoço dos dias
não me lembro mais de seu nome
mas ele responde assim mesmo

todas, todas as coisas perdidas
retornam um dia. que fazer delas?
eu que aprendi tão bem a perdê-las
condecorei-me mestre das perdas

e retorna, ainda, o estado aprendiz
da promessa da felicidade
retorna a porta cerrada e
a que abri e não atravessei

retorna o assombro, ou a
lembrança do assombro
retorna o coração sangrento
retornam as estrelas brilhando no escuro

retorna o amor, senta-se à mesa
olha profundamente para a espada que ergui,
e afia-se.

[IMAGINE O PÁSSARO]

Imagine o pássaro, ainda em seu molde
Ocupado ainda em limpar o barro do corpo
Sem ciência da mecânica dos vãos
Ignorante das funções de pássaro

Será então já pássaro, ou protótipo?
E se acaso não seja, qual salto o torne?
O primeiro, apesar da queda?
O quadragésimo, primeiro a ser ótimo?

Imagine o pássaro que respira
E ainda em nada se define
Será que sabe? Será que sofre?

Imagine o pássaro já pronto,
Não haja voo que o deforme
Será que compõe novos cantos?
Será que é livre? Será que escolhe?

[PROCURO A VERDADE DE UM PARTO]

Procuro a verdade de um parto,
A hora louca da volta dos missionários
O cão da infância, a mangueira aberta
Inomináveis flores

Nunca vi um rosto amigo
E sei que o tempo não me quis para batismo
Inerte, no entanto, pereço
Sou névoa para o prado,
Vontade dos abutres

Hei de querer ainda um sentido,
Uma lembrança que abarque meu desassossego
E mãos ternas sob meus joelhos

Mas escrevo com força, para riscar
O chão para além das folhas mortas
E para, onde perderam-se as sementes,
Perfurar o dorso de meu último sorriso,
E pertencê-lo



RODA DE POESIA

nsã

tãe &

estado da terra

esta é a terra que
está a ser
a terra que

esta é a terra que

esta é a terra que

esta é a terra que

esta é a terra que

LUCAS ROLIM

Lucas Rolim (Piauí, 1995). Poeta, tradutor e editor independente. Publicou *Os Cantos de Eleanor* (2017), *Terrário* (2017) e *O Caderno Surrealista de Ibán* (2018) em edições artesanais através do selo editorial Kizumba Edições, além do livro *O Mirábolo* (2017), pela Editora Moinhos. É membro do coletivo *Acrobata*.

DOIS AMANTES & A METAMORFOSE

I

dois amantes marcham de muito longe
dentro da madrugada que os desafia
deixam suas terras danças e músicas
para se encontrarem no silêncio do deserto
um vem do ocidente que lhe diz
morrerás antes que o sol te acolha
outro desponta do oriente que o alerta
do deserto vieste e teu espírito é areia
a trilha que seguiram madrugada a fio
pertence agora ao Vento Leste – suas pegadas
foram extintas com a visita da noite que sopra.

II

frente a frente no seio das dunas
os amantes sabem que não há miragem
– que de carne e toque é feito o momento
para que a palavra do primeiro acenda
como fogo vivo nas orelhas do segundo
é preciso que se ergam defronte de si
mirando a esfinge que no outro habita
& volvendo ao que o sonho tornou real
desnudando o enigma & virando peixe

no mar que engole o deserto em sua
vertigem & mudez.

VEJO MELHOR DE OLHOS FECHADOS

quando o labirinto amansa
o caminho se revela com passos de água.
há uma nudez própria
a todas as coisas
e um nome ao qual tudo atende:
a ternura das árvores,
o ritual das rochas,
o calor do tempo batendo nos dias.
um nome rápido, que tudo diga:
a face iluminada das abelhas,
a lição de força dos pequenos insetos,
os seres em sua mais tenra forma.
quando o labirinto amansa
finalmente entendo:
não há dor na trajetória do sol.
a noite que aporta é violenta, mas gentil,
e abriga as coisas que também
se encontram na claridade cega.
o olho atento é seu hóspede inquieto.

[AS DORMIDEIRAS]

As dormideiras
cobriam-se nos sons vegetais,
reunidas no interior do musgo,
postas no árduo dever de urdir a colina,

seus braços pronunciados nas substâncias da terra
onde os ruídos e os favos copulavam
ao modo de uma linguagem elementar.

Era aquele teorema tudo que no coração
enterrava-se vivo – a palavra, ainda acesa,
estalava nos dentes.

O dia parecia não poder levantar-se
dos buracos nas árvores mais que poucos metros
– sua luz arrefecida, contendo-se nos nós –,
como se uma pequena divindade, do exato volume
dos pólenes, nascesse ou morresse àquela hora,
como se o fantasma ferido fosse
a dança contínua à outra margem do rio.

Talvez oculta entre as dormideiras e os favos,
a flauta envolvesse nas ervas o seu pulmão;
talvez se fizesse encher o ar de brancas mariposas;
talvez dormisse o mais triste homem
o mais tenro sono.

[SOBE A NOITE ENTREPOSTA AOS VAGA-LUMES]

p/ Herberto Helder

Sobe a noite entreposta aos vaga-lumes,
entregue aos abismos. Quarto de joia
queimando sobre o mármore exaltado,
quando o mergulhador encontra a mão sobre
o sangue, boiando em penas leves, e o homem
entra na cabeça, subterrâneo, como se
partisse o fio da madrugada.

A cabeça prolonga-se até as luzes.
O homem toca o centro da boca.
No centro está o silêncio, o branco das substâncias.
No centro está o homem, colidindo com o centro
e tocando-me nas imagens, por onde escorremos
até a púrpura isolada na ilha da Madeira.

Ardiam-lhe a pedra e a pedra sobre a idade.
Os rochedos menores, amava-os com a erva acurada.

Sobre a cabeça
estava a cabeça – e a gangorra, tornada
amarela, onde de um certo ponto assistíamos
aos seres do ar baloiçando.
Aproximavam-se e tornavam-se pequenos,
ora mais perto, ora invisíveis – apenas supostos.
Havia uma hora em que era possível tocá-los,
estar ao mesmo nível, tombar em seu ritmo
de tombo, supostos e exatamente aéreos,
pronunciados nos tufões.

Estávamos para além do ar de uma noite ordinária,
suspensos e entregues na raiz do Funchal,
dinamitados até o espírito.

Não saberia dizer com que palavra dava
de comer às lâmpadas ou que aroma dizia
para chamar os besouros.

Sei que os relógios não nos encontravam.

Passava ali o anjo respiratório e não reconhecia
nossos nomes engolfados sob a árvore.

Eu observava o olho cravado na face do homem,
enquanto as lacraias dormiam em seu interior
vulcânico. Pudesse, eu adivinharia quantos dedos
tinha dançando em suas têmperas.

As paredes mugiam ao longe.

Sabíamos dos muros e de sua demora.

O instante tornava-se eterno

– imensamente, salvava-me.

[CRIANÇA ADORMECIDA EM MEUS CÁLCULOS]

Criança adormecida em meus cálculos,
fixarei teu nome numa concha isolada.
Ensinarei a ti o manual do fogo, das chuvas.
Ajuntarei os animais para que os toque.

Guardarei tua voz numa adaga de cristal.
Desmembrarei teus sons e converterei
o fruto em símbolo e palavra – em linfa.

Plantarei uma flor audaz sob teus lençóis.
Cultivarei tuas mãos num jardim suspenso.
Direi às criaturas *ELA DORME*, porque dormes.
Cobrirei de luz as manhãs, para que nasças.

Criança minha, feita de semente e sonho,
porei o saber das árvores em teu coração.



MARIAYNE NANA

Mariayne Nana (Rio de Janeiro, 1995). Promotora de suavidades na cidade do Rio de Janeiro. Cultiva raios em terras escuras e só coleciona fragmentos mínimos ou quase invisíveis, como cílios caídos nos ombros das pessoas. Publicou em outubro de 2018 seu primeiro livro de poesia, *Pétala Soletrada Pelo Vento*, pela Editora Urutau.

[CADA VEZ QUE EU PISCAVA OS OLHOS]

Cada vez que eu piscava os olhos, teu corpo ia, gradativa gota – muscular imensa – adensando a espessura da noite. Meus olhos viviam: uma lenta e pesada convulsão de boca presenciando o futuro líquido.

Dissolução da dualidade entre negro e branco. Eu também arriscava meus montes de silêncio só para alongar – um pouco mais, o pouco de toda diferença – o puro decote em que eu te sonhava, o fundo constante da tua respiração.

Enquanto a hora, no ar, transparecia seios – algumas vezes entre fios do tempo que trançavam mechas de cabelo – forçando o vestido do relógio contra o instante preciso da cintura, ela abria com ponteiros nossa alma.

Não sei se duraremos para acender outra vez a lâmpada. Antes que tua mão apague, conto miudamente o número de cílios que a umidade na borda do olho agrupa – luz.

Último piscar – farejo a carnadura pronta da noite, leio o fio que reparte uma gota rasa colada firmemente no teu peito. Digo: *você ainda tem vestígios de água* e chega a mim, sem moldura de beijo, uma onda tua que cobre minha inteira boca.

[BROTA O MOVIMENTO DA ÁGUA]

Brota o movimento da água – tocada pelas mínimas extremidades
– do teu rosto que ondular flutua:

Leio a pálpebra que se abre – o risco dos cílios que vinca a
correnteza – o negro arco que brilha e dura –

Em dois eixos o Sol a si mesmo reparte – por onde antigas pedras
agora caminham.

[OUÇO O ROSTO QUE TUA VOZ PREPARA]

Ouçõ o rosto que tua voz prepara
Princípio fósforo
– *Risco faiscante* –
O curso da cabeça ardente
Forja o feitio de cada linha
Trêmulo rosto
Que tua voz prepara
A luz decanta sobre o explorado da palavra
– *O último fio vibra a memória* –
Traço o rosto que tua voz não prepara
Ele depõe sobre minhas palmas
– *Marcas* –
Livre do dia e da pronúncia,
Redondo pelo calor das mãos,
Vai sendo entregue no ar
– *Para o círculo de novas bocas* –

[QUEM TENTA CONTAR AS HORAS]

Quem tenta contar as horas
Que ele bebe da minha boca
Cai no branco entre as marcas do relógio
Evapora na profundidade da secura

O imponderável arranca
As ondas conhecidas de todos os cabelos

Com ele a minha sombra escreve
Um corpo negro nos vincos de areia
É com ele que minha sombra aprende
A tocar o estômago do vento.

CORRIMÃO DO ABISMO¹

A memória embaralha suas ruas para que nelas percamos
nossos nomes.
Fugaz e evasiva voa com a alma da poesia; se não a colhemos, o
tempo nos colhe.
As trevas se aninham debaixo das unhas, seus modos se
enroscam nos meus.
Onde as raízes recomeçam as iniciais do tempo, ainda havia
letras daninhas.
Oh terra, as tuas noites suam como as sementes ácidas que nos
forçam a renascer.
Oh ar oh ar, os teus sons estremecem o princípio das asas que
ficaram pelas árvores,
os teus cílios se multiplicam como aves que regurgitam em
pleno voo a voragem surda do mundo.
Céleres os teus olhos percorrem este abismo do alto enquanto
uma das asas do infinito sela as minhas pálpebras.
Eu peço mil vezes recordando a evolução desses corpos
desatados na selva ruidosa de tantos vultos sentenciados
pelo pântano de nossos nomes.
Abrimo-nos à cadência da noite que tudo nomeia.
Oh terra, caminha com nossos passos até que não sejamos mais
do que esquecimento.
Oh ar oh ar, caminho com teus passos até que não sejamos
mais do que memória das raízes.
Um rumor de lendas transfigura o silêncio onde quer que
recorte suas artérias.

1 Escrito a quatro mãos, com Floriano Martins.
Fevereiro de 2019.



VICTOR H. AZEVEDO

Victor H. Azevedo (Rio Grande do Norte, 1995). Poeta, já publicou diversos zines de poesia, e em 2018 publicou a plaquete *Cachorro Morto* (Munganga Edições). Planeja algum dia lançar um livro intitulado *quem nunca andou de ônibus não sabe o que é deserto*.

MEMÓRIA À DERIVA SOBRE MOSCAS EM PUPILAS E CAIXAS DE PAPELÃO

Tem dias que viver é sanguinolento.
É imaginar um crânio de leão como objeto
ferino, retrato ósseo do que antes fora um rugido,
quando na verdade,
tal imagem nos remete à nossa própria sanha.
É abrir um sangradouro na rua habitual
e seguir pelo descaminho que culmina em nenhures.
É depredar o próprio sossego
afim de derrubar alvéolos cristalizados.
É devorar um sarcoma no pequeno almoço.

Tem dias que acordar é azedume.
É se pegar desprevenido em um povoado
onde a álgebra não existe, onde os numerais
não foram exportados e as coisas são contadas
entre “pouco”, “algum” e “muito”.

É ser propositalmente sucinto, quando,
em nosso âmago, há um labirinto
que cresce e cresce, sem apólice de seguro.
É prevalecer a regeneração das flechas de cupido.
É não ter a serotonina dinamitada de sal

e não entender que sim, seu cachorro está morto
e sim, não conseguir chorar é mais triste do que chorar.

Tem dias que existir é dormir coberto por mortalhas.

PACIÊNCIA

(CARTA DE LAETIZIA A PAUL HÉRBERT MUDADA À VONTADE DO
ESCREVEDOR)

Estou triturada, contundida,
horripilantemente nimbose.
Sinto-me como há dois mil anos, à beira
de um carcoma. Tudo calcina meus melodramas, me degrada.
Teus beijos fizeram meu coração panfletar
arrepios descaradamente.
Me descompassaram tanto!
Povoe-me,
pois esse amor jamais será hipotético.
Temos de nos eximir de qualquer reticência
decorativa e amordaçada. Gostaria
de te ver acamado a essa ideia, de saber
que minha imagem em vez de te furta a cor
te reconcilia com a vontade de perder estas corcovas.
Tem de ser assim. Não podemos nos contorcer
para sempre nessas saudades lactantes,
pois o desassombro que peregrina por elas
é como um penhasco.
Trabalhe com os afogados, pensa em outra coisa.
Tu,
que é tão indomável, procure um pouco
de verão nos sorvetes de napolitano.
Estou com poucos créditos. Me sentia
com bastante coriza em relação aos meus projetos crucificados,
mas não posso me extraviar por nós dois!
Tenho carregado tudo comigo,
mas me sinto uma velha falésia,
não me coligue mais com teus êxtases,
que me fazem maldizer as minhas sonolências,
sem ver, no entanto,
que ainda não tomei banho hoje.

[NÃO HÁ CRIAÇÃO NEM MORTE PERANTE A POESIA]

Não há criação nem morte perante a poesia:
Há somente a eterna adolescência, a pirraça, a rapina.
É ouro que remenda o rosto de mármore de Apolo,
Figura tão devotada pelos extintos puros-sangues,
Junto aos seus florilégios e líras desatinadas.

Prefiro os iluminados sem sol, os mestiços
Que catam relâmpagos, punhos, adagas & caveiras
E os cimentam no crepúsculo de prédios abandonados,
E os explodem em museus de arte sacra,
E os almoçam com conhaque misturado a açucenas.

Deem coroas de cervo aos poetas raquíticos.
Aos que ainda carregam o credo de terem musas primogênicas,
Aos que ainda bradam ramerrões aos nulos,
E enfeitem seus cornos com espelhos retrovisores.

Quem sabe, qualquer dia desses, amanhã talvez,
Não encontremos um corpo na porta da nossa casa.
Um corpo sem sangue. Um corpo sem linguagem.
Um corpo sem corpo de texto, mas com uma linda aurora no
rosto.

BRONCO

Me deram a alcunha de bruto, de invernãl, de chulo.
Premiaram a minha pessoa com uma coroa de louros podres,
serpeada de dentes de bicicleta,
espinhos roucos
& duplicatas de figurinhas já desbotadas por Kronos.

Pintaram um retrato meu de tempos outros,
e penduraram no pescoço de um baobá.
Não obstante a isso, no retrato meu rosto é um ovo
e meu cabelo, macarrão parafuso. De musgo
e reticências maquiaram meus olhos
e no reduto da boca
construíram um estábulo para minha cavalaria de brisas.

E agora essa correspondência invertebrada, entregue
por debaixo da minha porta, e que me cavouca o âmagô
feito broca — endurecido silêncio, celestial diabólico —
e que derruba a sangria de uma tarde
nas minhas costas
e estropia meu sono hibernal.

Mas prefiro regressar à morada sem qualquer réplica.
Prefiro regar meu colchão de mijo
& contar as albugens das unhas.

CIDADE 19XX

*À noite quando me deito
em Maputo
não preciso de rezar.
Já sou herói.*

CARLOS CARDOSO

Manhã, quando me acordas em N. Sra. dos Alagados, teu silêncio é inefável. Levanto e digo Mãe, o café já tem açúcar? e digo Pai, encontrou alguma moldura abandonada no lixão? Pergunto ao papagaio se ele tem previsão do nascimento dos girassóis e beijo minha namorada como quem vive sem saber se é verão ou agiota aquele que bater na porta.

Manhã, quando me acordas em N. Sra. dos Alagados, vejo que gerações de carpas comem sementes de abóbora em teu ventre. Lavo as mãos e os pés e saio à rua com a dispensa militar no bolso. Atravesso o distrito sem ter assunto do que conversar com a paisagem. Escoro minha cabeça na janela e fabrico pequenos silêncios que o bramido do ônibus insiste em abocanhar, mastigar e engolir espalhafatosamente.

Manhã, quando me acordas em N. Sra. dos Alagados, acordo sabendo que não me queres nutrido de louvaminhas. Por isso não tenho Musa em meus contatos telefônicos e amo feito um cão que ama a sombra de uma árvore num dia quente. De repente me vem um gosto na boca de café e hortelã. Sangue e ferro às vezes. Depois um amargo de chão, uma viagem do tamanho da respiração de um mar.

Manhã, quando me acordas em N. Sra. dos Alagados, abro e fecho os olhos ainda deitado, e mando à merda os poetas caducos e mando à merda os relógios com sede e mando à

merda a penumbra que anoitece sobre o peito. Lábios áridos de espelho e água outra que mana das tuas pernas. Passa do meio-dia e não fuzilaram ninguém em praça pública. A policial ronda de luzes vazias o quarteirão. Ouço falarem de um mitológico presidente esculpido em ouro de tolo. Querem eles crucificar o fogo, tingir de ideais a flor, rebocar abraços com uma betoneira. Não publico minhas saudades. Caminho às ordens do meu medo. Atravesso a rua e tu, Manhã, se embrulha no horizonte e mergulha no Longe.

Por isso, Coração, quando adormeço em N. Sra. dos Alagados, te devolvo ao meu peito e só então rezo secretamente para que amanhã a cidade amanheça perfeita desabitada.



LEONARDO CHAGAS

Leonardo Chagas (São Paulo, 1996). Poeta. Transita diariamente sobre as linhas férreas desde as margens do rio Juquery às margens do rio Tietê. Disseminador da poética paranoica Beat-Surreal, autor de *Cosmos/Cacos*, primeiro livro.

[GANESHA À LUZ DE VELAS]

Ganesha à luz de velas, na calçada descalça fala
versos aos mendigos que tentam dormir distraídos
da vida mundana. Os anjos de Sodoma espancam o
adolescente pelado que se comove ao ver os mictórios
públicos do metrô.

Sei que um dia o sonho há de curar-me do espanto
há de me fazer chicotear a face do inimigo e roubar
dezenas de garrafas de vinho tinto e esconde-las num
casacão
há de me fazer cuidar melhor dos meus cabelos
há de me fazer correr à beira mar comer frutas
saudáveis & me estarrecer de pranto quando triste
o sonho há de impulsionar
minha revolução espiritual e política
construir barricadas com corpos estupendos cor de
jasmim esculpidos em bronze

[O BOI DAS VÁRIAS FACES SORRATEIRAS]

o boi das várias faces sorrateiras persegue o caminho do lobo
observa um púbis a quarar na sacada do apartamento
no largo São Francisco. Submerso em babas e grossos
pentelhos teu corpo como estátua imóvel ao vento só treme
todo por dentro lembrando o gozo próximo
Costurando arranhões na sua pele-mármore, com um pincel
de penas de serafim disseca toda a estrutura de seu tórax e
seu dorso compulsivamente fareja teu pescoço e cospe teu
sangue ao se afogar.
Descendo a teus pés se confunde em pensamentos
sacrossantos
a desistir do rito pula da sacada em movimento instantâneo
marcando o chão com um z de sangue fluido de seu corpo
estilhaçado a comer grama.

QUEDA

Gosto-te em fragmentos
o olho separado do resto
tua boca ao avesso
tuas coxas nas fotografias

Gosto-te das ideias esfumaçadas
do batom frouxo no lábio
dos teus cabelos picotados
do cais em teus ombros

Gosto-te mais à luz da lua
da tua voz quando grita
do teu sorriso ao revés
da revelia de teus passos na cidade ao amanhecer.

Gosto-te dos teus seios dobrados
da tua cor esquisita
das pétalas a teus pés

Gosto-te a mergulhar no oceano
cansada de tempestade
percorrendo a fúria dos dias
acirrando os teus passos
em tardes quentes de outono –

gosto-te em fragmento
e a mim, me gosto aos pedaços.

O SELVAGEM CÓSMICO

*Há sempre um copo de mar
para um homem navegar*

JORGE DE LIMA, *Invenção de Orfeu*

Sem medo da morte & da loucura/no meio da noite hasteio a
pau inteiro/ a bandeira da imaginação/escalo colinas selvagens
acariciando os animais ferozes / mastigo plantas carnívoras
que beliscam minha língua até sangrar/ escrevo em árvores
com paus e pedras / cartas de amor sublime & manuais de
sobrevivência na polis / carrego espelhos nas costas em dias
ensolarados / para incendiar a copa das árvores / fazendo com
que as folhas imitem a incandescência das estrelas/ qualquer
gota de imaginação é um oásis marítimo/ no deserto racional
dos homens/ percebo a reflexão e então/ desperto aos soluços.

[GRAFO TEU NOME NA ÚLTIMA PÁGINA]

Grafo teu nome na última página
navego no desenho que se dá na escrita
com desejo de navegar teus seios fartos
no entanto, me é tão distante realizar teu seio
ainda mais distante que o primor da escrita
singro em falso, o mar morno da esperança
no fundo sei que mal quero te alcançar
o vai e vem de minhas águas
insistem na eternidade do devir;
no cais infinito a borda de sua praia
de areias negras e espuma cintilante
Escrevo teu nome na areia
com o desejo de escrever em teus seios fartos
toda a distância do primor da escrita
a última página descarto agora em água corrente
que vai desembocar no todo do mar morno
após singlar no vai e vem de minhas águas
há de morrer no cais infinito
próximo a praia de areias negras
onde a espuma cintilante há de apagar teu nome
onde repousa enfim o meu papel grafado.



PEDRO DZIEDZINSKI

Pedro Dziedzinski (Rio Grande do Sul, 1996). Poeta. Publicou *Frêmito-genitália* (Ed. Le Chien, 2017), *Pealo* (Ed. Ornitórrinco, 2019), *Contrato do Esquecimento ou Te amo, e é como se treinasse para faquir* (Ed. Bestiário, 2021) e *Matacabra e outros golpes inúteis* (independente, 2022). É livreiro e reside em São Paulo.

[DISPAROS EM TUA JANELA]

disparos em tua janela – Eros
como um sniper
aljavas trocam-se em coldres
lampejam teleguiados projéteis
teu rosto
a cada noite desfigurado para mim
se recompunha em
queimaduras de primeiro grau

foste por muito
o alvo em meu espelho a prova de balas

por tanto
dispensei-me à patrulha

teus olhos gregos deram início
a terceira guerra mundial

[QUARENTA ANOS VIVEM]

quarenta anos vivem
os rinocerontes – para que em seguida
desfaleçam como capim,
ventania. Disse um amigo que morreríamos
antes de loucura
que surgimos sem chifre, que o couro animal
seria usado para revestir
a cela em que montariam outro – passadas as gerações,
atropelados
os homens em bando. Aos vinte e dois anos
eu atravessava a avenida de olhos fechados
como no carnaval dos quadrúpedes
posto de frieza
certo de que sobreviveria.

[EM PARALELO]

em paralelo
aprovamos a escatologia – a defendemos
como a mãe
de todos os passivos, como o filho
que nunca nascerá
pois antes terminaremos, o tempo que não
envelhecerá pois ainda
este mês seremos os dois aniquilados. Eu chorava
ontem por ontem e hoje
via um funeral a minha volta, salivava
cacos de vidro
e me velavam lindos os escatológicos
com promessas de memorial e estátuas minhas de pau
pra fora. Do outro lado, deprecio a loucura
que me silencia aos poucos, pois antes terminará comigo. Eu
chorei
hoje por hoje e para sempre,
de cansaço e resolução
vejo um funeral a minha volta, salivo
cacos de vidro
– ainda não subo aos gostos de sangue
mas sei que já falta pouco
e ainda menos para que me anoiteçam.

[UM POEMA VERMELHO]

um poema vermelho
rasga a tarde flama, e assim como
noutros dias
visto-me de rato aos gatinhos. Olhos
rubi à paz invejável
digo, iniciem pelas orelhas, pois não quero
ouvi-los em arrependimento
se começarem – e imploro que comecem – vão
até o fim. Não preocupem-se com a boca
não reclamarei de nada, pelo contrário
poderão ouvir minhas mais sinceras palavras
de incentivo. Um poema vermelho
rasga a tarde flama, entregue, rendido
mas amável. Estico-me bem para que abocanhem,
despudor, os olhos vivos à experiência.
A morte terá o gosto do meu sangue
para sempre
entre seus dentes de sabre.

[O FIM DO MUNDO PROVAVELMENTE]

o Fim do mundo provavelmente
se fundamentará
sem que se perceba. Estaremos neutros,
executando apenas o cotidiano, artífices do
duro Nada. Não ecoarão trombetas, milongas,
nenhuma onda negra assumirá os céus. Na última noite,
enquanto tu de certo abria o registro do chuveiro
para lavar o corpo, e eu sonhava
com um carro a esfarelar-se comigo sobre
todas as paredes do centro histórico,
tive a certeza de que não morreríamos agora
pois nada está calmo o suficiente
para pegar-nos sem graça,
de surpresa. Sabemos da piedade e do apocalipse; um homem
apaixona-se, um segundo se suicida
enquanto o terceiro lava pratos. É preciso que os três
estejam alheios sobre a louça
para o cataclismo.



AUGUSTO CÉSAR

Augusto César (Minas Gerais, 1997). Poeta. Reside em Curitiba. Acadêmico de Medicina da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Jovem Embaixador, 2014. Fundador do Medfulness, e presidente da Liga Acadêmica de Genética Médica da UFPR e do EAT Brazil/UFPR. Tradutor e divulgador da poesia de Jotie T’Hooft. Administrador da página: *Clarice Lispector: Obra e História* e promotor do evento *Clarice Lispector e a Bruxaria do Jardim Botânico*. Recém publicado na *R. Nott Magazine* pelo *Ensaio dionisíaco sobre a morte de uma cigarra* e na revista *Plástico Bolha* por *Empedernização do Eu*.

ANGÚSTIA

Deito-me em uma bacia de gelo,
ocupando-a com 86 quilogramas
e meio de tétano
Ofereço minha alma salgada e enferma
aos orixás que um dia
salvaram-me da vida
Tenho pressa para lutar...
Lutar para salvar minha morte
Tenho medo de uma agonia perplexa
que implora por uma sobrevivência pouco intrínseca
Prendo a respiração
e me afundo abaixo do gelo,
alimentando-me das feridas
que me estragam a retina
Sinto que minhas pupilas umedeceram-se
com um cuspe de carboidratos
e proteínas sinistras
Mas juro que terei paz antes da morte

EMPEDERNIZAÇÃO DO EU

Choro para perimir meu choro. Estou à beira de um conluio comigo mesmo que visa à maquinação da minha própria morte. Meu corpo é um mocambo que abriga a minha quintaessência em um cômodo obscuro de sangue denso e insosso. No intermezzo da minha loucura, antevejo incisivamente o desaparecido da coisa e me pego desbragadamente absorto em meus pensamentos. Algo em mim tornou-se impassível, embora haja uma afluência de delicadezas que me arrojam de braços contra o travesseiro. Levanto-me e me apoio sobre a torça da janela, e sinto o vento que vem do longe e irrompe as minhas memórias, transviando-me para um encontro frontal do éthos com o “eu” do eu lírico. Golfo minhas bazófilas e mergulho a minha cabeça na tina que se encontra no mesmo cômodo de sangue crespo. De ímpeto, suspeito de que a janela seja composta por uma torça falsa e de que o vento nunca existira, e de que o encontro comigo próprio também nunca ocorrerá. Estaria esse “eu” na parte mais etérea da minha existência, na qual a fluidez de tudo confunde-se com a não existência do nada? Fui designinado por Deus à autocolusão. Estou a cada dia mais achatado, ressonando dias e noites sem ouvir os estrilos arfantes que o sonhar da vida e da morte tem me causado. Sinto-me reificado, como se eu ainda fosse semelhante a uma coisa que já fui: como se eu fosse um parônimo corpulento de alguma outra coisa de que sinto saudade. Culmino em balbuciação uníssona de frações impróprias de anamnese, escrevendo-me errado, mal direcionado entre o real e o imaginário de uma essência que se ovalou nos meus passos. Sou copiosamente contencioso, conquanto aquele cômodo seja teso e me faça senti-lo sobre a pele flácida um pouco acima do estômago. Constranjo-me a felicidade e transformo o meu músculo cardíaco em um objeto quadrilongo, senão esquadriado. Visto-me de um sambenito contumaz, felpudo e lanoso, como se o estopim do mundo estivesse no porvir de me sugar a última gota de sangue chafurdada em humanidade. Atiro-me em minha própria arapuça... Que os Tupis, sangue primo da bandeira do meu país, perdoem-me. Embora bravamente, luto para salvar a minha morte. Eis uma tapera à procura de habitação.

MICROECONOMIA DO QUERER

todas as mentes do meu tempo
são incapazes de produzir
toda a neurofisiologia necessária
à assimetria de informações do mundo

a racionalidade limitada opera a
favor dos dardos mais viciados
a economia é tão cética
como o meu último namorado

o que há afinal de diferente
entre o amor e o negócio?

Ilusão
oportunismo ex-ante
seleção adversa

Creemos em mais detalhes do
que realmente existem.

Love is negotiable!

Acredita-se no ser único vide
a produção ostensiva de estranhezas...
o grande outro é o único elo possível
diante da nossa fragilidade

Às vezes, a publicidade é tão maldita
que nos venda e se torna o deus
nunca mais substituível

Houve casos de pessoas que morreram
devido à manipulação dos custos de transação
A doutora disse: morre-se também

pela grande oferta quando é alto o
risco

Não é que granja não me remete
mais a galinhas:

de s
ver

in loco: integração vertical

soube ultimamente de sua vontade incansável
de transcender o monopólio bilateral
e atingir o âmago da transformação fundamental

poderíamos ter feito da natureza do nosso contrato
um conjunto de cláusulas condicionais
mas é que o homem é um ativo de alta complexidade

O que é o sujeito, senão em relação ao outro?

PIAÇAVIVA

Nada é capaz de me levar
à epifania do seu toque
além dele mesmo
O que há de tão especial
em suas falanges?
Por que sempre morremos
– like an apocalypse –
quando nos envolvemos?
E por que queremos retornar
ao mar e salgar nossa própria
carne, conservando -a
para não ser comida?
Há poesia em renascermos
daquilo que não existe
enquanto matéria viva?
FORGIVE ME!
Não quero escrever difícil,
mas é que só escrevem fácil
aqueles que têm domínio
da mente e da língua
E eu vivo emaranhado
na minha própria matrix...
cercado por inseguranças e medos,
intercalando punhetas nas entrelinhas
Ainda me deleitarei da proteína
secreta do seu leite?
Prometa-me que poderei
arrepiar-me através de cada pelo
que habita o seu corpo
Prometa-me!
e eu finalmente estarei libertado
de todo o pó
que me varre a vida.

DESENCONTRO

Nosso desejo era mútuo
e jorrava sangue

Meus dedos grossos tocavam-no
levemente entre as coxas...
quando presenciei a opulência
de um sorriso refletido no vidro
Comutamo-nos em silêncio atra(s)vés
de um desejo apertado e rubro
Minha petulância em o tocar
em meio às pernas fora a carga de prova
de toda a energia quista a ser revelada

Olhos puxados,
sotaque asiático,
corpo definido,
Era do Tiro de Guerra,
Só me perco nisso!

Nunca soube seu nome
Talvez fosse paulista,
porque o vi descer olhando para a frente
– que era eu –
no terminal rodoviário de Campinas

Ele deixou lembranças
e não levou a minha:
uma gigantesca camada
impermeável e translúcida
de um sal almofadado
que respingava ureia suada,
mas rescendia a
hipoclorito de sódio.

Mesmo distante,
senti-me seguro, em casa.
Dendritos doentios foram sinalizados,
e eu chorava por minha mãe,
lembrando-me de um lar
que eu nunca mais tive.



CÍNTIA FARIA

Cíntia Faria (Rio de Janeiro, 1997). Amante, finda em 2019 a graduação de Psicologia na UFRJ. Autora de *Fogo perpétuo* (2020)

[SUPORTAR O INCONSOLÁVEL]

Suportar o inconsolável, as premonições,
carregar no colo os fragmentos de ossos
incandescentes, testemunhar a grande
queda do homem sólido, avançamos
rumo ao desaparecimento?
O que resta é ilegível. Cada ferida basta,
nesta noite é tão suficientemente o que
peço. Doí esta água do rio, as pedras
de vento nas margens das estrelas, o
reflexo de todas as cores ainda vivas
ao redor do fogo [luz de âncora trêmula
e cruel, a imagem do corpo sacrificado,
a voz dos invisíveis ainda não ressuscitados
junto aos barcos na névoa – a canção
de flauta não lamenta todo o esquecimento.
É contra o fim que se compartilha o exílio,
durar calorosamente no centro das aflições,
aproximar-se de um amor tão obscuro
quanto frágil, arder nas têmporas lentamente
até que a manhã seja enorme e as velas
estejam finalmente apagadas.

[NADA NOS TORNA SIMPLES O BASTANTE]

Nada nos torna simples o bastante
para o amor. Tão dura é a distância
entre a vela e o candeeiro, esse cheiro
do incomunicável nos assombrando,
nunca a hora certa de escrever uma
carta, tudo resta ainda por nascer.
Todas as mil e uma noites partem-se
guardadas, as minhas mãos tecem
infrutíferas para tocar aquilo que fomos.
Uma mulher na alvorada cresce sobre
mim, dá-me um nome. O pacto
que fizemos conheceu a verdade
e todos os nossos pecados, o mundo
também nos perdoou embora os sinais
que deixamos uma para outra tenham
sido lidos em outra língua. Nada nos torna
simples o bastante para a morte, tantos sóis
nos separam mas ainda crescemos, etéreas,
fusionadas, para dizer a palavra impossível,
para recriar a fuga sempre adiada.

[OS RAIOS DE LUZ E A TERRA AVERMELHADA]

Os raios de luz e a terra avermelhada
se recusam a perceber as flores
que crescem por fora
da casa,
o temporal é imenso, cada criatura feroz
devora os pássaros que restam feridos.
Tecer e purificar –
bater com a noite dentro do corte
e sentir extinguir o anseio voraz
de confundir-se com o
excesso das ondas,
cavar em silêncio esta cegueira
e proteger os rebanhos contra a
arrebentação da água, há sempre
algo por iluminar dentro do relâmpago,
derramar lágrimas ou colher sombras
celestes nos pergaminhos antigos,
demolir as estradas e finalmente
estar como que consumido pelo
imprevisível.

[O INCÊNDIO TE CRESCE NO TREMOR]

O incêndio te cresce no tremor e torna
toda casa inabitável –
aquela que atravessa o nevoeiro
sepulta teus mortos cobre-os com areia,
abandona toda margem e cobre-os
sem recusa, vencida docemente pelos
sinais de fogo toda a vida oculta dentro
de seu corpo sacrificado a penetrar
a última estrela e de repente silêncio
mais uma vez as tuas mãos e o rio
se fundem e nada está intacto,
toda guerra necessita de um sol
que se destina à queda, teu olho
de Mulher tu sentes
tu sentes a mim como
o filho sente o sangue daquele
para quem as crateras são grandes
demais, teu voo de peixe branco
não me consola – estou em prantos,
é impossível impedir o curso
dos trovões: luz dispersa,
ESPASMOS, Tu-Absoluto,
o magma e os ossos fraturados,
deitamo-nos na verdade e
a verdade nos despedaçou -
o peso de um deus não suporta
morar no Nada.

[A MÁGOA NÃO PERDOA AS MANHÃS]

A mágoa não perdoa as manhãs de nascer no centro das folhas. Esta paisagem não se põe sobre o pomar, aérea dentro do fruto estico as mãos sobre o rosto, peço a doçura dos sítios alagados e entre os ciprestes, torno-me incolor na água. É terrível toda a beleza, dolorosamente cair no fundo de todo este sal e saber que por anos ficaremos vagando em tremendo exílio neste lugar. Cada ferida aberta é tão intocável entretanto não há medida para nenhum vale e todas as criaturas também estão esburacadas. A espera é este fogo absoluto, a caça sem fim no limite do impossível daquilo que não houve [nunca há. Pedras, cascalhos, incêndio, inteiramente carne-viva, flutuo tal como concha, perdida no mar.



FERNANDA BOAVENTURA

Fernanda Boaventura (Minas Gerais, 1998). Poeta. Publicou as plaquetes *Ao fim de uma oração* (2017) e *Fac me tecum pie flere* (2018).

[IMPLORO POR UM LEITO]

Imploro por um leito em vossa memória, ó apóstolo céptico.
Ensina-me a fonte que afunda a carne,
a canção que jamais encerra o sangue.
As palavras são rouxinóis sem peso a seguirem a guerra.
E então, a sede da rainha é nomeada herança.
Pois a misericórdia do sol é violenta quando as águas se
levantam sobre a névoa inquebrantável,
e os sonhos não me perdoam por revelar o norte de seus rostos
ao temor das corças.

[NO CORAÇÃO DA BELEZA]

No coração da beleza o leão concebe o êxtase da corça.
A crueldade dos espelhos transforma-se em um jardim de
misericórdia onde o rio não trai a eternidade das balsas.
Mas se uma casa de sombras ressoa na seiva que redime a
grande sina das árvores,
por que rejeito o perfume das rosas que me ornaram as tranças?
Sei que encontro o meu reflexo perdendo-o na teia do teu
dorso, Leão.
E então, desaba a terra sob a águia que cega a si mesma no
abandono dos Cânticos.
Mas se tantos sonhos deserdam o perdão que rende o medo,
quantas crianças desampararão a espera que padece no alento
deste sacrifício?

[A LUA REFLETIA NO CORAÇÃO]

A lua refletia no coração de vidro das águias.
Eras o rosto de menino que embebia a neblina de terra
lamacenta,
e eu te acalentava no fio da espada, firme como um mastro,
suave como um lenço.
Corrias como um potro marcado pelo refúgio primevo,
desconhecido pelo frio e a fome.
Quando a noite indagava por nós, apressávamo-nos em dizer-
lhe “Eis-nos aqui”,
como a garganta de um pássaro no ninho
à espera do alimento engendrado pelo bico calcinado da mãe
que mira o sol no eixo do passado invernal.
Abraçávamo-nos em cerimônia de ressurreição dos mortos.
Tínhamo-nos a mão contínua criada pela leoa que
acariciávamos,
guiados pelos espasmos da corça na escuridão do espelho.
As gralhas grasnavam de fúria frente ao dorso intacto da terra
lancinante,
doavam-nos duros e amados à sua solidão.
Faziam da mãe balançando o berço o corpo soerguido pela
relva,
e depois a insígnia de seu silêncio coroado.
Ó criatura de dorso aberto no alento quente de Deus,
com o rosto coberto de pó e contorcido em temor,
vinde a mim,
junto a vós me humilharei trespassada pelos pássaros sem
lugar,
jejuarei na névoa, tocada pelos sonhos irreveláveis de Cristo
adormecido na tempestade,
perderei os meus filhos para achá-los esvaziados de sangue no
último destino das mães sem peso.
Hão de nos rogar peixes com pulmões indolores.

[O QUE TOCOU A MINHA NUDEZ]

O que tocou a minha nudez como a uma casa inextricável onde um cervo morre?

A terra se lembra da sombra de uma mão sobre a relva?

Se aquele que caminha sobre a superfície das águas renuncia ao ninho,

quem alcançará as luas ao largo de toda a fonte?

Dura noite aberta aos anjos que estancam o sangue peregrino de uma criança intocada.

Silêncio tão tangível quanto o sonho de um animal que não respira.

E nunca pelo meu ventre uno a casa à carne, a âncora à morte.

Mas perece a espada em um coração,

e os girassóis são límpidos como o sacrifício.

O cisne ressuscita sua úlcera,

e a Primavera, alteia a coroa estéril, a alegria vã?

[MULHER FERIDA NO VENTRE]

Mulher ferida no ventre pela morte agarrada a seu tesouro.

E que é o ventre, criança adorada?

O coração violado do pássaro que regressa.

Mulher ferida no seio pelo medo dourado de um homem
estelar.

E que é o seio, criança adorada?

Uma corça abatida.

Mulher ferida na boca pela seiva gestada no fundo do espelho.

E que é a boca, criança adorada?

A devoção à ruína.

Mulher ferida nos olhos pelo silêncio de uma criatura amada
em sonho.

E que são os olhos, criança adorada?

A glória assombrada pelo útero que crepita no exílio do meu
sangue.



ISADORA EGLER

Isadora Egler (Brasília, 1999). Poeta. Possui textos publicados em revistas físicas e virtuais e, em 2018, foi vencedora do terceiro lugar do Prêmio Off Flip na categoria poesia.

[CASO O CORAÇÃO BATESSE]

caso o coração batesse
apenas uma vez ao
dia seria
possível passar
alguns instantes
na ilusão de
acordar escovar os dentes apertar
os cintos
sem perceber
que há horas
se morrera
crescer em uma
casa onde a dinâmica dos
animais se parecia com
aquilo que fazem os camaleões
me ensinou algo sobre
camuflar-se para ataque sobre
uma constante guerra colorida
nenhum lugar para
se pôr os pés me ensinou
uma coisa ou outra sobre
biologia eu nunca
entendi as libélulas
essa coisa bonita que para no ar
sobrevivi para contar
a lenda do miocárdio porém
ainda com muito medo
de que num acaso ele palpite
por qualquer coisa
pouca

[ENTRE EU E VOCÊ]

entre eu e você
os feromônios já não têm mais coragem de pular de paraquedas
essa coisa de esperança nasce com a boca no pé e me coloca na
posição do caminho de santiago
vivo a calejar meus lábios
nada mais seguro que abolir os freios
é preciso que o beijo seja como a oferta de um atalho

escrevi pra te contar que hoje em dia ninguém anda de pajero

(WANNABE ATACAMA)

ainda que no final das contas
tudo se torne frágil como
ouriçar um deserto
não levantarei cabeça alguma de
despedida não voltarei à bíblia serei
pra sempre a primeira mulher
para quem não contaste sobre o verão
pra sempre escura nos lugares errados
1/3 criatura, nunca o suficiente para
alimentar um bezerro
sutil como confundir luto com a noite
que vem, te alegra de sermos somente nós, grãos
e não uma avenida principal, somente cristais
cresceremos queimados
me vigiará em cabeceira, há sempre surpresa
em pensar que antigamente
todo mundo admitia
que logo pela noite viria o frio
hoje em dia sabemos, é engraçado
seremos talvez para sempre inconstantes e arenosos
mas jamais áridos
nos amaremos de jeito desolado e encharcado
como os lençóis
desse país brasil

[SOLUÇÃO]

solução

assumir teu gosto por ciências

ouvir atenta ao fato de que limões dão mais
sumo após alguns
segundos no micro-ondas

encontrar motivos pra clamar a
são José inspiração a tal plano maligno

manter-me por dias na casa de pólvora
carregando somente um fósforo
entre as pernas.

[COMPARO SEUS DENTES]

comparo seus dentes com qualquer
objeto branco também
no cômodo

rezo pedindo tentar te enxergar
o sinônimo de sinônimo
a primeira
frase neutra de uma língua

chamo de um jeito você fala de outro
não tem saída há sempre
uma tendência de
substituir o céu por uma cor

você de noite me pergunta o quanto
te aproximo de um deus

respondo que ainda na igreja sem pedestal
não ousa entrar
sem antes me pôr de joelhos



JULIA MOURA

Júlia Moura (Brasília, 1999). É graduanda em História na Universidade de Brasília. Por meio de seu pai, escritor, desde pequena foi estimulada a mergulhar no mundo da literatura.

Integra o Coletivo Poético Assum Preto, junto com outros artistas que pulsam a veia das nuances latino-americanas, relacionam-se tanto com o verso arma como com o verso lírio. Militante da poesia, declara fazer parte dessa luta que de tão vã, se torna imprescindível. Inédita em livro.

ESTRANGEIRISMO

teu toque tapuia não
conduz-me ao salto
sequer à queda nessa
garganta infinita com
armas empunhadas por um
corpo convicto dos teus cartéis e da
tua chuva transbordando a
palavra exercitando o
derretimento matando os
sicários da minha ilusão
dia-a-dia
viciou-me a vista essa mania de
te adentrar de
te perfurar com a leveza dos
meus canhões
de te fazer acreditar e desacreditar
acreditar e destruir
erguer-me e negar
se esgueirar entre minhas intenções
equilibrando ideias recém
copiadas porque nada é tão
novo assim
nada é tão puro tão virgem
tão original quanto seus olhinhos
amêndoas ao me ver chegar
e partir
não há problema algum em
criar a doença e a cura, meu bem
nos queimamos só para abafarmos o
fogo com algum tipo de memória
ligeiramente fria e
está tudo bem
mas só enquanto eu
tiver teus olhinhos amêndoasescapismo

fazendo brotar a paz dos
que trepam com a miragem e só
com ela

A BOCA DE JEAN-LUC GODARD NO CORPO DE SAFO

eu preciso escrever um poema sobre a
língua daquele homem
eu preciso varrer o resto de república e
instaurar o regime do prazer
o regime da língua daquele homem
minha estrela d'alva em abate enquanto
ele risca cometas nas minhas costas
as veias da língua
as veias do braço
as veias do sexo em teiartemisia
tudo aponta religiosamente para a
hora do lobo
para a hora da caça e do corpomorfinas
pelos que crescem na direção do kaos
pelos que inundam-me a fome
um peito deus que quer morrer ao menos
uma vez entre minhas pernas
e por isso furta-me a áurea
o músculo da língua desse homem me
elevou ao patamar de Safo como
a primeira numa ilha do Egeu a fundar
a lírica do ocidente
mentiu-me Zaratustra como quem
funda a primeira religião monoteísta do oriente
fui eu
de mim
toda a ética e toda a transgressão que
divide o mundo em dois aquários
rachados e sujos foi instituída pela
mesma língua
a que pincelou o aro da minha
existência e de outra
há sempre outra
outro aro

mais brilhoso menos rijo que
nunca se rompe de tanto lustrar-se
avant la naissance
après la mort
meu corpo molhado em

retalhos anunciando a ruptura
o sono dos tigres
o sono da língua desse homem
a delicadeza é definitivamente
uma outra dimensão

TRANSVERSADA

todas as coisas me são lícitas mas
nem tudo me atravessa nem
tudo me arruína o desamparo nem
tudo me convém
aliciar minúcias engolir
também a silhueta do
poema e seus espasmos
psicossomáticos
me convém seus olhos grandes
regando minha orfandade
me convém dividir contigo aquele
abacate com açúcar no meio da tarde
me convém afundar teus pés numa
mordida num mel no riacho do meu ventre
me convém arar teus pensamentos com
meus cílios de não caber
todas as coisas me são lícitas mas
nem tudo me atravessa
é preciso ritualizar a vida a cidade o
sexo a nuca tua cintura a gota que escorre
carinhando o vidro e arrastando a carcaça dos dias
todas as coisas são sagradas e
se transformam amiúde
elas lhe invadem e isso você não
controla
me convém ser atravessada pelo descontrole
me convém rasgar o véu da
realidade e me deitar com
Caeiro e sua balada lúcida de meio
mundo e um fado

me convém a ruptura o descumprimento
a fratura da nossa inutilidade o kaos de
grandes dentes e alívio
todas as coisas me são lícitas mas
nem tudo me atravessa

A CONFISSÃO DA LEOA

há um bicho no meu quarto
unhando-me os poemas
rasgando minhas estrias com
perguntas cauterizadas
palavras andando de quatro
subindo pelas paredes
rastejando mentiras aliciadoras
garras atravessando coisas elucidadas
exorcizando meus instintos como se algo lhes
habitasse
meus olhos em direção à chuva ácida da
desordem derretendo tudo que é
monumental
as paredes despindo-se do branco reivindicando
a nudez das serpentes
minha pele ardendo de prazer cantando o
desespero dos signos prostrados ante
o farelo das cores da vontade

há um bicho no meu quarto bebendo
da minha natureza
no hiato da palavra o cabe nascendo
e morrendo incessantemente
há mais da morte na vida que na
própria morte
ver tudo pela primeira vez
esquecer tudo pela última vez
há um bicho no meu quarto e
não há mais ninguém aqui

CICATRIZ DO DESEJO

desencarnar a memória eu
já estraçalhei o sonho proibido
resto inquisidor
mentes quando juras que
me engoliu
sei da minha
coxa entre seus dentes
pendurada à última centelha de
carne e desilusão
semidevorada
ainda há tanto nervo

SOBRE O ORGANIZADOR



FLORIANO MARTINS (Brasil, 1957). Poeta, editor, dramaturgo, ensayista, artista visual y traductor. En 1999 creó *Agulha Revista de Cultura*. Coordinó (2005-2010) la colección “Ponte Velha” de autores portugueses en Escritos Editora (São Paulo). Curador del proyecto “Atlas Lírico de Hispanoamérica”, de la revista *Acrobata*. Estuvo presente

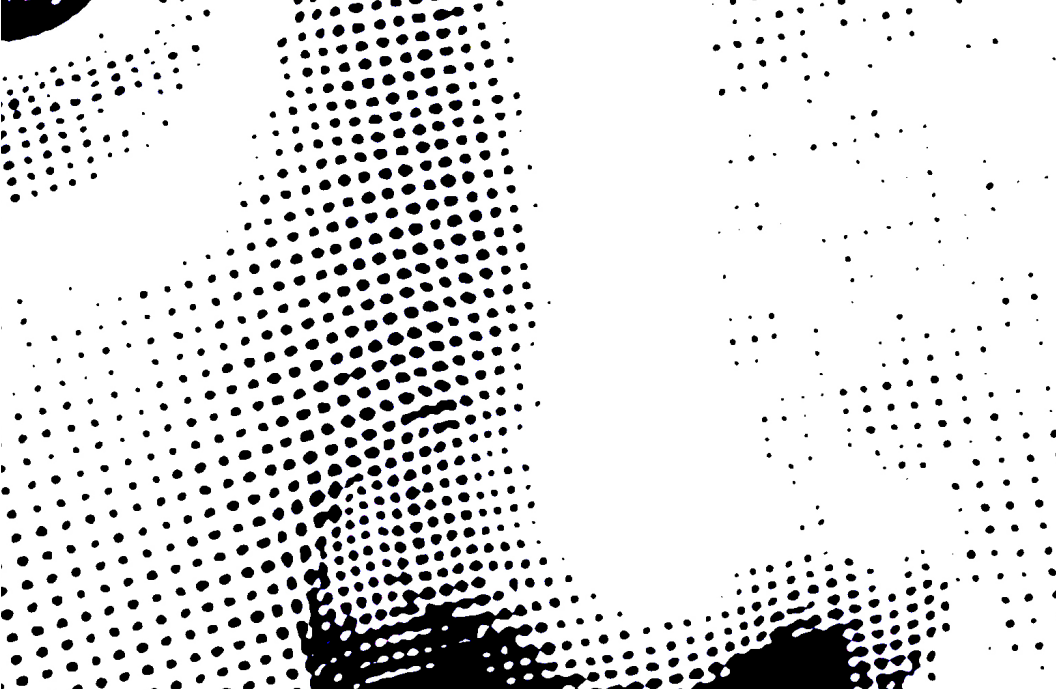
en festivales de poesía realizados en países como Bolivia, Chile, Colombia, Costa Rica, República Dominicana, El Salvador, Ecuador, España, México, Nicaragua, Panamá, Portugal y Venezuela. Curador de la Bienal Internacional del Libro de Ceará (Brasil, 2008), y miembro del jurado del Premio Casa das Américas (Cuba, 2009), fue profesor invitado en la Universidad de Cincinnati (Ohio, Estados Unidos, 2010). Traductor de libros de César Moro, Federico García Lorca, Guillermo Cabrera Infante, Vicente Huidobro, Hans Arp, Juan Calzadilla, Enrique Molina, Jorge Luis Borges, Aldo Pellegrini y Pablo Antonio Cuadra. Entre sus libros más recientes se encuentran *Un poco más de surrealismo no hará ningún daño a la realidad* (ensayo, México, 2015), *El Iluminismo es una ballena* (teatro, Brasil, en colaboración con Zuca Sardan, 2016), *Antes de que se cierre el árbol* (poesía completa, Brasil, 2020), *Naufragios del tiempo* (novela, con Berta Lucía Estrada, 2020), *Las mujeres desaparecidas* (poesía, Chile, 2022), y *Sombras en el jardín* (poesía, Brasil, 2023).



Sob a pele da língua – Breviário poético brasileiro, de Floriano Martins, se terminó de ensamblar en su versión digital en enero de 2025.

En su composición se utilizaron los tipos : Californian FB, Linux Libertine, Minion Pro, JMH Typewriter: 10, 12, 14, 18.





2025



**Colección Libros Imposibles
2025**